



Faculdade de Letras da Universidade do Porto

***Iconografia das Imagens das Igrejas Paroquiais do
Concelho de Espinho***

Diana Irene de Almeida Quintas

**Dissertação de Mestrado em História da Arte Portuguesa
apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto**

Orientador Científico: Doutor Luís Alberto Esteves Casimiro

Porto, Setembro 2011

Índice

1. Introdução.....	9
2. Igrejas Paroquiais.....	12
2.1) Igreja de Espinho.....	12
2.1.1 – Notas históricas e descrição do exterior.....	12
2.1.2 – Descrição do interior	14
2.2) Igreja de Anta.....	17
2.2.1 – Notas históricas e descrição do exterior.....	17
2.2.2 – Descrição do interior.....	18
2.3) Igreja de Silvalde.....	20
2.3.1 – Notas históricas e descrição do exterior.....	20
2.3.2 – Descrição do interior.....	23
2.4) Igreja de Paramos.....	24
2.4.1 – Notas históricas e descrição do exterior.....	24
2.4.2 – Descrição do interior.....	27
2.5) Igreja de Guetim.....	28
2.5.1 – Notas históricas e descrição do exterior.....	28
2.5.2 – Descrição do interior.....	29
3. Iconografia das Imagens das Igrejas Paroquiais.....	32
3.1) Ana.....	32
3.1.1 – História.....	32
3.1.2 – Culto.....	32
3.1.3 – Iconografia.....	33
3.2) António de Lisboa.....	34
3.2.1 – História.....	34
3.2.2 – Culto.....	34
3.2.3 – Iconografia.....	35
3.3) Brás.....	36
3.3.1 – História.....	36

3.3.2 – Culto.....	36
3.3.3 – Iconografia.....	37
3.4) Catarina de Alexandria.....	37
3.4.1 – História.....	37
3.4.2 – Culto.....	38
3.4.3 – Iconografia.....	38
3.5) Cecília de Roma.....	39
3.5.1 – História.....	39
3.5.2 – Culto.....	39
3.5.3 – Iconografia.....	40
3.6) Cosme e Damião.....	40
3.6.1 – História.....	40
3.6.2 – Culto.....	41
3.6.3 – Iconografia.....	41
3.7) Cristo Crucificado / Senhor da Agonia.....	42
3.7.1 – História.....	42
3.7.2 – Culto.....	42
3.7.3 – Iconografia.....	42
3.8) Cristóvão.....	44
3.8.1 – História.....	44
3.8.2 – Culto.....	45
3.8.3 – Iconografia.....	46
3.9) Estêvão.....	46
3.9.1 – História.....	46
3.9.2 – Culto.....	47
3.9.3 – Iconografia.....	47
3. 10) Expedito.....	48
3.10.1 – História.....	48
3.10.2 – Culto.....	48
3.10.3 – Iconografia.....	48
3.11) Francisco de Assis.....	49
3.11.1 – História.....	49
3.11.2 – Culto.....	49

3.11.3 – Iconografia.....	49
3.12) Inês de Roma.....	50
3.12.1 – História.....	50
3.12.2 – Culto.....	51
3.12.3 – Iconografia.....	51
3.13) João Baptista.....	52
3.13.1 – História.....	52
3.13.2 – Culto.....	53
3.13.3 – Iconografia.....	53
3.14) Joaquim.....	54
3.14.1 – História.....	54
3.14.2 – Culto.....	55
3.14.3 – Iconografia.....	55
3.15) José.....	55
3.15.1 – História.....	55
3.15.2 – Culto.....	56
3.15.3 – Iconografia.....	56
3.16) Judas Tadeu.....	57
3.16.1 – História.....	57
3.16.2 – Culto.....	58
3.16.3 – Iconografia.....	58
3.17) Luís Gonzaga.....	59
3.17.1 – História.....	59
3.17.2 – Culto.....	59
3.17.3 – Iconografia.....	59
3.18) Lúzia.....	60
3.18.1 – História.....	60
3.18.2 – Culto.....	60
3.18.3 – Iconografia.....	60
3.19) Maria Goretti.....	61
3.19.1 – História.....	61
3.19.2 – Culto.....	62
3.19.3 – Iconografia.....	62

3.20) Martinho de Tours.....	63
3.20.1 – História.....	63
3.20.2 – Culto.....	63
3.20.3 – Iconografia.....	64
3.21) Menino Jesus.....	64
3.21.1 – História.....	64
3.21.2 – Culto.....	65
3.21.3 – Iconografia.....	65
3.22) Miguel Arcanjo.....	66
3.22.1 – História.....	66
3.22.2 – Culto.....	66
3.22.3 – Iconografia.....	67
3.23) Nossa Senhora.....	67
3.23.1 – História.....	67
3.23.2 – Culto.....	68
3.23.3 – Iconografia.....	68
3.24) Nossa Senhora da Ajuda.....	69
3.24.1 – História.....	69
3.24.2 – Culto.....	69
3.24.3 – Iconografia.....	70
3.25) Nossa Senhora da Boa Nova.....	71
3.25.1 – História.....	71
3.25.2 – Culto.....	71
3.25.3 – Iconografia.....	71
3.26) Nossa Senhora da Conceição.....	72
3.20.1 – História.....	72
3.20.2 – Culto.....	72
3.20.3 – Iconografia.....	73
3.27) Nossa Senhora das Dores.....	75
3.27.1 – História.....	75
3.27.2 – Culto.....	75
3.27.3 – Iconografia.....	76

3.28) Nossa Senhora de Fátima.....	76
3.28.1 – História.....	76
3.28.2 – Culto.....	77
3.28.3 – Iconografia.....	77
3.29) Nossa Senhora da Guia.....	79
3.29.1 – História.....	79
3.29.2 – Culto.....	79
3.29.3 – Iconografia.....	79
3.30) Nossa Senhora de Lourdes.....	80
3.30.1 – História.....	80
3.30.2 – Culto.....	81
3.30.3 – Iconografia.....	81
3.31) Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.....	83
3.31.1 – História.....	83
3.31.2 – Culto.....	83
3.31.3 – Iconografia.....	83
3.32) Nossa Senhora Rainha dos Anjos.....	85
3.32.1 – História.....	85
3.32.2 – Culto.....	85
3.32.3 – Iconografia.....	85
3.33) Nossa Senhora do Rosário.....	86
3.33.1 – História.....	86
3.33.2 – Culto.....	86
3.33.3 – Iconografia.....	86
3.34) Nossa Senhora da Soledade.....	87
3.34.1 – História.....	87
3.34.2 – Culto.....	87
3.34.3 – Iconografia.....	87
3.35) Rita de Cássia.....	88
3.35.1 – História.....	88
3.35.2 – Culto.....	88
3.35.3 – Iconografia.....	88
3.36) Sagrado Coração de Jesus.....	89

3.36.1 – História.....	89
3.36.2 – Culto.....	90
3.36.3 – Iconografia.....	90
3.37) Sagrado Coração de Maria.....	91
3.37.1 – História.....	91
3.37.2 – Culto.....	92
3.37.3 – Iconografia.....	92
3.38) Sebastião.....	93
3.38.1 – História.....	93
3.38.2 – Culto.....	94
3.38.3 – Iconografia.....	94
3.39) Senhor dos Passos.....	95
3.39.1 – História.....	95
3.39.2 – Culto.....	95
3.39.3 – Iconografia.....	96
3.40) Teresa de Lisieux.....	97
3.40.1 – História.....	97
3.40.2 – Culto.....	97
3.40.3 – Iconografia.....	98
3.41) Tiago (Maior).....	99
3.41.1 – História.....	99
3.41.2 – Culto	99
3.41.3 – Iconografia.....	100
3.42) Tirso.....	101
3.42.1 – História.....	101
3.42.2 – Culto.....	101
3.42.3 – Iconografia.....	101
3.43) Vicente Ferrer.....	101
3.43.1 – História.....	101
3.43.2 – Culto.....	102
3.43.3 – Iconografia.....	102
4. Conclusão	103
5. Bibliografia	104

Lista de Anexos

1. Documentação Fotográfica	109
2. Tabelas.....	217
3. Inventários das Imagens.....	222
- Igreja Matriz de Espinho.....	222
- Igreja de S. Martinho de Anta.....	251
- Igreja de S. Tiago de Silvalde.....	265
- Igreja de Santo Tirso de Paramos.....	290
- Igreja de Santo Estêvão de Guetim.....	304

Lista de Abreviaturas e Siglas

d.C	depois de Cristo
N^a Sr.^a	Nossa Senhora
n^o	número
p.	página
pp.	páginas
p^e	Padre
St.	Saint
S.	São
vol.	volume
vols.	volumes
VV. AA.	Vários Autores

1. Introdução

O projecto em questão tem como objecto de estudo as imagens religiosas, esculturas, que se encontram no interior do espaço sacro, das cinco igrejas paroquiais do concelho de Espinho.

Desde o início do mestrado que pensamos em trabalhar neste projecto. Para além de ser um tema com o qual temos muita afinidade, pareceu-nos ser também um tema bastante interessante. Uma espécie de uma colectânea nunca antes realizada, o que torna este trabalho num projecto inovador.

Decidimos optar pelo concelho de Espinho, constituído por cinco freguesias e integrado no distrito de Aveiro, porque é o concelho no qual residimos. Um local com o qual também temos afinidade.

Sendo assim, o objectivo deste projecto é conseguirmos obter uma perspectiva diferente das imagens religiosas destas igrejas, que as observemos com outros olhos, ao mesmo tempo que as analisamos, uma por uma, depreendendo o que se esconde por detrás de cada uma delas. Cada imagem tem um passado, um presente e um futuro. Logo, cada uma se deve ter em consideração, já que cada elemento ou símbolo que pertence a cada uma tem o seu significado, um significado próprio de cada. É bom que também salientemos que a religião, actualmente, é um dos motores da sociedade, sendo o seu património, por sua vez, um pólo bastante atractivo.

Quanto à sua organização, resolvemos dividi-lo em duas partes num único volume, por ser o mais prático. A primeira é a parte escrita, subdividida em dois itens principais: Igrejas Paroquiais e Iconografia das Imagens das Igrejas Paroquiais. A segunda é constituída pelos anexos, que, por sua vez, estão subdivididos em três itens: Documentação Fotográfica, Tabelas e Inventários das Imagens das Igrejas Paroquiais.

Especificamente, na primeira parte, o primeiro item dá-nos algumas directrizes sobre a história de cada uma das cinco igrejas, bem como do seu exterior e interior, segundo a perspectiva do observador; enquanto o segundo, que é o ponto principal deste projecto, expõe-nos, por ordem alfabética, os santos representados nas imagens, ficando a ter conhecimento da história, do culto e da iconografia de cada um, sendo este último factor o mais importante, que tanto pode ser analisado de forma simples ou por comparação, segundo a perspectiva da própria imagem do santo, pois é nela que reside o

porquê de termos escolhido ordenar os santos pela ordem indicada anteriormente. Há que igualmente referir que, em especial, nos dois primeiros subtítulos do segundo item poderão haver poucas referências a um determinado santo, devido à falta de informação sobre esse mesmo santo.

Já na segunda parte, o primeiro item mostra-nos a recolha fotográfica realizada ao longo do nosso percurso, que se encontra por ordem numérica e que corresponde às igrejas e ao nosso objecto de estudo conforme o texto, estando neste, esta mesma recolha, referida em nota de rodapé, por volume e página. Neste tópico não poderão visualizar, de todas as igrejas, a planta arquitectónica de Paramos, porque não nos foi possível encontrá-la, já que, por razões inexplicáveis, não existe.

O segundo item refere-se às tabelas, nas quais encontram-se organizados os dados sobre a localização das imagens nas respectivas igrejas; e, por fim, o terceiro mostra-nos os inventários de cada imagem, conforme a igreja paroquial em que esta se encontra, cujas dimensões encontram-se definidas por altura, largura e profundidade. Quer o primeiro item, quer o segundo, ambos possuem legendas dos objectos em análise.

Sendo assim, quanto a esta primeira parte, há certos aspectos que pretendemos salientar, pois são importantes e merecem uma explicação. A começar pelas palavras em *itálico*, sublinhadas e a **negrito**. As em *itálico* servem para destacar o nome das obras escritas, ou uma citação retirada de uma destas mesmas obras, ou as palavras que se podem observar num atributo de alguma imagem, bem como aquelas que requerem o uso do *itálico*. As sublinhadas, presentes no terceiro tópico do Cristo Crucificado, servem para destacar, neste caso, dois temas distintos que são importantes para a sua iconografia. Enquanto as de **negrito** servem para reencaminhar-nos às figuras em anexo, as que se encontram na Documentação Fotográfica, já que são estas que ilustram o que vai sendo descrito ao longo do texto.

Depois temos os nomes das freguesias do concelho de Espinho, que surgem entre parêntesis na parte da iconografia. Este factor só acontece quando uma determinada imagem religiosa se encontra em mais de que uma igreja. Ao compararmos umas com as outras, constatamos que existem semelhanças e diferenças entre elas. Daí que, ao definirmos as suas semelhanças, tendemos a indicar as ditas imagens pelo local onde estas mesmas se encontram, com o objectivo de uma melhor compreensão da

nossa linha de pensamento que seguimos aquando desta análise comparativa. E, por último, quanto às referências bíblicas, essas se encontram inseridas, entre parêntesis, no decorrer do texto, por uma questão de ser o mais indicado.

Para finalizar, não podemos deixar de referir o nosso percurso no decorrer deste projecto até chegar a este resultado final. Podemos defini-lo, por isso mesmo, em três fases. A primeira refere-se ao processo de investigação que tivemos de realizar para conseguirmos recolher a bibliografia necessária, que contribuísse para o trabalho, percorrendo algumas bibliotecas, visitando alguns sites da internet e fazendo um levantamento fotográfico no campo. Já a segunda, esta está de acordo com a realização deste mesmo projecto, o qual tivemos que o elaborar por partes, para uma melhor organização das ideias. Por último, a terceira e última fase consiste numa grande apreensão das dimensões (altura, largura e profundidade), no campo, das imagens em estudo, o que demonstrou ser um pouco dificultoso e de muita minuciosidade. No entanto, esperamos que seja do agrado do caro leitor, pois este projecto final foi elaborado e pensado especialmente para aqueles que gostam da arte no geral. Sem mais demoras, desejamos-lhe uma boa apreciação deste humilde projecto.

2. **Igrejas Paroquiais**

2.1 **Igreja de Espinho**

2.1.1 – *Notas históricas e descrição do exterior*

A Igreja Matriz de Espinho é uma construção de estilo neo-românico, uma arquitectura do século XX que mais exemplificava esta época, bem como o carácter religioso desta grandiosa edificação (**Figura 1**).

Tudo começou em 1899, quando a capela de Nossa Senhora da Ajuda havia sido destruída, devido às constantes investidas do mar. Após este inevitável acontecimento, a Junta de Freguesia achou melhor construir uma nova igreja que ficasse bem longe deste perigo natural. A sua nova localização acabou por se concretizar num terreno que pertencia à Câmara Municipal, então no seu início após a fundação do concelho: «*Foi criado pelo Decreto de 17 de Agosto de 1899, publicado no «Diário do Governo», nº 189 de 24 de Agosto*».¹ Mas, no dia 19 de Março de 1901, o presidente da Junta de Freguesia, o Padre Manuel Pinto da Silva, de Avintes, conseguiu adquiri-lo por aforamento, apresentando de seguida aos seus autarcas uma planta do novo templo. No entanto, este projecto viria a ser rejeitado, já que a planta não se enquadrava no perfil do futuro de Espinho e da sua população.²

Após esta situação, a 5 de Janeiro do ano seguinte, o industrial Henrique Brandão propôs abertura de concurso, que foi aprovado passado alguns dias. Este projecto obedecia a certas regras. O novo templo podia ser de gosto livre, desde que tivesse capela-mor, corpo da igreja, baptistério, coro, púlpito, sacristia e respectiva arrecadação, torre única ou dupla; e enquadrasse um quarteirão que fosse limitado por quatro ruas (52 metros de comprimento por 20 metros de largura). O orçamento não poderia ultrapassar dos 15\$000\$000 reis.³

Passados dois meses foram apresentados três projectos, cada um elaborado por um arquitecto diferente: Augusto Eduardo Arouca e Hermogines Júlio dos Reis; José Marques da Silva; e Arnaldo Redondo Adães Bermudes. Contudo, todos estes projectos foram rejeitados, já que não estavam devidamente completos.

¹ BRANDÃO, Francisco Azevedo – *Anais da História de Espinho (985-1926)*. Espinho: [s/n], 1991, vol. 1, p. 53.

² QUINTA, João – *Espinho*. Espinho: Engrenagem, 1999, p. 126.

³ BRANDÃO, Francisco Azevedo – *Anais da História de Espinho (985-1926)*, p. 86.

Face a este imprevisto, o industrial Henrique Brandão, anteriormente mencionado, ofereceu novo projecto do supracitado architecto Adães Bermudes, a em estilo neo-românico, que conseguiu obter desta vez a tão esperada aprovação.⁴ Este architecto, para além de ser o autor do projecto, viria também a ser o fiscal da obra. Quanto à empreitada, alvenaria, cantaria, carpintaria, pintura, obras metálicas, rebocos das vidraças e ao fornecimento, todas estas funções foram atribuídas a Joaquim de Oliveira Barbosa, de Ramalde (Porto). Sendo assim, a subscrição total da obra ficou pelos 133\$930 reis.⁵

«A obra foi iniciada no dia 6 de Junho desse mesmo ano, com o assentamento da primeira pedra, por conta da Junta da Paróquia, de que era presidente o Padre Manuel Nunes de Campos».⁶ No entanto, no ano seguinte, este mesmo padre viria a ser transferido para outra paróquia, sendo substituído pelo Padre Joaquim Teixeira Pinto do Amaral, que, como veio a constatar-se, seria o grande impulsionador das obras desta igreja matriz, o grande dinamizador da sua empreitada.

De início, quando ele se inseriu na paróquia de Espinho, encontrou esta obra ainda nos alicerces, mas, com o decorrer das obras, tudo ele fez para que pudessem decorrer na maior segurança possível.

No ano de 1909, apesar de ainda estar a ser construída, já se fazia culto nesta nova igreja.

Foi benzida a 29 de Junho de 1916. Contudo, após este grande acontecimento, com o advento da República, a Junta de Freguesia deixou de financiar as obras, pagando, no entanto, todas as obras contraídas. Com esta situação política decadente, estas obras acabaram por ser suspensas, «*chegando a Igreja a estar encerrada, durante algum tempo*»⁷, o que fez com que o Padre Amaral fosse de porta em porta pedir esmola para a sua continuação, dizendo que a igreja era de todos os Espinhenses.

Quando houve o retomo das obras, uma das suas primeiras iniciativas foi dar início às obras da fachada em Junho de 1923.⁸ O que se faz logo notar que ele realmente dinamizou muito estas obras da nova igreja e conseguiu ver, ainda vivo, a igreja

⁴ QUINTA, João – *Espinho*, p. 127.

⁵ BRANDÃO, Francisco Azevedo – *Anais da História de Espinho (985-1926)*, p. 92.

⁶ QUINTA, João – *Espinho*, p. 127.

⁷ PEREIRA, Álvaro – *Espinho. Monografia*. Espinho: Edição do autor, 1970, p. 199.

⁸ BRANDÃO, Francisco Azevedo – *Anais da História de Espinho (985-1926)*, p. 325.

completa, quer interior, quer exteriormente, aquando dos últimos anos da década de 40 (**Figuras 2 e 3**).

A igreja matriz é um templo de vastas dimensões, apresentando grande unidade de estilo. Tem 58 metros de comprimento, 20.5 de largura e 45.5 de altura e está enquadrada num espaço urbano. O adro limitado por muro baixo com acesso por escadaria diante da fachada principal⁹ e que ocupa completamente o quarteirão, constituído pelas ruas 18, 27, 20 e 29 (**Figura 4**). Possui também diversos volumes escalonados, como por exemplo os pentagonais, que correspondem ao baptistério e ao necrotério (**Figura 5**), bem como a forma rectangular do corpo; com coberturas diferenciadas em telhados de duas águas e domo piramidal ou circular nas torres. Na fachada, por fim, que é onde se pode constar uma maior riqueza em termos decorativos, os elementos que mais a marcam são a grande torre central, que mede 4 metros, com a imagem do orago da freguesia no topo, e é composta por três sinos; as duas estátuas de granito, exteriores à torre, que representam a Fé, à esquerda, e a Esperança, à direita, esculpidas por António Cardoso, de Fornos (Vila da Feira); o grande tímpano de relevo, que representa o *Pantocrator*, no portal da entrada principal; e, por último, o relógio carrilhão que tem o peso de 250 quilos e que toca a “*Miraculosa*” de Fausto Neves (**Figuras 6 e 7**).¹⁰

2.1.2 – Descrição do interior

Com planta de cruz latina, esta igreja é composta por um átrio, uma nave única com transepto pouco saliente e por uma capela-mor rectangular, envolvida por três corpos mais baixos, que correspondem à sacristia e aos anexos e que, exteriormente, são volumetricamente distintos (**Figura 8**).

No átrio encontramos adossados um baptistério, à esquerda, e um necrotério, à direita. Quanto ao corpo da igreja, por seu turno, este é constituído por uma nave única, por um transepto e por uma capela-mor (**Figuras 9 e 10**).

A nave encontra-se dividida em três tramos em cada lado, sendo cada um composto por uma capela lateral com um retábulo feito em madeira.

⁹ Esta escadaria de acesso foi colocada, primitivamente, na largura do portal de entrada e só mais tarde é foi alargada, que, obviamente, é a que se impõe na actualidade.

¹⁰ Só muito mais tarde, relativamente às grandes obras da Igreja providenciadas pelo Padre Amaral, em 1952, é que este relógio carrilhão foi instalado na torre.

No lado do Evangelho existem o retábulo de Santa Teresa de Lisieux, figura central, ladeada por Santo Expedito, à esquerda, e S. Judas Tadeu, à direita (**Figuras 11, 125, 163 e 375**); o do Senhor dos Passos, que tem estampado, em toda a sua extensão, como se fosse um padrão, os símbolos da *Paixão* (**Figuras 12 e 364**); e o de Nossa Senhora da Ajuda, a padroeira, ladeada pelo Menino Jesus, à esquerda, e pela Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, à direita (**Figuras 13, 199, 213 e 277**). Ao passo que no lado da Epístola, por sua vez, o retábulo de S. Joaquim, ladeado por Santa Rita de Cássia, à esquerda, e por S. Luís Gonzaga, à direita (**Figuras 14, 145, 173 e 304**); o de Cristo Crucificado, ao centro, cuja imagem está enquadrada sobre uma pintura, que representa as almas do purgatório, e ladeada por S. João Baptista, à esquerda, e por S. Tiago Maior, à direita (**Figuras 15, 110, 141 e 391**); e, por fim, o de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, ladeada por Santa Ana, à esquerda, e por Santo António de Lisboa, à direita (**Figuras 16, 81, 85 e 234**).

No que diz respeito ao retábulo de Cristo Crucificado, o que mais nos suscita interesse é o facto de este estar precisamente em frente ao do Senhor dos Passos. Isto nos leva a supor que estes dois retábulos do tramo central da nave haviam sido traçados especialmente para essas imagens, pois retratam dois episódios da *Paixão de Cristo*, que por si só rematam o essencial da mensagem do *Cristianismo*.

Todos estes conjuntos se encontram encimados por tribunas com balaustradas igualmente de madeira, sobre as quais se abrem grandes janelas geminadas com vitrais policromos. Nelas também podemos visualizar, ao centro, sobre o guarda-vento, a presença de um órgão de tubos da autoria do organeiro G. Jann.¹¹

No que diz respeito ao transepto, podemos visualizar, nos topos, outros dois retábulos de madeira¹², dominados pelo vitral policromo que ocupa a grande rosácea, e ladeados por outros dois com cenas religiosas¹³, sendo que o do Evangelho é o do Sagrado Coração de Jesus, ao centro, ladeado por S. Sebastião, à esquerda, e por Santa Cecília de Roma, à direita (**Figuras 17, 105, 313 e 351**); e o da Epístola o do Sagrado

¹¹ Este órgão de tubos é uma obra muito póstuma à conclusão definitiva das obras da nova igreja, já que só foi inaugurado a 16 de Julho de 1990.

¹² Estes retábulos, anteriormente à colocação dos vitrais laterais no transepto, localizavam-se nesse mesmo local, tal como na actualidade, mas a ladear a capela-mor.

¹³ No lado do Evangelho temos, à esquerda, *Santa Margarida* e, à direita, o *Bom Pastor*; ao passo que no lado da Epístola, à esquerda, a *Anunciação* e, à direita, a *Fuga para o Egipto*.

Coração de Maria, que, por sua vez, se encontra ladeada por Nossa Senhora da Conceição, à esquerda, e por S. José, à direita (**Figuras 18, 148, 223 e 340**).

Nesta secção também é-nos possível observar, um largo estrado de madeira de forma quadrada, colocado recentemente na sua parte central, onde está situada a mesa do altar, que permite a ligação à capela-mor.

Por último, a capela-mor é rectangular e a sua entrada é sublinhada por um grande arco triunfal pleno, encimado por uma sanefa de madeira à cor natural. Também é constituída por um grande retábulo de madeira, que se encontra sob um triplo vitral que representa a *Crucifixão*, bem como uma pequena imagem da padroeira sobre o trono eucarístico, ao centro, por cima do sacrário, que se encontra ladeado por dois anjos que parecem anunciar a Boa Nova.¹⁴ Quanto às suas laterais, nestas podemos observar a existência de cadeirais e tribunas, cujos paramentos estão quase completamente revestidos de painéis de azulejos que representam alguns episódios da vida de Cristo e que são da autoria do arquitecto Inácio de Sá (**Figura 19**).¹⁵

Realçando toda a marcenaria deste interior, podemos referir que é da autoria de Alberto Sousa Reis e os seus vitrais do professor espinhense, Silvério Vaz, sendo que estes últimos foram os que assinalaram o término das obras desta igreja.¹⁶ Quanto ao tecto, no átrio, este é plano e decorado por caixotões quadrangulares, ao passo que, quer na nave quer na capela-mor, o tecto deixou de ser plano para se tornar num de abóbada de berço com proeminente marcação dos tramos.

No que diz respeito à questão dos retábulos, queremos realçar o seu formato e a sua estrutura. Todos eles são esculpidos em madeira de estilo neo-românico, embora nos dos topos do transepto assistimos a um trabalho mais elaborado a nível arquitectónico. Portanto, cada um deles está composto por três nichos, à excepção de um, o que se encontra ao centro da nave do lado do Evangelho, já que possui apenas um nicho. Sendo assim, a disposição das imagens nos retábulos de três nichos é a seguinte: ao centro encontra-se uma de grandes dimensões, que está ladeada por outras duas, que são de média ou pequena dimensão. Quanto à de um só nicho, este tem apenas uma

¹⁴ Outrora existiu neste mesmo lugar uma grande pintura ou tela da padroeira, de Nossa Senhora da Ajuda.

¹⁵ QUINTA, João – *Espinho*, p. 128.

¹⁶ *Ibidem*, p. 128.

imagem de grandes dimensões, que se encontra integrada num ambiente que se enquadra no tema da imagem.

2.2 Igreja de Anta

2.2.1 - *Notas históricas e descrição do exterior*

Apesar do seu aspecto parcialmente moderno, anteriormente, no local onde este edifício religioso se encontra edificado, situava-se o designado Mosteiro de Anta, que possivelmente, segundo o Padre Manuel de Oliveira, terá sido fundado pelo abade de Tudeilo a 1037.¹⁷ Contudo, a construção desta igreja paroquial remonta-nos para o século XVII. Todavia há notícia que já existia possivelmente em 1561.¹⁸

Durante os séculos XVII-XVIII, este templo era simples, estreito e de altura média. As suas primeiras obras de melhoramento deram lugar no século XVIII. Portanto, a igreja ficou com uma nova fachada com torre e obteve outras janelas, ficando assim mais iluminada.

Em 1808, o edifício religioso viria a passar uma nova reconstrução e ampliação, que resultaram num aumento considerável da capela-mor; e numa reforma generalista pelo seu restante espaço, tal como a colocação de novos altares com aproveitamento dos antigos colaterais (**Figura 20**).

Ficou neste aspecto até 1984, data em que se realizou um novo aumento da igreja, em estilo arquitectónico moderno, que lhe alterou parcialmente a traça original, mas que, no entanto, permitiu aos fiéis obter mais espaço para as suas actividades.

A Igreja de S. Martinho de Anta enquadra-se num espaço urbano, ladeada a nascente pelo cemitério, a norte pelo Salão Paroquial, a poente por um arruamento municipal e a sul pelo edifício da Junta de Freguesia e um jardim público, no qual se destaca um cruzeiro datado dos séculos XVII/XVIII (**Figura 21**).

De planta longitudinal, a nível exterior, este edifício é constituído por uma fachada com torre sineira no lado esquerdo, que com o passar dos anos não perdeu a sua importância; uma nave rectangular modernizada e muito espaçosa em largura, com entrada lateral no lado Sul; por uma capela-mor, cuja volumetria é mais estreita e

¹⁷ RODRIGUES, Albertino Amaro de Sousa – *S. Martinho de Anta. Documentos*. Anta: [s/n], 1997, vol. 1, p. 57.

¹⁸ QUINTA, João – *Espinho*, p. 231.

ligeiramente mais pequena do que a da nave; e, por fim, por uma sacristia e uma capela mortuária, que se localizam no lado norte da igreja, anexadas à capela-mor (**Figuras 22 e 23**). Estas duas últimas secções são modernas, são divisórias construídas nas obras realizadas em meados do século XX. Uma delas, a capela mortuária, possui acesso independente, uma galeria coberta, que corresponde ao estilo da entrada lateral da nave.

Contudo, a que dá mais destaque e historicidade ao próprio edifício é a fachada principal. Esta encontra-se delimitada por pilastras com cimbalhas adinteladas, com linha da empena recortada, cujas laterais estão coroadas por remates cilíndrico-piramidais, e com frontão interrompido com enrolamento central, bem ao sabor serliano¹⁹, coroado por uma cruz de pedra sobre um plinto. Ao centro visualizamos a porta principal, encimada por uma janela que ilumina o coro e sobrepujada por um nicho que abriga uma estátua de pedra de S. Martinho de Tours. Nesta zona central, a ladear a janela, podemos igualmente observar dois azulejos que representam os dois padroeiros da igreja paroquial de Anta: S. Mamede, o antigo, à esquerda, e S. Martinho de Tours, o actual, à direita (**Figura 24**).

Quanto à torre sineira, é ornamentada, ao centro, por um relógio e encimada por uma fina cruz de metal. Quer a torre e quer a fachada principal, ambas estão decoradas por azulejos de padrão azuis e brancos.

2.2.2 – Descrição do interior

A Igreja Paroquial de Anta, como já o havíamos referido no ponto anterior, sofreu uma grande alteração, em relação à planta original, em termos arquitectónicos no que diz respeito à zona da nave, factor que se pode constatar quer interiormente quer exteriormente, bem como na própria planta. O seu interior é composto por um átrio, por uma nave e por uma capela-mor (**Figuras 23 e 25**).

Do guarda-vento até à nave existe um espaço. No lado esquerdo desse mesmo espaço encontramos uma imagem de Nossa Senhora Rainha dos Anjos; o baptistério, decorado por azulejos de padrão azuis e brancos; e uma pequena escadaria com acesso ao Coro Alto.

Quanto à nave, propriamente dita, esta é espaçosa e muito moderna. O tecto é quadrado e é todo branco, tendo ao centro uma pseudo-cúpula, circular e em caixilharia

¹⁹ Um exemplo deste tipo de remate no norte do país é a Capela do Senhor da Pedra em Miramar, Gulpilhares, Vila Nova de Gaia.

com vidros do tipo de Saint Bobain. Já as paredes laterais são, igualmente, caiadas de branco e estão decoradas com pinturas que representam os passos da *Paixão de Cristo*. Contudo, ao centro da parede do lado sul podemos visualizar uma entrada semi-circular sobre um fundo quadrado, feita de metal e vidro, que constitui o único foco de iluminação da nave.

Ao centro da parede nascente podemos visualizar um grande arco assente em três degraus, que nos guiam até à mesa do altar e, por sua vez, ao arco triunfal em granito, que corresponde à entrada da capela-mor, que se encontra ladeado por duas imagens sobre suportes, o Sagrado Coração de Jesus, à esquerda, e a Nossa Senhora, à direita (**Figuras 26, 208 e 314**).

No que diz respeito à capela-mor, esta é estreita, cujo tecto, em abóbada de berço e caiado de branco, se encontra decorado com três imagens, três símbolos da Igreja²⁰. Também é constituída por três retábulos, dois laterais e um grande central, de estilo neoclássico (**Figura 27**).

Os retábulos laterais, que se localizam no centro da parede, têm a forma rectangular, cujos interiores encontram-se pintados de azul e decorados por pequenas estrelas. Cada um, sendo assim, só permite albergar uma única imagem. No do lado do Evangelho encontramos a imagem de Santa Teresa de Lisieux e no do lado da Epístola a de S. Francisco de Assis (**Figuras 28, 29, 128 e 376**).²¹

Enquanto o retábulo da capela-mor, proeminente devido à sua estrutura arquitectónica, possui uma estrutura escalonada, ao centro, sobre o sacrário, designada por trono eucarístico. Esta está rematada por um nicho destinado a receber a custódia para a exposição do Santíssimo Sacramento. Quer este nicho, quer o sacrário, ambos se encontram coroados por um resplendor. Sobre o trono eucarístico e respectivo nicho é-nos possível visualizar a imagem de um triângulo dourado envolvido por raios luminosos.

²⁰ A do centro representa os símbolos do Papa, a coroa papal, o cajado e a cruz latina, sobre os elementos eucarísticos. A que está próxima do retábulo central representa o cordeiro místico inserido num livro vermelho, que provavelmente é a *Bíblia*, sobre alguns dos símbolos da *Paixão de Cristo*. E, quanto à que está do outro lado, essa representa um livro aberto, a *Bíblia*, numa passagem de S. Lucas, sobre os outros símbolos da *Paixão de Cristo*.

²¹ Um dos antigos retábulos laterais, que data do ano de 1772, que ficou exposto ao público durante muito tempo. Actualmente encontra-se na capela mortuária. Apesar de ainda não abrigar a imagem principal, no seu lugar encontra-se uma Nossa Senhora de Fátima, ainda possui as outras duas imagens, que se localizavam nos nichos, a de S. Roque, à esquerda, e a de Santo António de Lisboa, à direita.

Por fim, nas zonas laterais, temos dois nichos nos quais se encontram as imagens do padroeiro, S. Martinho de Tours, à esquerda, e a de S. Miguel Arcanjo, à direita. Nas laterais deste mesmo retábulo, observamos, colocadas sobre finas colunas douradas, duas pequenas imagens: a de Santa Lúzia, à esquerda, e a de Santa Inês de Roma, à direita (**Figuras 30, 135, 180, 195 e 204**).

2.3 – Igreja de Silvalde

2.3.1 – Notas históricas e descrição do exterior

A Igreja Paroquial de Silvalde (**Figura 31**), localizada no topo da colina, substitui uma outra que ali existiu, cuja data remontaria ao século XI. É dedicada a S. Tiago Maior e começou a ser construída a 30 de Agosto de 1903, após a primeira fase das obras da capela-mor estarem arrematadas, sendo que a empreitada foi entregue a José Fernandes de Oliveira Félix.²²

O arranque das obras deveu-se a dois factores: à ajuda financeira feita pelos paroquianos e aos terrenos da região da Marinha, já que na altura eram uma grande fonte de receita económica.

Passados alguns meses, a 11 de Janeiro de 1904, o Padre Celestino Pinto Ferreira, que era quem estava, até então, à frente da paróquia, foi transferido para Paços de Brandão. E, como resultado disso, veio a ser substituído pelo Padre Manuel Nunes de Campos, o mesmo padre que dera início às obras da Igreja Matriz de Espinho.²³

Após esta transferência, passou-se à segunda fase das obras da capela-mor, cuja empreitada desta vez foi atribuída a Manuel Pereira da Silva. Também foi este senhor, quem realizou a empreitada das obras da sacristia. Portanto, a capela-mor desta nova igreja só ficou definitivamente concluída a 5 de Fevereiro de 1905, embora a sacristia continuasse a um bom ritmo (**Figura 32**).²⁴

A 3 de Setembro do mesmo ano, foram postas à arrematação pública, as obras de talha da tribuna e altar-mor. A concurso foram seleccionadas, conforme as normas previamente aprovadas pela Junta, três propostas: uma de Joaquim Alves Ferreira, outra de José Fernando d'Oliveira Félix e outra de Alberto de Sousa Reis. Esta última é a que

²² FAUSTINO, Artur – *Silvalde. Paróquia e Freguesia Milenária*, pp. 239 e 240.

²³ *Ibidem*, p. 243.

²⁴ *Ibidem*, p. 245.

foi escolhida pela entidade organizadora, pois a considerava a proposta mais vantajosa. Como podemos constatar na seguinte acta extraída do livro de Artur Faustino:

«Aos três de Setembro de mil novecentos e cinco, n'esta freguezia de Silvalde, do concelho da Feira e casa das sessões da Junta da Parochia, onde se achava o Reverendo Padre Manuel Nunes de Campos, Parocho d'esta freguezia, e os vogaes no fim assignados, e sendo nove horas da manhã, elle Presidente declarou aberta a sessão. [...] Estando annunciada para hoje a arrematação por carta fechada, das obras de deslocação e reconstrução da tribuna e altar-mor da nova capella-mor da igreja matriz d'esta freguezia, e tendo já passada a hora até quando a eram em número de trez, e que todas se achavam fechadas e enderessadas nas condições do concurso. Em seguida, e na presença de todos procedeu-se à sua abertura e leitura, verificando-se ainda que todas estavam conforme as referidas condições, e que eram: uma de Joaquim Alves Ferreira, de Paços de Brandão, que se obrigava a fazer a obra constante das condições aprovadas pela Junta, pela quantia de quatro centos setenta e cinco mil reis; outra de José Fernando d'Oliveira Félix com officina de carpintaria para construções na rua da Porta do Sol, no Porto, que se obrigava à obra referida pela quantia de trezentos e oitenta mil reis; e a terceira de Alberto de Sousa Reis, das Vendas de Grijó, que se propoz fazer a mesma obra pela quantia de trezentos setenta e nove mil reis. A Junta considerando que esta última proposta era a mais vantajosa, entregou a empreitada ao referido Reis, lavrando-se logo o respectivo auto assignado pela Junta e empreiteiro, ao qual se juntaram as respectivas condições e encargos, também rubricados e assignadas pelo dito Alberto de Sousa Reis [...].[sic]²⁵

Esta acta refere-se, também, a uma *deslocação da tribuna*, o que nos leva a concluir que, possivelmente, a tribuna do antigo templo terá sido transferida para este novo, o que originou a sua ampliação.

Segundo Artur Faustino, após uma visita que fez na companhia do Reverendo Manuel António, o actual padre, às traseiras do altar-mor, ele pôde constatar que o

²⁵ FAUSTINO, Artur - *Silvalde. Paróquia e Freguesia Milenária*, p. 246.

«altar deveria de facto ter sido aumentado, dado o acabamento da construção ter perfil arcaico».²⁶

De uma forma geral, tudo leva a crer que, em 1906, o corpo principal da igreja em toda a sua envergadura física já estava concluído. Contudo, este mesmo templo, em comparação com a sua aparência física actual, era completamente diferente, estava incompleto. Muitas foram as obras e os restauros realizados, quer no seu interior quer no seu exterior, *a posteriori*.²⁷ Estas mesmas passaram a ser fiscalizadas, por volta da década de 40, por um novo pároco, o Padre José Rodrigues Adrego. Durante este período, que foi um dos mais complicados no melhoramento desta igreja, muitos foram os pedidos para que fosse projectada uma nova torre sineira sobre o baptistério (**Figura 33**). No entanto, para desilusão de muitas pessoas desta época, esta só mais tarde é que viria a ser construída, mais precisamente em 2003, um século depois das obras iniciadas.

A Igreja Paroquial de Silvalde, actualmente é-nos apresentada como sendo um templo de planta longitudinal, que se encontra num amplo largo com adro delimitado por muro baixo em cantaria e rasgado frente da fachada principal por uma larga escadaria de um lanço que lhe dá acesso. No meio deste adro, existe, para além do edifício religioso, um cruzeiro datado do século XVII (**Figura 34**). Podemos constatar que, devido aos diversos conjuntos volumosos, a igreja é composta por uma nave, capela-mor, sacristia e por duas torres sineiras que emolduram a fachada principal. Esta mesma fachada está voltada a Oeste e é constituída por três corpos: o central corresponde à nave e os laterais às ditas torres. Em termos arquitectónicos, o corpo central está circunscrito por cunhais de pilastras, com remate em frontão triangular, tendo no vértice uma cruz latina. Todo esse corpo central se encontra também revestido por azulejos policromos, que envolvem o portal principal, o nicho que alberga a estátua de mármore de 2 metros de altura de S. Tiago Maior, que foi aí colocada em 1939 e é da autoria do mestre escultor Adriano Pereira Lopes, de Silvalde; e o grande vão de iluminação circular, a rosácea, cujo interior é feito de ferro, formando uma cruz. Quanto

²⁶ FAUSTINO, Artur - *Silvalde. Paróquia e Freguesia Milenária*, p. 246.

²⁷ Colocação de azulejos a revestir a fachada principal; as paredes exteriores; o adro e as suas obras de melhoramento, aquando da plantação de árvores; a construção de uma escadaria e sua ampliação à frente da entrada principal; a instalação eléctrica no interior; a colocação da imagem do orago no nicho da fachada principal; o alargamento da fachada principal para a introdução de um baptistério; e a colocação e funcionamento do relógio da torre sineira.

aos laterais, estes são de planta quadrada, divididos em três registos, que estão igualmente revestidos do mesmo tipo de azulejo que o central. O primeiro apresenta uma janela rectangular com gradeamento, o segundo, um óculo circular e quanto ao terceiro, este assenta sobre um friso e cornija, sendo um registo constituído por dois relógios, e, por fim, termina em gablete rematado por coruchéu cónico-piramidal, encimado por uma fina cruz **(Figuras 35-37)**.²⁸

2.3.2 – Descrição do interior

A igreja paroquial, interiormente, é composta, tal como o exterior sugere, por um guarda-vento, logo à entrada, uma nave única e uma capela-mor **(Figuras 38 e 39)**.

À esquerda do guarda-vento observamos o baptistério, à direita uma porta de acesso à torre, e, por cima, o coro alto, que é suportado por pilastras em granito liso, sendo que o seu parapeito assenta numa balaustrada de madeira, onde se encontra uma vulgar bancada.

Quanto à nave, as suas paredes laterais encontram-se decoradas por altares com nichos, todos em madeira exótica trabalhada e rematados e ornados com sanefas. Dois deles situam-se nos cantos que ladeiam a entrada para a capela-mor. O arco da entrada é formado por pilares de cantaria lisa, ornado com uma grande sanefa de madeira do mesmo estilo que as outras. No lado do Evangelho observamos os retábulos do Senhor dos Passos e de Nossa Senhora da Soledade, ladeados por Santa Catarina de Alexandria, à esquerda, e por Santa Lúzia, à direita **(Figuras 40, 101, 181, 301 e 365)**; do Sagrado Coração de Jesus, ladeado pelo Menino Jesus, à esquerda, e por Nossa Senhora da Conceição, à direita **(Figuras 41, 315, 199 e 223)**; e o de Nossa Senhora de Fátima **(Figuras 42 e 235)**. Ao passo que no lado da Epístola podemos, por sua vez, observar os retábulos de Nossa Senhora do Rosário, ladeada por Nossa Senhora das Dores, à direita, e por Santa Teresa de Lisieux, à esquerda **(Figuras 43, 231, 295 e 377)**; de Santo António de Lisboa, ladeado por S. Sebastião, à direita, e por Nossa Senhora da

²⁸ Mesmo não sabendo nada sobre a história da igreja, qualquer perito em história da arte, só pelo simples facto de contemplar este mesmo edifício religioso com atenção, seria capaz de se aperceber que as duas torres sineiras são de épocas diferentes, já que a pedra da torre sineira da esquerda é mais aclareada, mais polida, que a da direita. Mas não é apenas isto que as diferencia. As sineiras do terceiro registo também as distingue, pois a da esquerda é mais estreita que a do outro lado.

Boa Nova, à esquerda (**Figuras 44, 86, 218 e 352**); e de S. José (**Figuras 45 e 149**).²⁹ Um pormenor é que entre os retábulos colaterais à capela-mor e os centrais existe uma alminha e um nicho. A primeira, no lado do Evangelho, é uma pintura de Nossa Senhora do Carmo, enquanto o segundo, no lado da Epístola, possui uma escultura de S. Judas Tadeu (**Figuras 46, 47 e 164**).

Também encontramos nas paredes laterais dois púlpitos que estão próximos do retábulo central, que tal como este são de madeira; pequenas imagens em forma de cruz, que representam os passos da *Paixão de Cristo*; e friestas rectangulares, que são igualmente ornadas com sanefas e rematadas com cornijas de madeira notavelmente trabalhadas. Quanto ao tecto, é em abóbada de berço, ornado com molduras afluoradas (vulgo arabescos) em gesso e motivos sacros e completamente caiado de branco.³⁰

Finalizando, no que diz respeito à capela-mor, esta é mais estreita que a nave, embora siga a mesma linha: duas portas laterais, uma em cada lado, que permitem o acesso às sacristias e anexos; dois grandes pontos de iluminação, ambos ornados com sanefas; ao centro, uma mesa de altar, na qual se encontra enquadrada, em forma circular, uma imagem que se refere à multiplicação do pão e do peixe; o mesmo tecto em abóbada de berço; e, por fim, um grande altar-mor assente num baixo patamar em degraus, trabalhado da mesma forma artística que os restantes e que ocupa toda a parede nascente. Este retábulo-mor é constituído por um sacrário, por dois nichos laterais na sua parte central, que albergam as imagens de grande dimensão de S. Tiago Maior, o padroeiro, à esquerda, e de S. Francisco de Assis, à direita, e que ladeiam o trono eucarístico e uma pintura que representa a lavagem dos pés; e por uma nuvem, envolvida por raios luminosos, inserida na madeira da parte superior, cujas pontas são resguardadas por dois anjos, igualmente de madeira (**Figuras 48, 129 e 392**).

2.4 – Igreja de Paramos

2.4.1 – *Notas históricas e descrição do exterior*

A Igreja Paroquial de Paramos é uma das típicas igrejas regionais do século XIX (**Figura 49**).³¹ No entanto, outrora terão existido outras duas, inclusive, em Paramos. A

²⁹ Nestes retábulos, as imagens centrais são de maiores dimensões em comparação com as laterais, as imagens que se encontram nos nichos.

³⁰ FAUSTINO, Artur – *Silvalde. Paróquia e Freguesia Milenária*, p. 251.

³¹ SÁ, P^e Manuel F. de – *Monografia de Paramos*. Figueira da Foz: Tipografia Popular, 1937, p. 29.

primeira, que se situava onde existe actualmente o cemitério, era dos finais do século XII ou princípios do século XIII³²; ao passo que a segunda, datada dos finais do século XV, acabou por ser demolida em 1890, o que fez com que os três sinos e algumas das imagens que esta albergava fossem transferidos para o novo edifício religioso, benzido nesse mesmo ano a 4 de Setembro.³³

Quanto às obras realizadas na actual igreja paroquial dedicada a Santo Tirso e da autoria de José Maria de Lacerda, de Vila Nova de Gaia, duraram entre 1886 até 1890, como já o havíamos referido.

Como a antiga igreja encontrava-se num estado ruinoso, quer o Reitor Sá Fernandes quer os seus paroquianos ajudaram-se mutuamente, o que fez com que fosse possível construir uma igreja de tal envergadura, como a que visualizamos actualmente.³⁴

No entanto para que tal acontecesse, o Reitor decidiu escolher alguns homens, que passaram a ser o seu “braço-direito”. Esses homens foram Manuel Bernardes da Silva, que foi o que se encarregou da fiscalização das obras; Manuel Gomes da Silva, chamado de *Isabelinha*, que se ocupou da carpintaria; José Bernardes de Oliveira; José Fernandes de Sá e Manuel Pereira da Silva.

De seguida abriu-se uma subscrição pública, na qual o Reitor resolveu oferecer os seus serviços para esta grande causa, doando o terreno necessário para a sua edificação (do passal), 2 contos e 500.000 reis; e «*toda a alvenaria, transportada da sua pedraria em Vagonetas (...)*».³⁵

Em 1887, um ano depois de terem iniciado a sua construção, as obras de pedraria e de carpintaria estavam em vias de conclusão, sendo António Sineira e Joaquim Rocha, de Grijó, os arrematantes das primeiras; ao passo que as segundas, como havíamos referido, foram coordenadas pelo *Isabelinha*, que tudo fez para que as obras corressem da melhor maneira possível. Quanto à cantaria que toda a igreja possui, veio toda da Quinta da Cruz, da Vila da Feira.

³² QUINTA, João – *Espinho*, p. 244.

³³ As imagens (esculturas) transferidas de uma igreja para outra foram as de Santo Tirso (padroeiro), dos Sagrados Corações de Jesus e de Maria, de S. Caetano, de S. Francisco Xavier, do Menino Jesus, do Mártir S. Sebastião e da Senhora Aparecida.

³⁴ A iniciativa de se construir uma nova igreja matriz foi tomada por alguns zeladores e zeladoras do Sagrado Coração de Jesus, que o falecido Reitor fez questão de apoiar.

³⁵ SÁ, P^e Manuel F. de – *Monografia de Paramos*, p. 39.

Passado mais um ano, em 1888, deu-se por terminada a construção da torre da nova igreja, sendo colocados os três sinos da antiga, datados de 1846, nos seus respectivos campanários. E, só mais tarde, a Agosto de 1890, é que este novo edifício religioso já estaria coberto de telha, «pronta a tribuna de capela-mor, soalhado todo o templo (...), e feito o coro, com o rendimento da Mordomia de Santo Tirso»³⁶; acabando por ser benzido nesse mesmo ano, um mês depois. Neste mesmo dia, também aconteceu outro marco importante, a deslocação em procissão do Santíssimo Sacramento da igreja velha para esta nova. Três dias depois, pelas sete da manhã, as pessoas assistiram à sua primeira missa no novo templo, que foi celebrada pelo Reitor Sá Fernandes.

A Igreja Paroquial de Paramos é um edifício de planta longitudinal da autoria de José de Maria de Lacerda, enquadrado num espaço urbano, centrado num grande adro, que fica no topo de uma colina, no qual, à frente, observamos uma pequena escadaria de acesso e um cruzeiro, datado de 1734, e a sul o cemitério **(Figura 50)**.

É uma igreja de uma só nave, que, juntamente com as duas amplas sacristias, ocupa 600 m², sendo em termos volumétricos a nave e a capela-mor muito maiores que as sacristias, embora não se encontrem ao mesmo nível que a fachada principal. Daí constituir um edifício alto e relativamente vasto.

Como uma igreja regional típica da época em que foi construída, podemos constatar que a fachada principal tem mais decoração que as fachadas laterais e do lado nascente. Estas mesmas fachadas estão completamente caiadas de branco, tendo como único motivo de decoração as rectangulares e circulares friestas que iluminam o interior.

Sendo assim, a fachada principal é toda revestida por azulejo e composta por dois corpos, um rectangular e um triangular, encimados por uma torre sineira na parte central, que se destaca acima da empena e na qual se encontra um relógio. No primeiro podemos visualizar a porta principal, de madeira, sob um vitral rectangular, no qual temos inserido um desenho de uma cruz latina e que se encontra ladeado por dois nichos, o da esquerda com a imagem de S. Pedro e o da direita com a imagem de S. Paulo, duas figuras que são consideradas os pilares da Igreja. Enquanto o segundo, que corresponde ao frontão em cujo tímpano encontramos um nicho de menores dimensões que os outros dois. Neste nicho encontra-se uma escultura do padroeiro, Santo Tirso **(Figura 51)**.

³⁶ SÁ, P^e Manuel F. de – *Monografia de Paramos*, p. 40.

No geral, esta igreja «*prima pela sua amplitude, pela sua majestosa simplicidade, pela harmonia das suas linhas arquitectónicas e pela sua solidez*».³⁷

2.4.2 – Descrição do interior

A Igreja de Santo Tirso de Paramos, interiormente, é composta por uma nave única e por uma capela-mor. Muito recentemente, alguns objectos deste seu interior, como por exemplo os retábulos, foram restaurados ou estão a ser alvos de restauro **(Figura 52)**.

À entrada, para além do guarda-vento, temos o coro alto, que se localiza sobre este, com uma balaustrada de madeira e que está dividido em três tramos. No caso do central, temos o vitral da fachada principal. E, por fim, situado a um canto do tramo da direita, localizamos um pequeno órgão de tubos, de madeira.

Quanto à nave, as paredes laterais estão decoradas por pequenas esculturas em médio relevo, que representam os passos da *Paixão de Cristo*; por quatro vãos rectangulares, duas em cada lado; por dois púlpitos suspensos com dosséis; por um baptistério, no lado do Evangelho; por azulejos na parte inferior; e, por fim, por seis retábulos, quatro neoclássicos (dois ornados com sanefas e dois colaterais à capela-mor) e dois levantados em cortiça.

No lado do Evangelho, os retábulos neoclássicos são os do Sagrado Coração de Jesus, ladeado por Santa Maria Goretti, à esquerda, e por S. Luís Gonzaga, à direita **(Figuras 53, 174, 192 e 316)**; e do Senhor da Agonia **(Figuras 54 e 111)**. Ao passo que no lado da Epístola, eles correspondem aos do Sagrado Coração de Maria, ladeada por S. Sebastião, à direita, e por Santa Inês de Roma, à esquerda **(Figuras 55, 136, 341 e 353)**; e de Nossa Senhora de Fátima **(Figuras 56 e 236)**. Quer este, quer o do Senhor da Agonia são os retábulos colaterais à capela-mor, cuja entrada é um arco-cruzeiro ornado por uma sanefa. Quanto aos retábulos levantados em cortiça, o do Evangelho é dedicado a Nossa Senhora de Lourdes, dando a ilusão de ser a gruta na qual ela surgiu **(Figuras 57 e 267)**; e o da Epístola a S. José **(Figuras 58 e 150)**.³⁸

³⁷ SÁ, P^e Manuel F. de – *Monografia de Paramos*, p. 34.

³⁸ As imagens centrais são de grandes dimensões, principalmente as que estão nos retábulos levantados em cortiça, enquanto que as que estão nos nichos laterais são de menor dimensão. Destas, só uma é que é excepção, a de Santa Maria Goretti, que é de média e que, por isso, nota-se que não coincide com o nicho, o que nos faz prever que esta escultura não é, originalmente, desse local.

No que diz respeito ao tecto da nave, este é abobadado e caiado de branco, com dois candelabros suspensos e oito pinturas estampadas, que ilustram os apóstolos. Do lado do Evangelho temos S. Matias, S. Tomé, S. Pedro e S. Bartolomeu, e do lado Epístola, S. Felipe, S. Simão, S. Paulo e S. Tiago (**Figuras 59 e 60**).

Por último, a capela-mor tem menos largura que a nave, embora continue a ser espaçosa (**Figura 61**). Nela podemos também visualizar azulejos na parte inferior, quatro vãos rectangulares; e, por último, um tecto do mesmo estilo que o da nave, que também tem estampado pinturas, representando os quatro evangelistas: S. Mateus e S. Marcos no lado do Evangelho e S. Lucas e S. João no lado da Epístola (**Figuras 62-65**).

No que diz respeito ao retábulo principal, o elemento que domina a capela-mor, como todos os outros desta época, ele é composto por três partes: a inferior, que corresponde à bancada e onde existe o sacrário; a intermédia, que revela ser a maior e de grande qualidade arquitectónica, e na qual dois nichos se destacam, o da esquerda com a imagem de Santo Tirso e o da direita com a imagem de Santo António de Lisboa, a ladearem uma grande pintura central. Esta ilustra a *Última Ceia* com a presença do Espírito Santo sobre a forma de uma pomba, elemento que já alcança a terceira e última parte, a superior, ficando entre duas figuras femininas vestidas de rosa e azul. Também nesta zona superior, no topo, existe um tímpano semi-circular ornado por uma sanefa, cujo interior tem a imagem de um triângulo sobre uma nuvem, do qual irradiam raios luminosos. Como já havíamos referido em tópicos anteriores, esta imagem é uma alusão simbólica à *Santíssima Trindade* (**Figuras 61, 87 e 401**).

2.5 – Igreja de Guetim

2.5.1 – *Notas históricas e descrição do exterior*

A Igreja Paroquial de Guetim (**Figura 66**) é um edifício que foi construído em 1872, que viria a substituir a designada “Igreja Velha” que se erguia na zona populacional. Nessa altura o pároco era o Padre José Alves dos Santos. A obra acabou de ficar concluída na última década desse mesmo século com o Padre António André de Lima, que ficou a dirigir esta paróquia a partir de 1890.³⁹

Em 1972, esta arquitectura religiosa sofreu uma alteração no seu interior que não alterou o seu aspecto exterior. Deixaram de existir púlpitos. A capela-mor foi alargada,

³⁹ QUINTA, João – *Espinho*, p. 298.

ao introduzir-se duas alas laterais que estão ligadas a ela, que na altura do arranjo constituíam as sacristias. Sendo assim, estas mesmas passaram a funcionar no restante espaço. E, por fim, o altar avançou para nascente, cerca de 1 metro, permitindo assim que os fiéis por toda a igreja o pudessem visualizar.⁴⁰

A Igreja de Santo Estevão de Guetim localiza-se, portanto, num espaço urbano, num adro, tendo o cemitério, o Centro Paroquial e um arruamento municipal a nascente, a norte e sul/poente respectivamente. No adro deparamos com um cruzeiro datado do século XVIII (**Figura 67**).

A nível exterior tem o mesmo estilo arquitectónico que era utilizado na região. A fachada principal é composta por dois corpos: um rectangular, todo decorado por azulejo de qualidade e padrão diferentes, com dois registos que representam S. Estêvão, à esquerda, e Nossa Senhora da Guia, à direita, ladeando um vão rectangular com vitral que ilustra uma cruz latina e que se encontra sobre a porta principal de madeira. O segundo corpo é composto por um frontão triangular, cujo tímpano possui, ao centro, um relógio. Se seguirmos com o olhar nesta direcção, podemos visualizar a torre sineira, ao centro da fachada, sobre a empenha com os seus fogaréus nas pontas (**Figura 68**). Quanto às outras fachadas, em termos de volumes, constatamos que a igreja é composta por uma alta nave e capela-mor e por outras duas estruturas de menor volume, nos lados norte e sul, que correspondem à sacristia e às duas alas laterais do recente alargamento da capela-mor, segundo a sua planta longitudinal (**Figura 69**).

2.5.2 – Descrição do interior

A Igreja Paroquial de Guetim, como já havíamos referido no ponto anterior, sofreu alterações a nível do interior, tal como pudemos constatar na sua planta. Este edifício religioso, interiormente, é composto por uma nave única e por uma capela-mor com duas alas laterais ligadas a si (**Figura 70**).

As portas laterais do lado norte, uma que se encontra na nave próxima da porta principal, e outra, igualmente na nave que faz de fronteira entre o corpo da igreja e o da sacristia, são as que dão acesso ao interior deste templo.

⁴⁰ RODRIGUES, Albertino Amaro de Sousa – *Santo Estevão de Guetim – A Paróquia. Subsídios para uma monografia*. Anta: Edição do autor, vol. 1, 1987, p. 45.

Sobre a porta principal de madeira observamos o coro alto. Este possui uma simples balaustrada, mas em termos arquitectónicos é muito parecido com o da igreja de Paramos.

Quanto à nave, nela encontramos um pequeno órgão de madeira no lado da Epístola próximo dos retábulos. Já nas suas paredes, desde a porta principal até às portas laterais de acesso aos corpos das sacristias, encontram-se alinhadas pequenas imagens de madeira, sete em cada lado, em médio relevo, que retratam os passos da *Paixão de Cristo*. Também existem dois grandes vãos rectangulares, um em cada lado. Na parte inferior, que se estende por toda a nave, observamos que esta encontra-se, por sua vez, decorada por azulejo de padrão azul e branco; e, por último, para além das ditas entradas laterais, observamos dois suportes de pedra, um em cada lado, onde estão as esculturas de Santa Teresa de Lisieux no lado do Evangelho e a de Nossa Senhora de Fátima no da Epístola (**Figuras 71, 72, 237 e 378**),⁴¹ bem como quatro retábulos neoclássicos, sendo dois deles colaterais à capela-mor, cuja entrada é um grande arco-cruzeiro, ornado com uma açafora e uma pequena sanefa.

Nos dois primeiros retábulos, no lado do Evangelho visualizamos o de S. José, ladeado por S. Sebastião, à esquerda, e por Santo António de Lisboa, à direita (**Figuras 73, 88, 151 e 354**); e no lado da Epístola, um retábulo com cinco imagens: Cristo Crucificado e os irmãos S. Cosme e S. Damião, ao centro, ladeados por Santa Rita de Cássia, à esquerda, e por S. Vicente Ferrer, à direita (**Figuras 74, 109, 112, 305 e 404**). Enquanto nos colaterais observamos, por sua vez, os retábulos de Nossa Senhora da Guia no Evangelho, ladeada por dois nichos que albergam Santa Lúzia, à esquerda, e Nossa Senhora de Lourdes, à direita (**Figuras 75, 182, 261 e 268**); e o do Sagrado Coração de Jesus na Epístola, ladeado igualmente por dois nichos que, por sua vez, albergam as imagens de S. Judas Tadeu, à esquerda, e de S. Brás, à direita (**Figuras 76, 97, 165 e 317**).⁴²

O acesso à capela-mor, é feito por três formas: pelo grande arco-cruzeiro, que dá, igualmente, acesso a uma pequena escadaria que dá para o altar; e pelas alas laterais, cuja entrada é marcada por um arco abatido. Sobre este arco abatido existem, de cada

⁴¹ Em princípio, pela forma destes ditos suportes, supomos que eles outrora pertenciam à parte inferior dos púlpitos.

⁴² À excepção do retábulo que contém as cinco imagens, os restantes têm imagens de grande dimensão, ao centro, e de menores dimensões a ladearem-nas.

lado, dois painéis em azulejo policromo, representando dois episódios da *Última Ceia*: a entrega do pão (Epístola) e do vinho (Evangelho), dois símbolos da Eucaristia **(Figuras 77-79)**.

Tal como as outras igrejas da época, o seu retábulo-mor tem a mesma constituição: o sacrário, ornado com anjinhos, na zona da bancada; dois nichos com as imagens de Santo Estêvão (padroeiro) à esquerda e S. Cristóvão à direita, ambas de grandes dimensões, a ladearem uma grande pintura que representa a importância da Eucaristia. Dela destacamos o cordeiro, as uvas, a *Bíblia*, o cálice e a hóstia iluminada; e na parte superior, por cima dos nichos, a ladearem o tímpano com o triângulo, símbolo de Deus, existem duas imagens inseridas numa forma triangular. De uma forma geral, a capela-mor tem como temática a grande festa da Eucaristia, graças a esta grande pintura e aos azulejos das paredes laterais **(Figuras 80, 120 e 122)**.

3 Iconografia das Imagens das Igrejas Paroquiais

3.1 – Ana

3.1.1 – História

O nome Ana, atribuído à mãe da Virgem Maria, não aparece mencionado nos Evangelhos. Sendo assim, este nome provém de uma antiga tradição, já que só se encontra escrito nos Apócrifos: no *Proto-Evangelho de Santiago* (1-5).

De acordo com esta tradição, no século I, Santa Ana e o seu marido, S. Joaquim, apesar de estarem casados há muito tempo, não conseguiam ter filhos. Naquela época isso era um motivo de vergonha, o que levou a S. Joaquim partir para o deserto, após ter sido expulso do templo, enquanto Santa Ana, sozinha, não fazia mais do que orar debaixo de um loureiro, esperando fervorosamente pelo seu regresso. Durante este período de separação, ambos tiveram visões, nas quais um anjo lhes anunciava a chegada de um filho. Se isso viesse a confirmar, eles haviam prometido ao anjo que entregariam a criança no templo assim que completasse três anos de vida. Após o seu encontro, junto à *Porta Dourada*, este anúncio veio realmente a se confirmar com o nascimento de Maria, uma menina que estaria predestinada a ser a mãe do Filho de Deus. Tal como prometeram ao anjo, assim que a menina completou três anos, a levaram para o templo, que passou a ser a sua segunda casa.⁴³

3.1.2 – Culto

O culto de Santa Ana surgiu no Oriente no século VI para depois se transferir para o mundo Ocidental, a partir do século VII, durante a época das cruzadas. Esta divulgação foi graças às relíquias da santa trazidas desde a Terra Santa ou de Constantinopla.⁴⁴

Conseguiu ser muito divulgado através das Carmelitas, já que era bastante popular na Idade Média, principalmente na Alemanha. Também este culto conseguiu, em 1584, estender-se pelo papado, por toda a Igreja Ocidental, passando este a ser

⁴³ ROSÁRIO, Diogo do - *Flos Sanctorum ou História das vidas de Christo e sua Santíssima Mãe*. Lisboa: Typographia Universal de Thomaz Quintino Antunes, 1869, Tomo IV, vol. VII, pp. 265-270.

⁴⁴ RÉAU, Louis – *Iconografía del Arte Cristiano. Iconografía de los Santos, A-F*. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1997, nº 6, Tomo II / vol. 3, p. 75.

celebrado a 26 de Julho.⁴⁵ Em Portugal, a santa era muito venerada, e muitas eram as casas que a louvavam.⁴⁶

3.1.3 – Iconografia

A escultura de Santa Ana (**Figura 81**), situada na igreja matriz de Espinho, representa uma das cenas da sua lenda, que Réau designa como *Santa Ana ensina a Virgem a ler*,⁴⁷ uma cena que acontece antes da santa ingressar a sua menina no templo. De facto, muitas vezes, Santa Ana está associada à Virgem Maria, ou à Virgem com o Menino.⁴⁸

Esta imagem é composta por duas personagens: Santa Ana e a pequena Virgem Maria (**Figuras 82 e 83**). A primeira tem um aspecto de uma matrona, que aparenta uma idade avançada, vestindo uma túnica branca, um manto castanho claro, que cobre a cabeça e o corpo. A mão esquerda encontra-se contra o peito, mesmo na zona do coração, o que pode indicar a emoção da santa ao ver a sua menina tão entusiasmada na sua aprendizagem. A direita segura uma das pontas do pergaminho, sendo a outra, por sua vez, segurada pela Virgem Maria, ainda uma pequena menina, de longos cabelos castanhos, com uma túnica branca e que demonstra estar a ler atentamente o que está escrito, a preto, no pergaminho, que comprova ser um excerto do *Livro de Isaías (Ecce Virgo concepiet, et pariet / Filium, et vocabitur nomen ejus / Emmanuel. / Esai. 7º_12º [sic])* (**Figura 84**).⁴⁹

Quanto às cores aqui presentes, estas têm a sua simbologia. Em Santa Ana temos a cor branca e a cor castanha. A cor branca é considerada a cor da Teofania, da graça e da transfiguração, o que nos leva a crer que ela era uma pessoa muito próxima de Deus, bem como abençoadas por Este; e a cor castanha, por outro lado, é um símbolo de humildade. Quanto à Virgem Maria, temos apenas a cor branca da sua túnica, o que confirma que ela virá a ser a escolhida de Deus para ser mãe do seu Filho. Se bem que,

⁴⁵ HALLAM, Elizabeth – *Os Santos*. Lisboa: Centralivros, 1998, p. 33.

⁴⁶ ROSÁRIO, Diogo do – *Flos Sanctorum*, Tomo IV, vol. VII, p. 287.

⁴⁷ RÉAU, Louis – *Iconografía de los Santos, A-F*, p. 80.

⁴⁸ *Ibidem*, p. 75.

⁴⁹ *Eis que a Virgem conceberá e dará à luz um filho; e hão-de chamá-lo Emanuel*. Isaías 7, 14.

juntamente com a cor azul, era uma das cores com as quais se vestiam as crianças, por estas serem seres puros, nascidos sem pecado.⁵⁰

3.2 – António de Lisboa

3.2.1 – *História*

Santo António nasceu em Lisboa em 1195, baptizado com o nome de Fernando. Só quando ingressou a ordem franciscana, em 1220, é que adoptou o nome de António.

Durante a viagem para Marrocos, devido a uma tempestade, teve que desembarcar em Assis, local onde ele dedicou-se à pregação, mostrando assim ser um grande mestre da teologia: «O papa Gregório IX dizia que ele era «A Arca do Testamento», tal era o seu conhecimento penetrante das Escrituras que possuía (...)».⁵¹

Segundo a lenda, descrita no *Flos Sanctorum*, o Menino Jesus apareceu a Santo António, a partir de um livro, quando este se encontrava a descansar numa cabana: «Um menino formosíssimo no livro e depois nos braços de Santo António, e que o santo o abraçava e beijava muito familiarmente, contemplando sem cessar sua gloriosa forma.».⁵²

Santo António veio a falecer, em 1232, a 13 de Junho, tendo apenas 36 anos, para depois ser sepultado, a pedido deste, no convento de Pádua.

3.2.2 – *Culto*

O culto de Santo António prevaleceu até finais do século XV na cidade de Pádua, após este ser canonizado onze meses depois da sua morte.

Em 1259, na cidade de Pádua, veio a ser construída uma basílica em sua homenagem, para a qual, em 1263, as relíquias deste santo vieram a ser transladadas.⁵³

Portanto, só a partir do século XVI é que este “*Santo dos Milagres*”, tal como os paduenses o chamavam, se converte no santo nacional dos portugueses e, mais tarde, um santo universal.⁵⁴

⁵⁰ CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain - *Dicionário dos Símbolos*. Lisboa: Editorial Teorema, 1994, p. 106.

⁵¹ DAIX, Georges – *Dicionário dos Santos. Do calendário romano e dos beatos portugueses*. Lisboa: Terramar, 2000, p. 37.

⁵² ROSÁRIO, Diogo do – *Flos Sanctorum*, Tomo III, vol. VI, p. 172.

⁵³ *Ibidem*, p. 158.

⁵⁴ RÉAU, Louis – *Iconografia de los Santos, A-F*, p. 125.

A ele está associada a devoção do “*pão de Santo António*” que é recente e é uma das múltiplas práticas que, em Portugal, ainda se realizam.

A partir do século XVII, Santo António veio a ser advogado dos objectos perdidos e, bem mais tarde, em 1946, declarado Doutor da Igreja.⁵⁵

3.2.3 – *Iconografia*

Ao todo são quatro as imagens de Santo António em estudo: uma em Espinho, outra em Silvalde, outra em Paramos e uma outra em Guetim (**Figuras 85-88**).

Segundo Réau, este santo, iconograficamente, possui o mesmo aspecto de S. Francisco de Assis.⁵⁶ Representado com o hábito franciscano, cingido à cintura por um cordão, que tem três nós, cada um correspondendo a um dos três votos da Regra Franciscana: pobreza, castidade e obediência; tendo este santo como principais atributos o crucifixo, o lírio, o Menino Jesus e o livro.

O crucifixo mostra ser um elemento representativo da sua fé, bem como da paixão do Messias, que, juntamente com o ramo de açucenas brancas a rodeá-lo, no caso no de Silvalde, representa um símbolo de pureza e doçura.⁵⁷ Quanto ao Menino Jesus, este é considerado o seu atributo mais popular a partir do século XVI, que representa a *Aparição* que este mesmo fez a Santo António numa casa, segundo o *Flos Sanctorum*, como já o referimos na história deste santo. E, por último, o livro, que possivelmente será a *Bíblia*, representa, portanto, uma mensagem divina, que está associada à forma como o santo pregava a sua doutrina durante as suas missões.

Neste caso, concretamente, podemos observar algumas semelhanças e diferenças entre os quatro. As semelhanças são que todos eles possuem todos os atributos referidos: o crucifixo na mão direita e o Menino Jesus ao colo no lado esquerdo, contudo o de Silvalde possui, para além do crucifixo, o ramo de açucenas na mão direita. Quanto às diferenças, estas são poucas. Em termos de rosto, todos parecem ter o de um homem maduro e de aspecto harmonioso e simpático, em especial o de Guetim, que é rechonchudo; no entanto não observamos tal facto no de Paramos, mas sim uma cara de sofrimento, por causa dos olhos que reflectem tal sentimento. Também é este o

⁵⁵ HALLAM, Elizabeth – *Os Santos*, p. 101.

⁵⁶ RÉAU, Louis – *Iconografía de los Santos, A-F*, p. 126.

⁵⁷ O ramo de açucenas é um dos seus atributos que lhe foi atribuído em 1450.

único que tem sobre a sua cabeça um nimbo, um círculo luminoso com que a arte cristã identifica as personagens sagradas.⁵⁸

Quanto aos atributos, à excepção do de Espinho, todos os outros têm o livro na mão esquerda, embora representado de maneira diferente. No de Paramos, o livro encontra-se aberto no colo do Menino Jesus, vestido com uma túnica branca, sendo o único a estar nesta condição, já que os outros estão em nu integral; no de Silvalde, este objecto também se encontra aberto, mas situado por debaixo do braço do Menino Jesus; e no de Guetim, este atributo está fechado sob o Menino Jesus, o que representa na íntegra o episódio descrito no *Flos Sanctorum*. Daí, que, na maior parte das vezes, visualizamos uma certa cumplicidade entre o santo e o Menino Jesus, especialmente no de Espinho, já que este se agarra ao pescoço de Santo António (**Figuras 89-96**).

3.3 – Brás

3.3.1 – *História*

S. Brás foi bispo de Sebaste em Sivas, Arménia, durante o século IV. Histórias fictícias retratam-no como filho de pais ricos, que foi consagrado bispo quando era jovem e fugia à perseguição por parte do imperador, tendo-se escondido numa caverna, na qual passou a conviver com animais e a cuidar das feridas destes.⁵⁹

O seu milagre mais conhecido é o da “*espinha de peixe*”, que corresponde ao episódio em que S. Brás salvou um rapazinho de morrer asfixiado por uma espinha de peixe, entalada na sua garganta.⁶⁰

Morreu martirizado no ano de 316, durante o reinado de Diocleciano. Segundo a lenda, tal como a autora Elizabeth Hallam refere na sua obra, *Os Santos*, durante este seu martírio, a carne de S. Brás foi dilacerada com pentes de cardador, antes de ter sido decapitado.⁶¹

3.3.2 – *Culto*

Apesar da sua origem oriental, o culto de S. Brás tornou-se muito popular no Ocidente, graças à multiplicidade das suas relíquias, sendo divulgado desde o século

⁵⁸ EDUARDO CIRLOT, Juan – *Dicionário de Símbolos*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1999, p. 264.

⁵⁹ ROSÁRIO, Diogo do – *Flos Sanctorum*, Tomo I, vol. II, p. 36.

⁶⁰ RÉAU, Louis – *Iconografia de los Santos, A-F*, p. 229.

⁶¹ HALLAM, Elizabeth – *Os Santos*, p. 141.

VIII.⁶² Atendendo ao milagre referido, o santo tornou-se o advogado protector dos que sofrem doenças da garganta.

Este grande culto celebra-se a 3 de Fevereiro. Em Portugal, este dia é tido como um motivo de grande festa, do norte a sul do país, já que o santo tem muitas igrejas, capelas e ermidas em sua honra.⁶³

3.3.3 – *Iconografia*

A imagem de S. Brás encontra-se na igreja de Guetim (**Figura 97**). Segundo Juan Ferrando Roig, este santo é representado, normalmente, como bispo, tendo como atributo o símbolo do seu martírio, os dentes de ferro do pente cardador.⁶⁴

Na imagem desta igreja, em particular, este não é o atributo que se lhe aplica. O único aspecto, que nos faz reconhecê-lo como sendo S. Brás, é a sua vestimenta. Ele, como fora nomeado bispo de Sebaste muito jovem, está caracterizado como tal, um bispo na sua plenitude: com uma mitra dourada na cabeça, bem como um nimbo a rodeá-la. Por fim, um báculo na mão direita, emblema da sua jurisdição pastoral, comparando-o a um pastor de ovelhas e, na mão esquerda, um livro, que representa a doutrina que tenta pregar aos seus fiéis (**Figuras 98-100**).

3.4 – Catarina de Alexandria

3.4.1 – *História*

Santa Catarina, filha do rei Costus, era uma linda jovem de Alexandria, educada nos estudos de todas as artes liberais, dos princípios do século IV. Após ter desafiado o Imperador Maxêncio contra o culto dos ídolos, este convidou-a a entrar no seu palácio. Como não conseguiu demovê-la da sua adoração por Jesus Cristo, devido à sua sabedoria, o Imperador mandou reunir cinquenta filósofos para lhe fazerem frente. Contudo, eles não só não a conseguiram demover dos seus princípios, como se deixaram guiar pelas sábias palavras da jovem, convertendo-se, assim, ao cristianismo. Enfurecido, Maxêncio ordenou que todos os filósofos fossem queimados. A partir daí, o Imperador tentou seduzi-la ao pedi-la em casamento. Este pedido foi recusado pela

⁶² HALLAM, Elizabeth – *Os Santos*, p. 141.

⁶³ ROSÁRIO, Diogo do – *Flos Sanctorum*, Tomo I, vol. II, p. 39.

⁶⁴ FERRANDO ROIG, Juan – *Iconografía de los Santos*. Barcelona: Ediciones OMEGA, SA., 1950, p. 64.

jovem, porque ela já estava noiva de Cristo. Não vendo alternativa, Maxêncio, furioso, tentou torturá-la numa roda de navalhas, mas esta, milagrosamente, se desfez. Quando a santa foi decapitada por uma espada, das suas veias saiu leite ao invés de sangue.⁶⁵

3.4.2 – Culto

Santa Catarina começou por ser muito venerada na Europa, durante a Idade Média, estando o seu culto bastante centrado em St. Catherine no Monte Sinai, que fica no actual Egipto. Séculos mais tarde o seu corpo foi encontrado por monges e levado para o Mosteiro da Transfiguração, local onde ainda se encontram algumas dessas mesmas relíquias.⁶⁶

Em 1969, a Igreja Católica eliminou do *Calendário Litúrgico Universal* a celebração do dia 25 de Novembro, porque o relato do seu martírio era demasiado fantasioso. No entanto, apesar de tudo, Santa Catarina continua a ser venerada, e celebrada nesta data, nos calendários particulares das dioceses e paróquias.⁶⁷

3.4.3 – Iconografia

Santa Catarina, imagem que se situa na igreja de Silvalde (**Figura 101**), está representada como uma mulher de grande porte, com o cabelo amarrado, segurando na mão esquerda um livro, aludindo à sua ciência, à sua sabedoria, graças à qual conseguiu demover cinquenta filósofos; e na mão direita um objecto difícil de identificar, já que se encontra danificado, mas que, em nossa opinião, poderá tratar-se da espada do martírio. E a seus pés tem a cabeça de um homem. (**Figuras 102-104**).

Quanto às suas roupas, estas aludem à sua linhagem, sendo o azul a cor que predomina, a cor mariana que nos leva em direcção a Deus, já que Santa Catarina foi uma mulher muito dedicada à sua fé.

Portanto, toda a imagem de Santa Catarina revela que ela foi uma mulher determinada, que conseguiu impor-se contra a vontade do Imperador, castigando-o por todos os males que lhe causou.

⁶⁵ VORAGINE, Tiago – *Legenda Áurea*. Porto: Livraria Civilização Editora, 2004, Tomo II, pp. 304 – 306.

⁶⁶ HALLAM, Elizabeth – *Os Santos*, p. 131.

⁶⁷ DAIX, Georges – *Dicionário dos Santos*, p. 53.

3.5 – Cecília de Roma

3.5.1 – *História*

Santa Cecília, uma das mais populares mártires romanas, viveu em Roma, no século III, e era cristã. Uma rapariga que fora prometida em casamento pela sua família, contra a sua vontade, a Valeriano, um homem pagão.

No dia do seu casamento, enquanto os órgãos tocavam, ela cantava, bem no fundo do seu íntimo, ao Senhor, recusando-se a consumir este matrimónio. No entanto, Santa Cecília, apesar de este pequeno contratempo, conseguiu convencer o seu marido a converter-se ao cristianismo. Quando regressava a casa, após o seu baptismo com o Papa Urbano, ele encontrou-a de pé, ao lado de um anjo, que a coroava com rosas e lírios.⁶⁸

O irmão de Valeriano, Tiburcio, também se tornou cristão por intercessão de Santa Cecília, aquando da visita deste a sua casa. No entanto, mais tarde, ele e seu irmão viriam a ser presos e condenados à morte pelo perfeito Amachio.

Santa Cecília também não escapou a tal trágico destino, já que foi depois levada à presença do perfeito Amachio. Após ter recusado adorar os deuses romanos, ela sofreu diversas torturas, acabando, após muito sofrimento e resistência, por morrer na presença do Papa Urbano e ser sepultada no cemitério de Calisto.⁶⁹

3.5.2 – *Culto*

O culto de Santa Cecília é provavelmente anterior ao século V e o seu principal centro era Roma, desde que as relíquias desta santa haviam sido transferidas, desde o cemitério de Calisto para o local, no século IX.⁷⁰

Desde então, o seu culto passou a ser difundido pelo norte de Itália e, mais tarde, um pouco por toda a Europa.

Padroeira da música e de tudo o que lhe esteja relacionado, desde o século XV, Santa Cecília viria a sofrer uma renovação neste seu culto, um novo impulso, no último ano do século XVI, acabando por ser celebrado a 22 de Novembro.⁷¹

⁶⁸ ROSÁRIO, Diogo do – *Flos Sanctorum*, Tomo VI, vol. XI, pp. 196-198.

⁶⁹ RÉAU, Louis – *Iconografía de los Santos*, A-F, p. 291.

⁷⁰ As relíquias foram deslocadas, mais concretamente, para a Basílica de Santa Cecília da Trastevere, um edifício religioso que foi edificado sobre o palácio onde esta mártir morou.

⁷¹ RÉAU, Louis – *Iconografía de los Santos*, A-F, p. 293.

3.5.3 – Iconografia

A escultura de Santa Cecília (**Figura 105**), que está na igreja de Espinho, representa uma mulher vestida de branco, sobre um tronco de madeira, com uma coroa de rosas brancas na cabeça, sendo esta rodeada por um nimbo circular decorado com pedras azuis, e com uma pequena cruz ao peito, envolta ao pescoço por um fio. No lado direito, com o braço, ela aperta contra o corpo a palma do martírio e três açucenas brancas e, ao centro, com as duas mãos, segura um instrumento musical, a lira. Este é considerado o instrumento dos poetas e da harmonia cósmica,⁷² sendo o atributo mais significativo da santa, que lhe fora atribuído em finais do século XV, convertendo-a na padroeira dos músicos.

A santa está vestida de branco, pois era pura e uma alma muito voltada para Deus, apesar de ter casado com Valeriano. Esta pureza e inocência também as encontramos explícitas nas açucenas brancas, ao passo que a sua santidade se representa através do nimbo. Quanto à palma do martírio, esta significa que ela se veio a tornar numa mártir; enquanto a coroa de rosas brancas corresponde à mesma coroa que lhe foi colocada na cabeça por um anjo, aquando da chegada a casa de Valeriano, após este ter sido baptizado (**Figuras 106-108**).⁷³

3.6 – Cosme e Damião

3.6.1 – História

S. Cosme e S. Damião, dois irmãos gémeos de origem árabe, eram médicos e exerciam esta sua profissão de forma gratuita numa cidade de Cilícia.

Ao serem acusados de serem cristãos ao procônsul Lísias, estes dois homens no momento negaram fazer tudo o que Lísias lhes ordenara, o que fez com que este mandasse os seus homens açoitarem os gémeos com vergalhos. Como este suplício não obteve o efeito pretendido, S. Cosme e S. Damião vieram a sofrer outros tipos de suplícios, mas sem qualquer efeito, já que, graças à sua fé, conseguiram livrar-se de tais castigos.⁷⁴ Sem alternativa, o juiz ordenou que os decapitassem.

⁷² CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain - *Dicionário dos símbolos*, p. 412.

⁷³ ROSÁRIO, Diogo do - *Flos Sanctorum*, Tomo VI, vol. XI, p. 198.

⁷⁴ Foram lançados ao mar, amarrados a postes para serem queimados vivos e lapidados ao serem acusados de magia.

Assim, os gémeos morreram em 287, durante o reinado de Diocleciano, em Alepo (Síria). Muitos são aqueles que continuam a atribuí- lhes milagres.⁷⁵

3.6.2 – *Culto*

O culto destes médicos mártires, nome que lhes é atribuído pelos hagiógrafos, está centrado em Cirros, na Síria.⁷⁶ Foi muito popular na Idade Média e, por causa da transladação das suas relíquias para Roma, no século VI, se espalhou pelo mundo cristão (Toscana, França, Espanha, Alemanha, Países Baixos e Portugal), acabando por ser celebrado a 26 de Setembro. O Papa Félix IV (525-530) consagrou no Fórum uma basílica em sua honra.⁷⁷

Os mitologistas alemães por vezes comparavam S. Cosme e S. Damião com os heróis do paganismo, os Dióscuros, Cástor e Pólux. O que faz, portanto, a Igreja tomar uma medida quanto a isso, ao utilizar estes santos como substitutos destes irmãos gémeos pagãos.⁷⁸

3.6.3 – *Iconografia*

S. Cosme e S. Damião, como gémeos, são representados por duas imagens idênticas, ou quase, que se encontram na igreja de Guetim (**Figura 109**).

Segundo Réau, sendo padroeiros dos médicos e boticários, eles são, normalmente, representados com uma túnica forrada com carapuça ou gorro cilíndrico de doutor, e na mão costumam ter instrumentos desta sua profissão.⁷⁹

No entanto, este não é o caso das imagens em estudo, porque ambas têm apenas vestido túnicas verdes e mantos vermelhos, colocados sobre uma base que representa um terreno rochoso, não tendo nenhum objecto em suas mãos.

Contudo, apesar de as suas vestes serem o seu único elemento identificativo, estas também têm a sua simbologia, que está relacionada, de certa forma, com eles, principalmente com a sua profissão. A cor verde das túnicas é a cor da esperança, virtude que os médicos desejam que os seus pacientes tenham, quando vão tratar deles, esperando que haja uma cura possível para uma determinada doença; enquanto a cor

⁷⁵ RÉAU, Louis – *Iconografía de los Santos*, A-F, pp. 339 e 340.

⁷⁶ O culto de S. Cosme e S. Damião nasceu no Oriente e foi patrocinado pelo imperador Justiniano, que lhes dedicou muitos santuários.

⁷⁷ DAIX, Georges – *Dicionário dos Santos*, p. 61.

⁷⁸ RÉAU, Louis – *Iconografía de los Santos*, A-F, p. 340.

⁷⁹ *Ibidem*, p. 342.

encarnada, a dos mantos, é a do coração, da vida e do martírio, que um médico tem que proteger e cuidar a todo o custo, acabando por ser isso mesmo o que estes santos médicos fizeram ao longo das suas vidas.

3.7 – Cristo Crucificado / Senhor da Agonia

3.7.1 – *História*

A *Crucificação de Cristo* é o culminar da *Paixão do Senhor*. Por *Paixão do Senhor* entende-se todo o sofrimento e os escárnios que Jesus recebeu por parte de todos, desde a sua prisão no Jardim das Oliveiras até ao sepultamento de Cristo, que vem descrito nos *Evangelhos de S. Mateus* (26-28), *S. Marcos* (14-16), *S. Lucas* (22-24) e *S. João* (18-20).

3.7.2 – *Culto*

O culto a Cristo Crucificado é tão antigo como o do Senhor dos Passos, já que representa uma das catorze estações, senão a mais importante, da *Paixão de Cristo*, que são expostas durante a *Via Sacra*.

O culto nasceu na arte bizantina e permanece ainda na actualidade, tendo a cruz, símbolo do martírio de Cristo, como seu símbolo. Neste caso, em particular, o culto do Cristo Crucificado de Paramos, mais conhecido como Senhor da Agonia, começou a ter início quando a imagem foi colocada na igreja, durante o período em que esta foi construída, após ser comprada por uma «*mendiga desta freguesia, de nome Maria da Silva ou Maria do Dinheiro*»,⁸⁰ através das esmolas angariadas.

3.7.3 – *Iconografia*

A imagem de Cristo Crucificado, embora com aspectos e dimensões diferentes, localiza-se em três igrejas: na de Espinho, na de Paramos e na de Guetim (**Figuras 110-112**).

Segundo Réau, a crucificação tem duas fases, pelas quais os artistas podem sempre optar por realizar: Jesus está cravado na cruz e Jesus morre na cruz. Na primeira existem três representações: *Jesus cravado na cruz estendida no chão*, *A elevação da cruz*, e *Jesus sobe por uma escada para ser elevado à cruz*; enquanto na segunda são

⁸⁰ SÁ, P^e Manuel F. de – *Monografia de Paramos*, p. 36.

igualmente três, mas relacionadas com Cristo na cruz: *O cordeiro simbólico*, *O crucificado vivo e triunfal* e, por último, *Cristo morto*.⁸¹

No caso em estudo, podemos observar que, à excepção do Cristo Crucificado de Espinho, que está inserido de certa forma na representação de *Cristo Morto*, os de Paramos e de Guetim se enquadram na representação do *crucificado vivo e triunfal*, próximos da representação de *Cristo Morto*. No entanto, todos eles estão representados, mais ou menos, da mesma forma: seminus, tendo um *perizónium* à cintura, uma coroa de espinhos na cabeça, e as mãos e os pés cravados na cruz com quatro cravos. No topo figura um letreiro com uma determinada inscrição: *HIC EST JESUS / REX JUDAEORUM* [sic] (Espinho), *I.N.R.J.* [sic] (Paramos) e *J.N.R.J* [sic] (Guetim) (**Figuras 113-115**). Mas o de Espinho tem uma certa particularidade, já que se encontra enquadrado numa pintura e somente o de Guetim é que tem a ferida no lado (**Figura 116**).

Esta explícita iconografia de Cristo Crucificado, cada um à sua maneira, foi bastante influenciada pela forma como a *Paixão do Senhor* está descrita na *Legenda Áurea*,⁸² nos *Evangelhos Apócrifos* (*Evangelho de S. Pedro*)⁸³ e no *Novo Testamento*:

«Então, Pilatos mandou levar Jesus e flagelá-lo. Depois os soldados entrelaçaram uma coroa de espinhos, cravaram-lha na cabeça (...) Jesus, levando a cruz às costas, saiu para o chamado Lugar da Caveira, que em hebraico se diz Gólgota, onde o crucificaram (...) Pilatos redigiu um letreiro e mandou pô-lo sobre a cruz. Dizia: “Jesus Nazareno, Rei dos Judeus”. (...) Os soldados, depois de terem crucificado Jesus, pegaram na roupa dele (...), um dos soldados traspassou-lhe o peito com uma lança e logo brotou sangue e água.» (Jo 19, 1, 17–19, 23, 34)

Regressando à representação de *Cristo vivo* e *Cristo morto*, já demos a entender que no de Paramos e no de Guetim, Cristo está vivo, mas em profundo sofrimento, porque está com os olhos abertos e elevados para o céu. No entanto, o de Paramos mostra ser o mais expressivo, ao ter também a cabeça inclinada para o lado esquerdo, o

⁸¹ RÉAU, Louis – *Iconografía del Arte Cristiano. Iconografía de la Biblia /Nuevo Testamento*. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1996, nº5, Tomo I/vol. 2, p. 492-498.

⁸² VORAGINE, Tiago - *Legenda Áurea*. Porto: Livraria Civilização Editora, 2004, Tomo I, pp. 210-213, 224-226.

⁸³ VV. AA. - *Evangelhos Apócrifos*. Lisboa: Editorial Estampa, 1991, Evangelho S. Pedro, 6-20.

lado oposto da inclinação da cabeça do de Guetim, daí o designarem por Senhor da Agonia. É como se estivesse a falar com Deus: «*Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito*» (Lc 23, 46). Quanto ao de Espinho, este já parece morto, representação que surgiu a partir do século XI, pois, apesar de ter os olhos semi-abertos, o seu corpo está todo torcido, com os braços esticados, acima da cabeça, prestes a cair se não estivesse preso à cruz (**Figuras 117-119**).

Por fim, no que consta à própria cruz, instrumento da sua morte e que passou a ser muito venerada pelo mundo cristão,⁸⁴ esta tem dois braços: no horizontal estão estendidos os braços de Cristo, apesar de que no de Espinho e no de Paramos estão apenas as mãos; e no vertical temos no topo as ditas inscrições, anteriormente referidas, que correspondem a uma frase irónica por parte de Pilatos, e ao longo do madeiro o seu corpo.

No entanto, segundo Réau, esta cruz pode obter diferentes formas.⁸⁵ Todas elas são de cruz latina, mas têm, cada uma, uma forma e grossura diferentes. A do Cristo Crucificado de Guetim é de madeira escura, alta e muito fina; a do Cristo Crucificado de Espinho é também de madeira, só que tem a forma de um tronco de árvore sem ramos, especialmente na parte de baixo, onde estão os seus pés pousados; e, por último, a do Cristo Crucificado de Paramos é visivelmente um tronco de madeira, só que com ligeiros tons de verde, o que nos faz deduzir que esta seja, segundo Réau, a cruz verde ou a Árvore da Vida (*Lignum Vitae*).

3.8 – Cristóvão

3.8.1 – História

A lenda deste santo que era considerado um gigante remonta-nos ao século XI. Segundo a *Legenda Áurea*, obra do século XIII, S. Cristóvão era um homem muito orgulhoso da sua força, que só servia o homem mais forte. Tal foi o seu orgulho e determinação, que acabou por servir a Satanás e, depois deste ser derrotado por uma cruz, serviu a Jesus Cristo, convertendo-se ao cristianismo.⁸⁶ Deixou de se chamar Auferus para vir a ser Cristóvão, *Christóforo* em grego, que significa «aquele que leva

⁸⁴ CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain - *Dicionário dos Símbolos*, p. 246.

⁸⁵ RÉAU, Louis – *Iconografía de la Biblia /Nuevo Testamento*, p. 500-504.

⁸⁶ VORÁGINE, Santiago - *La Leyenda dourada*. Madrid: Alianza Editorial, 2004, pp. 156-159.

Cristo».⁸⁷ Desde então, seguindo o conselho de um ermitão, S. Cristóvão dedicou-se a ajudar viajantes e peregrinos a atravessarem um rio perigoso.

Um dia, S. Cristóvão nestas andanças deparou-se com um menino que lhe pedira que o carregasse aos ombros, levando-o até à outra margem do rio. O problema foi que, à medida que o gigante ia avançando, ia sentindo-se cada vez mais pesado, tendo que se apoiar sobre um tronco de árvore. Assim que chegaram à outra margem, o Menino mostrou-lhe ser na realidade Cristo e, para o comprovar, pediu-lhe que *«plantasse o seu cajado na terra, que de seguida se converteu numa palmeira datileira carregada de frutos»*.⁸⁸

Mais tarde, diante do rei, S. Cristóvão confessou ser cristão e recusou prestar culto aos ídolos. O monarca chamou-o à sua presença, porque havia se sentido perturbado com o milagre do bordão que o santo fizera enquanto pregava ao povo.⁸⁹

Como castigo, o regente mandou-o para o cárcere com duas belas cortesãs, Nicea e Aquilina, que, por sua vez, foram incumbidas de o seduzirem. Contudo, este plano não deu resultado, pois estas mulheres, graças às palavras do santo, desistiram de prestar culto aos deuses, o que fez com que fossem conduzidas ao martírio.

Deduzindo que o santo não ia voltar atrás na sua decisão, o rei ordenou que o atassem a uma árvore diante de quatrocentos arqueiros. No entanto, S. Cristóvão conseguiu sobreviver a este ataque, sendo que uma das flechas, que outrora estavam apontadas na sua direcção, mudou a sua trajectória e chegou a cegar o próprio rei. Mas, antes de morrer decapitado, S. Cristóvão disse a este regente uma forma de ele conseguir curar a sua cegueira, um acontecimento que veio a confirmar-se como sendo verdadeiro.⁹⁰

3.8.2 – Culto

O culto de S. Cristóvão foi muito popular na Idade Média, pois muitas pessoas o invocavam contra a morte súbita.

Desde que em 450 foi provado por uma inscrição grega da Ásia Menor, este culto foi difundido, chegando a Constantinopla e Sicília.

⁸⁷ HALLAM, Elizabeth – *Os Santos*, p. 21.

⁸⁸ RÉAU, Louis – *Iconografía de los Santos, A-F*, p. 355.

⁸⁹ ROSÁRIO, Diogo do – *Flos Sanctorum*, Tomo IV, vol. VII, p. 253.

⁹⁰ *Ibidem*, p. 255.

A partir do século XV, a sua popularidade foi diminuindo, no entanto conseguiu renovar-se no século XX. O santo tornou-se no padroeiro dos automobilistas, muito venerado em Portugal, e a sua festa passou a ser celebrada a 25 de Julho.⁹¹

3.8.3 – *Iconografia*

A imagem de S. Cristóvão encontra-se, apenas, na igreja de Guetim (**Figura 120**). Está representado como um homem barbudo e de estatura gigante, vestindo uma túnica azul e um manto vermelho. Atravessa o rio com um tronco de árvore sem ramos nas mãos e o Menino Jesus, que usa uma faixa vermelha transversal ao corpo nu, sobre os ombros (**Figura 121**). Estes são dois atributos que lhe estão associados desde o século XIV, apesar de ter sido em meados do século XII que esta mesma representação do santo tenha sido criada.⁹² O primeiro refere-se ao tronco que ele usou para atravessar o rio e, por conseguinte, se apoiar, já que o Menino, à medida iam avançando, ia se tornando cada vez mais pesado; enquanto o segundo, por sua vez, trata-se da personagem que um dia apareceu a S. Cristóvão e que, no fim, na outra margem do rio, veio-se revelar ser Jesus Cristo, daí a sua faixa vermelha, símbolo do amor, da sua realeza e da ressurreição.

Mas, apesar de tudo, as vestes também têm a sua simbologia. A túnica azul significa que ele é um ser elevado a Deus. Após ter visto uma visão com Cristo na cruz, afastando assim, até então, o seu chefe Satanás, ele decidiu converter-se ao cristianismo, tornando-se num filho de Deus. Quanto ao manto vermelho, este corresponde ao amor e à compreensão que o santo adquiriu ao longo da sua jornada como cristão, principalmente durante o seu trabalho, essencialmente quando decidiu ajudar um menino a atravessar o rio, sem saber de quem se tratava. Apesar das dificuldades, soube ter paciência e perseverança. Foi, portanto, a sua fé que o salvou da vida medíocre que outrora levava.

3.9 – Estêvão

3.9.1 – *História*

Santo Estêvão foi um dos sete diáconos, que os apóstolos haviam escolhido para ajudar no seu ministério, e o primeiro mártir.

⁹¹ RÉAU, Louis – *Iconografia de los Santos, A-F*, pp. 355 e 357.

⁹² *Ibidem*, p. 359 e 361.

Segundo a lenda, no dia em que nasceu, o santo foi raptado pelo Diabo de seu berço, que o substituíra, e deixado à porta da casa de um bispo que o adoptou. Mais tarde, já crescido, Santo Estêvão regressou à sua verdadeira casa, conseguindo expulsar o Diabo de lá, graças à ajuda de uma santa cruz.⁹³

Morreu cerca do ano 35, lapidado pelos judeus que o acusavam de blasfémia contra Moisés. Esta sua morte está descrita nos *Actos dos Apóstolos*, versículo 7.

3.9.2 – Culto

O culto de Santo Estêvão começou no século IV ou ainda mais cedo. No entanto, foi a partir deste século que a sua festa passou a ser celebrada a 26 de Dezembro. Apenas em finais da Idade Média é que o santo começou a ser invocado contra as dores de cabeça, devido ao seu martírio.

Em 415, as suas relíquias foram descobertas em Jerusalém e transportadas para Constantinopla e, mais tarde, para Roma.⁹⁴ Desde então, este culto foi muito divulgado no Ocidente, tendo grande parte dos países europeus um número considerável de igrejas, que lhe estão dedicadas. Países como a França, a Itália, a Espanha, a Inglaterra, a Arménia e Áustria e Portugal.

3.9.3 – Iconografia

A imagem de Santo Estêvão encontra-se na igreja de Guetim (**Figura 122**) e está representado como um jovem e imberbe, que tem vestido túnica de diácono, com uma estola vermelha, na qual, no lado esquerdo, sustenta um monte pedras, objectos que estão relacionados ao seu martírio, porque foi com elas que os judeus o mataram, apedrejando-o. Na mão direita observamos um livro aberto, com folhas douradas, que, segundo Réau, é o *Livro dos Evangelhos*, que só permanecia sob a guarda de um diácono (**Figuras 123 e 124**).⁹⁵

⁹³ HALLAM, Elizabeth – *Os Santos*, p. 111.

⁹⁴ *Ibidem*, p. 111.

⁹⁵ RÉAU, Louis – *Iconografía de los Santos, A-F*, p. 464.

3.10 – Expedito

3.10.1 – História

Segundo Réau, Santo Expedito terá sido chefe da Legião Fulminante e foi martirizado em Mitilene, Arménia.⁹⁶ No entanto, outros autores têm opiniões diferentes, afirmando que, possivelmente, ele não terá existido, já que era apenas conhecido pelo nome, que se encontra escrito no *Martirologio Romano*.

3.10.2 – Culto

O culto de Santo Expedito acabou por ser muito divulgado desde a Idade Média, sendo bastante apreciado na Europa por volta do século XVII, apesar do Papa Pio XI ter eliminado o seu nome do notarial de 1705.⁹⁷

Na Alemanha, a crença ou devoção neste santo fez-se notar quando transformaram-no no «*Padroeiro das causas que se arrastam*».⁹⁸ Isto influenciou a sua iconografia, que se espalhou pelo resto da Europa, incluindo Portugal. A sua festa passou, desde então, a ser celebrada a 19 de Abril.

3.10.3 – Iconografia

A imagem de Santo Expedito localiza-se na igreja de Espinho (**Figura 125**). Representa um jovem, de cabeça inclinada a olhar para cima, vestido com armadura de legionário romano, pisando com o pé direito um corvo negro e segurando na mão direita, que se encontra levantada, uma cruz com uma inscrição no seu transversal: *HODIE* [sic] (*Hoje*) (**Figuras 126 e 127**).

Quer as suas vestes, quer o corvo, quer a cruz, são elementos que vieram a ser integrados à imagem do santo por influência do seu padroado. Ele é o padroeiro das causas que se arrastam, mostrando combatê-las ao pisar o corvo, símbolo da temporalidade e postergação,⁹⁹ e ao erguer a cruz, emblema pessoal, com o seu lema inscrito nela.

⁹⁶ RÉAU, Louis – *Iconografía de los Santos*, A-F, p. 498.

⁹⁷ *Ibidem*, p. 498.

⁹⁸ DAIX, Georges – *Dicionário dos Santos*, p. 73.

⁹⁹ RÉAU, Louis – *Iconografía de los Santos*, A-F, p. 485.

3.11 – Francisco de Assis

3.11.1 – *História*

S. Francisco nasceu em Assis, na Úmbria, em 1181, e era filho de um rico mercador de tecidos.

Assim que decidiu viver segundo os preceitos evangélicos, S. Francisco renunciou à sua herança, casando-se misticamente com a *Dama Pobreza*. Fundou a ordem dos franciscanos, em 1209, e, passado um ano, o Papa Inocêncio III autorizou que ele e mais onze companheiros da ordem fossem pregadores itinerantes.¹⁰⁰

Dez anos após a sua fundação, a Ordem já contava com muitos seguidores, difundindo-se rapidamente pela Europa Ocidental.

Durante os últimos cinco anos de sua vida, S. Francisco dedicou-se a viver segundo a sua Regra (pobreza, castidade e obediência)¹⁰¹ e, também, foi quando recebeu os cinco estigmas, correspondentes às cinco chagas de Cristo, tornando-se no primeiro estigmatizado na História da Igreja.

Quando faleceu, em 1226, na Porciúncula, após muito sofrimento, os habitantes de Assis acharam por bem enterrá-lo numa colina às portas da cidade.¹⁰²

3.11.2 – *Culto*

Em 1228, dois anos após a sua morte, S. Francisco foi canonizado pelo Papa Gregório IX, convertendo-se num dos santos mais populares do *Cristianismo*. Como consequência, este culto surgiu cedo e divulgou-se rapidamente. A Igreja fez memória deste santo a 4 de Outubro. «A *basílica de Assis, construída para proteger as suas relíquias, e a capela da Porciúncula(...), se converteram no sitio de peregrinação mais frequentado de Itália*». ¹⁰³

3.11.3 – *Iconografia*

A imagem de S. Francisco de Assis encontra-se em duas igrejas: Anta e Silvalde (**Figuras 128 e 129**). A iconografia do santo é dominada por um certo dualismo: uma iconografia situada entre o século XIII e a Reforma, e outra que é considerada

¹⁰⁰ HALLAM, Elizabeth – *Os Santos*, p. 81.

¹⁰¹ Esta Regra foi aprovada pelo Papa Inocêncio III.

¹⁰² RÉAU, Louis – *Iconografía de los Santos, A-F*, p. 545.

¹⁰³ *Ibidem*, p. 547.

tridentina, pois foi criada no âmbito da Contra-Reforma, após o Concílio de Trento.¹⁰⁴ Na primeira é costume S. Francisco de Assis aparecer como um homem barbudo ou imberbe, ter o hábito da ordem franciscana, cingido à cintura por um cordão com três nós, e um crucifixo na mão, bem como os estigmas nas mãos, pés e no lado do peito; enquanto na segunda o seu físico mudou por completo: passou a ter uma expressão torturada, entrando muitas vezes em êxtase.¹⁰⁵

Analisando, sobre este prisma, as imagens de S. Francisco de Assis de Anta e Silvalde encontram-se inseridos na primeira destas iconografias. Ambos são homens barbudos e têm vestido o hábito franciscano, cingido à cintura por um cordão com três nós, os quais representam os três votos da Regra Franciscana (pobreza, castidade e obediência). O de Anta é de cor castanha, símbolo da humildade e da pobreza, duas qualidades que o santo preserva e transmite, tem calçado umas sandálias e, pendente no cordão, um rosário (**Figura 130**). Enquanto o de Silvalde se apresenta descalço e pintado a dourado, uma cor que é considerada a cor de Deus, logo podemos depreender que S. Francisco de Assis é um homem iluminado por acção divina, sinal que no de Anta é sugerido pelo nimbo raiado sobre a sua cabeça (**Figura 131**).

Quanto aos seus atributos, observamos, quer num, quer noutro, que na mão direita seguram um crucifixo e que, à excepção do de Silvalde, na mão esquerda um livro aberto (**Figuras 132-134**). O crucifixo é sinal de uma identificação com Jesus Cristo e o livro na mão esquerda da imagem faz alusão ao Evangelho pelo qual procurou pautar a sua vida seguindo à letra os ensinamentos de Jesus.

3.12 – Inês de Roma

3.12.1 – História

Santa Inês era uma jovem virgem que se tornou mártir. Segundo a *Legenda Áurea*, Santa Inês era a personificação feminina do *Cordeiro de Deus (Agnus Dei)*,¹⁰⁶ já que o seu nome provém do grego, *Agnés*, que significa cordeiro.

Com 12 anos, ou adulta segundo a tradição grega, esta santa estava a caminho da escola, quando foi abordada por um jovem, filho do perfeito, que, encantado com ela,

¹⁰⁴ RÉAU, Louis – *Iconografía de los Santos*, A-F, p. 547.

¹⁰⁵ *Ibidem*, pp. 558-560.

¹⁰⁶ IDEM – *Iconografía del Arte Cristiano. Iconografía de los Santos*, G-O. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1997, nº 7, Tomo II / vol. 4, p. 109.

queria lhe oferecer jóias. No entanto, Santa Inês recusou a sua oferta, pois já tinha um pretendente e que esse lhe dava jóias bem mais bonitas. Por causa deste desaforo, ela foi chamada à presença do pai do jovem e, como se recusou a adorar os ídolos, foi castigada, a percorrer as ruas toda nua. Mas um milagre acontecera. O seu cabelo cresceu muito, o suficiente para conseguir tapar a sua nudez, e depois um anjo vindo do céu cobriu-a com um vestido. O rapaz, que andara atrás dela, morreu, mas, graças às preces da santa, ele acabou por ressuscitar, fazendo com que ela fosse acusada de ser uma maga.¹⁰⁷

Morreu degolada no ano de 305, durante o reinado de Diocleciano, acabando por ser enterrada na Via Nomentana, em Roma.

3.12.2 – *Culto*

O culto de Santa Inês é antigo, inserido em Roma desde o ano 336, e chegou a ser muito divulgado, especialmente em Itália, França, Países Baixos, Alemanha e Portugal.

É padroeira das virgens e dos jardineiros e a sua festa realiza-se a 21 de Janeiro, segundo o documento mais antigo que se refere a Santa Inês: o *Cronógrafo* do ano de 354.¹⁰⁸

3.12.3 – *Iconografia*

A imagem de Santa Inês de Roma encontra-se nas igrejas de Anta e de Paramos (**Figuras 135 e 136**). Segundo Réau, a santa costuma ser representada como uma mulher adulta de cabelos compridos, que usa ricos vestidos, um diadema na cabeça e uma larga estola de ouro sobre os ombros, e que tem como atributos um cordeiro branco, associado ao significado do seu nome, a fogueira, a espada e a palma do martírio. Foi a primeira santa a ser dotada com um atributo (século VI).¹⁰⁹

Nas imagens em estudo, as representações variam, embora corresponda de certa forma à iconografia padrão. Ambas estão ricamente vestidas, uma com cores mais claras (Anta) e outra de azul e vermelho (Paramos), sendo a primeira a que mais está dignificada. Esta aparenta ser uma pessoa de classe nobre, devido à tiara que tem na

¹⁰⁷ RÉAU, Louis - *Iconografía del Arte Cristiano. Iconografía de los Santos, G-O*, p. 110.

¹⁰⁸ *Ibidem*, pp. 109 e 111.

¹⁰⁹ *Ibidem*, p. 112.

cabeça (**Figura 137**). Este objecto, após uma análise pormenorizada, constatámos que se trata de um objecto inserido na imagem, que não pertence a esta, tentando de certa forma esconder a autêntica tiara da imagem.

Quanto aos atributos, ambas têm um cordeiro branco e, excepto a de Paramos, a palma do martírio (**Figuras 138-140**). O cordeiro, cujo animal ambas as imagens seguram na mão direita, embora uma o segure com um pano branco por baixo (Anta), encontra-se ao lado da santa como uma alusão ao nome e também por este ser considerado, no *Apocalipse*, o seu noivo celestial,¹¹⁰ como um sinal da sua pureza, já que ela morreu donzela, prometendo a sua virgindade unicamente a Jesus Cristo. Enquanto a palma do martírio, que a de Anta segura na mão esquerda, é dourada, querendo por certo dizer que a santa era muito querida por Deus.

3.13 – João Baptista

3.13.1 – História

S. João Baptista era filho de Isabel, parente da Virgem Maria, e de Zacarias, sacerdote do templo de Herodes, duas pessoas que já eram de idade avançada quando nasceu o seu filho (Lc 1, 5-7).

Mais tarde, por volta do ano 27 d.C, S. João, levando uma vida ascética e vestindo peles de camelo, começou a pregar no deserto da Judeia, a baptizar aqueles que o seguiam no rio Jordão e a anunciar a vinda do Messias (Mt 3, 1-12; Mc 1, 8; Lc 3, 1-18; Jo 1, 19-30). Um dia, enquanto baptizava, amostrou Jesus e indicou-o aos seus discípulos como sendo o “*Cordeiro de Deus*”. Episódio que lhe valeu o cordeiro como atributo.

Chegou a ser preso por causa das críticas públicas que dizia acerca do casamento de Herodes com a sua cunhada, Herodíade, acabando por ser executado, degolado, sem julgamento, pouco tempo depois, devido a uma artimanha por parte de Salomé e sua mãe, Herodíade. Quando Herodes estava a festejar o seu aniversário, Salomé, filha de Herodíade, dançou para ele. Agradou-o de tal forma, que ele, sob juramento, comprometeu-se a dar-lhe o que ela quisesse. Induzida pela mãe, a rapariga pediu-lhe a cabeça de S. João Baptista num prato. Apesar de ter ficado triste, pois o santo era muito querido pelo povo, pois o considerava um profeta, Herodes nada pôde fazer senão

¹¹⁰ RÉAU, Louis - *Iconografía del Arte Cristiano. Iconografía de los Santos, G-O*, p. 112.

cumprir o que ela lhe pedira, pois o havia jurado perante os convidados. Sem alternativa, ordenou que decapitassem o santo e lhe trouxessem a sua cabeça num prato. Assim que a trouxeram, Herodes deu-a a Salomé, que, por sua vez, a entregou a sua mãe. Depois disso, os discípulos de João vieram buscar o corpo e o sepultaram, avisando depois Jesus do ocorrido (Mt 14, 3-12; Mc 6, 17-29; Lc 3, 19 e 20).

3.13.2 – *Culto*

O seu culto já existia na Idade Média, antes do século XIV, e desde então foi muito divulgado, quer no Oriente, quer no Ocidente. S. João Baptista chegou a ser canonizado, passando a sua festa a ser realizada a 24 de Junho, no dia da sua natividade.¹¹¹

3.13.3 – *Iconografia*

A imagem de S. João Baptista situa-se, apenas, na igreja de Espinho (**Figura 141**). Representa um homem adulto, com barba bifurcada e descalço, vestindo roupas de pele de animal, cingidas à cintura por um cinto de couro castanho, e um manto vermelho sobre o ombro esquerdo, lado o qual ele segura com as duas mãos um cordeiro branco, que se encontra apoiado na coxa da perna. Também observamos, no antebraço direito, próximo da mão, uma filactéria negra. No entanto, à esquerda do cordeiro, um pouco atrás, podemos encontrar uma vara de metal (**Figuras 142-144**). À primeira vista pode parecer que seja um suporte da imagem em si. Mas não é o caso. Se analisarmos a fundo, podemos observar que um pouco mais acima, por cima do braço esquerdo, um orifício, o que nos pode levar a depreender que não se trata de um objecto qualquer, mas possivelmente de uma cruz processional, como a anunciar a ressurreição do Senhor. Não podemos esquecer que S. João Baptista foi o escolhido para anunciar ao povo de Jerusalém a vinda do Messias.

Esta é a representação mais comum e universal deste santo, porque este tipo de iconografia retrata um determinado período da sua vida, aquele em que ele promovia a palavra divina e realizava baptismos no rio Jordão para aqueles que também quisessem seguir o seu exemplo. Um deles foi o próprio Jesus Cristo (Mt 3, 13-17; Mc 1, 9-11; Lc 3, 21 e 22; Jo 1, 31-34).

¹¹¹ RÉAU, Louis – *Iconografía de la Biblia /Nuevo Testamento*, p. 491.

A forma como se encontra vestido, o corpo envolvido por peles de animal (cordeiro ou camelo) e com o cinto, corresponde ao que está escrito nos *Evangelhos de S. Mateus e S. Marcos* (Mt 3, 4; Mc 1, 6). Quanto ao manto vermelho, para além de ser a cor do Espírito Santo, é um símbolo fundamental do princípio da vida, com a sua força, o seu poder e brilho.¹¹² E o que é o baptismo, se não um sacramento que faz com que a vida de alguém ganhe um novo ímpeto, a sua alma volta a nascer para Cristo?

Por fim, quanto ao seu atributo, o cordeiro branco, este encarna o cordeiro místico, Jesus como vítima sem mancha sob a forma de cordeiro, acabando por estar identificado pela filactéria negra, que se encontra à direita do animal, a qual tem a seguinte inscrição: *Ecce Agnus Dei*, que significa: *Este é o Cordeiro de Deus*.

3.14 – Joaquim

3.14.1 – *História*

A sua história ou lenda está associada à de Santa Ana. Ambos estavam casados e eram pais da Virgem Maria.

Nas obras que descrevem a sua história, *Flos Sanctorum*¹¹³ e *Proto-Evangelho de S. Tiago* (1, 1), podemos constatar que este santo era um dos sacerdotes do templo e que tinha por costume fazer uma dupla oferenda a Deus. Chegada a festa do cordeiro, a sua oferta foi rejeitada pelo sacerdote, pois S. Joaquim não tinha descendência, factor que era de extrema importância nesta época. Sendo assim, ele decidiu partir para o deserto, no qual ficou a viver durante quarenta dias e quarenta noites até ao dia em que um anjo lhe dissera para voltar, já que ia conseguir o que tanto queria, um filho.

Quando chegou a Jerusalém, S. Joaquim encontrou-se com a mulher às portas da cidade, na *Porta Dourada*, e, tal como o anjo previu, passados nove meses eles foram pais de uma menina, que viria a ser a mãe do Filho de Deus, e à qual puseram o nome de Maria.

Chegada aos três anos de idade, S. Joaquim e Santa Ana entregaram a sua filha no templo de Jerusalém, tal como eles o haviam prometido a Deus, a fim de receber a sua educação pelos sacerdotes.

¹¹² EDUARDO CIRLOT, Juan - *Dicionário de Símbolos*, p. 686.

¹¹³ ROSÁRIO, Diogo do – *Flos Sanctorum*, Tomo IV, vol. VIII, pp. 136-152.

3.14.2 – Culto

O culto de S. Joaquim é mais tardio que o de Santa Ana. Poderá ter sido muito popularizado no Oriente, mas só surgiu no Ocidente por volta do século XIV, passando a ser celebrado a 26 de Julho.

3.14.3 – Iconografia

A imagem de S. Joaquim (**Figura 145**) encontra-se na igreja de Espinho e representa um homem de idade avançada, barba comprida e cabelos grisalhos, vestindo uma túnica azul e um manto vermelho. Na mão direita segura um cajado e na esquerda uma cesta com duas pombas brancas no seu interior (**Figuras 146 e 147**). O cajado corresponde à sua condição de pastor, já que foi essa a profissão que ele exerceu, quando se retirou durante quarenta dias. Enquanto o cesto com as pombas é a oferenda ritual que ele efectuava no templo. Como já o havíamos mencionado, S. Joaquim, antes de ver a sua oferta ser rejeitada pelo sacerdote, oferecia ao templo uma oferta dupla, podendo as pombas, de certo modo, quererem simbolizar a esperança e a crença de duas pessoas, do santo e da sua mulher, ao desejarem ter descendência.

3.15 – José

3.15.1 – História

S. José era carpinteiro, da estirpe de David, e marido da Virgem Maria: «*Jacob gerou José, esposo de Maria*». (Mt 1, 16). Quando ela ficou grávida, por obra do Espírito Santo, ele aceitou cuidar desse menino como se fosse seu: «*o anjo do Senhor lhe apareceu em sonhos e lhe disse: “José, filho de David, não temas receber Maria, tua esposa, pois o que ela concebeu é obra do Espírito Santo (...)”*» (Mt 1, 20).

Não se sabe ao certo quando terá morrido, mas supõe-se que terá sido antes do início da vida pública de Jesus, porque teria aparecido na companhia da Virgem nas Bodas de Caná, e tal não acontece: «*Ao terceiro dia, celebrava-se uma boda em Caná da Galileia e a mãe de Jesus estava lá. Jesus e os seus discípulos também foram convidados para a boda*» (Jo 2, 1 e 2).

3.15.2 – Culto

O culto de S. José é muito popular no leste, provavelmente no Egipto, desde o século VI e só mais tarde é que se espalhou pelo Ocidente.

Era uma personagem menor durante a Idade Média, contudo é em finais desta época que o culto que lhe prestam como padroeiro da boa morte se desenvolveu, isto graças aos esforços, posteriores, de Santa Teresa de Ávila e S. Francisco de Sales.¹¹⁴ Depois, a partir do século XVII, acabou por se converter num dos santos mais venerados da Igreja Católica, associado com a Virgem e com Jesus a uma nova Trindade, a Trindade Terrestre (Jesus, Maria e José); e promovido, em 1870, à hierarquia de padroeiro da Igreja Universal.¹¹⁵ Desde então passou a ser cultuado no dia 19 de Março pelo Papa Gregório XV, e, em 1955, o Papa Pio XII declarou o dia 1 de Maio, o dia de S. José Trabalhador, acabando assim por ter dois dias em sua honra.¹¹⁶

3.15.3 – Iconografia

A imagem de S. José encontra-se em quatro igrejas: Espinho, Silvalde, Paramos e Guetim (**Figuras 148-151**).

Segundo Réau, S. José costuma ter dois tipos de representação: a da Idade Média, na qual ele é um ancião de cabeça calva e barba branca; e a que surgiu a partir do século XVI, na qual ele torna-se num homem de meia-idade. Mas o que mais o distingue são os seus atributos, a vara florida e o Menino Jesus.¹¹⁷

Analisando as quatro imagens em estudo, observamos que é mais ou menos assim que S. José está representado, segurando na mão direita a vara florida (Paramos e Guetim) e com o Menino Jesus ao colo no lado esquerdo.¹¹⁸ De todos, apenas o S. José de Espinho e de Paramos é que possuem nimbo (**Figuras 152 e 153**). O primeiro tem um nimbo dourado e raiado, com um rubi ao centro, e o segundo, um nimbo circular, atributo da sua santidade.

À excepção das de Espinho e de Silvalde, nos quais o santo tem o cabelo e a barba castanhos, nas restantes, ele está representado como um homem de cabelos e barba grisalhos, mas, no geral, são homens de meia-idade. As roupas que vestem são

¹¹⁴ VV. AA. - *Dicionário Cultural do Cristianismo*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1999, p. 160.

¹¹⁵ RÉAU, Louis – *Iconografía de los Santos*, G-O, p. 167.

¹¹⁶ HALLAM, Elizabeth – *Os Santos*, p. 12.

¹¹⁷ RÉAU, Louis – *Iconografía de los Santos*, G-O, pp. 167 e 168.

¹¹⁸ S. José com o Menino Jesus foi uma das representações muito utilizadas após a Contra-Reforma.

uma túnica azul e um manto laranja (Espinho e Paramos) ou castanho (Silvalde e Guetim).

No que diz respeito aos seus atributos, a vara florida, que ele segura na mão direita (pressupõe-se que a de Espinho deverá estar a segurá-la, já que o santo tem dois dos seus dedos unidos), embora a de Silvalde esteja a agarrar uma simples vara, é um elemento que nos alude à sua eleição para esposo de Maria (**Figuras 153-157**). A açucena, que é a flor presente nessa vara, é sinónimo de brancura e, por conseguinte, de pureza, de inocência, de virgindade. Na tradição bíblica, a açucena é a flor de eleição, sendo um dos atributos de Nossa Senhora.¹¹⁹

Por último, quanto ao Menino Jesus, que está no lado esquerdo ao colo, este encontra-se tanto nu (Espinho), como usa apenas um *perizónium* (Silvalde) ou, então, uma túnica branca (Paramos e Guetim) (**Figuras 158-161**). Esta cor branca, tal como o azul, é uma cor mariana e costumava-se vesti-la nas crianças, pois são seres impúberes e puros, sem pecado, tal e qual como o Menino Jesus. Esta personagem tem duas pequenas particularidades, uma no de Paramos e outra no de Guetim. No primeiro, sentimos que este tem uma ligação muito forte para com o seu pai terreno, pois a sua mão esquerda está a agarrar na sua barba, transmitindo um momento enternecedor entre pai e filho (**Figura 160**). Enquanto no segundo, na mão esquerda do Menino, visualizamos um pequeno globo (**Figura 162**), o que, por sua vez, simboliza a autoridade de um soberano, bem como o carácter totalitário dessa mesma autoridade. Por outras palavras, refere-se ao poder que Jesus terá quando for adulto, no papel de Messias que salvará a humanidade, além de que, também, será chamado de “*Rei dos Judeus*”.

3.16 – Judas Tadeu

3.16.1 – História

S. Judas foi um dos doze apóstolos, irmão de S. Tiago Menor, que viveu no século I. Tinha o nome de Tadeu com o intuito de o distinguirem de Judas Iscariotes.

Depois que Jesus morreu, S. Judas Tadeu foi pregar o Evangelho, juntamente com Simão, na Síria e na Mesopotâmia. Mais tarde foi para a Pérsia, onde viria a sofrer

¹¹⁹ CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain – *Dicionário dos Símbolos*, p. 400.

o seu martírio. Réau, por outro lado, afirma que este santo terá morrido no ano 70, ultimado a golpes de maça, aos pés de uma estátua de Diana, deusa romana da caça.¹²⁰

3.16.2 – Culto

As relíquias de S. Judas Tadeu eram muito veneradas em Reims e Toulouse, em França, durante a Idade Média, bem como na Basílica de S. Pedro, em Roma, onde foram transportadas, mais tarde, no século VII ou VIII.¹²¹

Durante a Idade Média, este culto tinha alguns aspectos negativos, já que muitos o confundiam com Judas Iscariotes, o traidor de Cristo. Através do relato de Santa Brígida, quando esta se refere a Cristo e a S. Judas Tadeu, ele se tornou no padroeiro das causas desesperadas. Por volta do século XVIII, o culto de S. Judas Tadeu voltou a ganhar popularidade em países como a Áustria, Polónia e Itália, passando este a ser celebrado a 28 de Outubro.¹²²

3.16.3 – Iconografia

S. Judas Tadeu é uma imagem que se encontra nas igrejas de Espinho, Silvalde e Guetim (**Figuras 163-165**). Normalmente ele está representado como homem com, mais ou menos, três atributos, depende do artista: uma maça, instrumento do seu martírio; um esquadro; e uma cruz processional, que consiste em ser o emblema do santo.¹²³

Neste caso, cada uma das imagens de S. Judas Tadeu está nestes conformes, apenas com um dos atributos. Ambos seguram na mão direita a dita maça e envolvem com a esquerda um medalhão; vestindo uma túnica verde-escura e um manto vermelho, sobre os ombros, unido por um fimal (Espinho) ou sobre o ombro esquerdo, a envolvê-lo (Silvalde e Guetim). O de Guetim é o único que possui um nimbo a rodear a sua cabeça (**Figura 166**).

Quanto ao que eles têm nas mãos, a maça é o símbolo do seu martírio, já que ele foi espancado até à morte com este objecto, daí também ser um «*símbolo do poder de dominar por esmagamento*»¹²⁴ (**Figuras 167-169**); e o medalhão, que se encontra à volta

¹²⁰ RÉAU, Louis – *Iconografía de los Santos*, G-O, p. 206.

¹²¹ HALLAM, Elizabeth – *Os Santos*, p. 18.

¹²² RÉAU, Louis – *Iconografía de los Santos*, G-O, p. 207.

¹²³ *Ibidem*, p. 207.

¹²⁴ CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain - *Dicionário dos Símbolos*, p. 426.

do pescoço, o de Espinho é circular e tem, bem como o de Guetim, a cabeça de Cristo com a coroa de espinhos; enquanto o de Silvalde é semi-circular e na parte interna podemos observar uma pequena coroa de espinhos. Factores que poderão significar que S. Judas Tadeu morreu pela cruz (**Figuras 170-172**).

3.17 – Luís Gonzaga

3.17.1 – História

S. Luís Gonzaga, filho de uma dama de companhia da rainha de Espanha e do Marquês de Cartaglione, nasceu a 9 de Março de 1568.

Aos 11 anos fez um voto de castidade, aos 17 abdicou da herança em favor do seu irmão, Rudolfo,¹²⁵ e aos 18 voltou-se para a vida religiosa, ao entrar na Companhia de Jesus em 1585.

Com apenas 23 anos, S. Luís Gonzaga acabou por morrer de peste, enquanto cuidava de doentes no Hospital dos Jesuítas.

3.17.2 – Culto

S. Luís Gonzaga foi beatificado em 1605, sendo as suas relíquias, em 1620, transportadas até Roma. No ano seguinte, o seu culto viria a ser aprovado nesta mesma cidade, passando a ser celebrado a 21 de Junho. Mais tarde, em 1726, foi canonizado. Apenas recentemente, em 1926, é que este santo se tornou padroeiro da Juventude Cristã pelo Papa Pio XI.¹²⁶

3.17.3 – Iconografia

A imagem de S. Luís Gonzaga encontra-se nas igrejas de Espinho e de Paramos (**Figuras 173 e 174**). Este santo costuma estar representado, segundo Réau, com o hábito de noviço da ordem dos Jesuítas, com a sotaina, mas sem estola; tendo como atributos um lírio, um crucifixo, uma caveira e uma disciplina.¹²⁷

Observando as duas imagens em questão, podemos constatar que ambas coincidem nesta iconografia, apesar de que a de Espinho é a que tem um nimbo circular ao redor da cabeça (**Figura 175**). Logo, ambas representam o santo como um rapaz

¹²⁵ DAIX, Georges - *Dicionário dos Santos*, p. 121.

¹²⁶ RÉAU, Louis – *Iconografía de los Santos*, G-O, p. 283.

¹²⁷ *Ibidem*, pp. 283 e 284.

jovem, já que ele veio a falecer aos 23 anos de idade, usando o hábito de noviço dos Jesuítas, que era a Ordem na qual ele estava integrado. Segura na mão direita um crucifixo (o de Espinho tem Cristo nele e o de Paramos não), sinal da sua fé, da vida que ele decidiu seguir **(Figuras 176 e 177)**; e na esquerda um livro fechado, que é sinónimo de sabedoria, o que alude à sua vida ascética. É neste lado, também, que ele estreita com o braço contra o corpo um tufo de açucenas, símbolo da sua pureza e castidade. Quanto a este pormenor, aos atributos presentes no lado esquerdo, ele apenas diz respeito a S. Luís Gonzaga de Espinho. O de Paramos tem os dedos da mão esquerda unidos, sugerindo que estivesse a segurar algo **(Figuras 178 e 179)**.

3.18 – Lúzia

3.18.1 – *História*

Santa Lúzia era filha de pais ricos e nobres. Uma virgem cristã que vivia em Siracusa e dera a sua fortuna aos pobres.¹²⁸

A santa acabou por ser denunciada pelo noivo, o cônsul Pascasio, condenando-a a permanecer no prostíbulo.¹²⁹ Numa outra versão, esta virgem havia arrancado os próprios olhos com a intenção de afugentar um pretendente, mas estes foram miraculosamente devolvidos, sendo este sacrifício escrito nos séculos V e VI.¹³⁰

Morreu em 304, durante o reinado de Diocleciano, após ter sido degolada.

3.18.2 – *Culto*

O culto de Santa Lúzia foi muito precoce e muito divulgado no Oriente e no Ocidente. Desde Siracusa que este culto se estendeu por todo o território italiano, passando a ser realizado a 13 de Dezembro, no dia da morte da santa. Depois foi muito popular, principalmente, na Alemanha e na Espanha.¹³¹

3.18.3 – *Iconografia*

A imagem de Santa Lúzia encontra-se em três igrejas: Anta, Silvalde e Guetim **(Figuras 180-182)**. A de Anta é uma mulher jovem de cabelos claros, amarrados em puxo atrás da cabeça por uma fita azul clara, vestindo uma túnica branca e uma capa

¹²⁸ HALLAM, Elizabeth – *Os Santos*, p. 114.

¹²⁹ VORÁGINE, Santiago – *La Leyenda dorada*, pp. 32-34.

¹³⁰ DAIX, Georges – *Dicionário dos Santos*, p. 122.

¹³¹ RÉAU, Louis – *Iconografía de los Santos*, G-O, p. 268.

cor-de-rosa sobre os ombros, unida ao centro por um firmal rectangular. A de Silvalde é uma mulher de cabelos compridos, com roupas de diversas cores e um manto vermelho que pende sobre o ombro e antebraço esquerdos. E a de Guetim é, igualmente, uma mulher jovem de cabelos compridos, com roupas de três cores diferentes e um manto azul sobre o ombro e antebraço esquerdos, e é, quanto às outras duas, a única que tem um nimbo circular, decorado com estrelas e pedras azuis, a rodear a cabeça.

Analisando as imagens em estudo, podemos constatar que cada uma delas é diferente das outras, excepto nos seus atributos, pois todas têm uma taça com dois olhos na mão esquerda e a palma do martírio na direita.¹³²

A palma do martírio (**Figuras 183-185**) caracteriza a santa como uma mártir, enquanto a taça (**Figuras 186-188**), cuja forma varia de acordo com cada uma das imagens, com os dois olhos refere-se ao auto-sacrifício que Santa Lúzia fez para se poder livrar de um de seus pretendentes, preservando assim a sua pureza. A taça tem o seu simbolismo na *Bíblia*, que recai sobre o destino humano: «o homem recebe da mão de Deus o seu destino como uma taça, ou como contido numa taça».¹³³ Por outras palavras, isto quer dizer que o destino de Santa Lúzia já estava traçado por Deus e que, para que ela continuasse a ser sua seguidora, esta tinha de fazer alguns sacrifícios para consegui-lo. Por outro lado, no que diz respeito aos olhos (**Figuras 189-191**), estes eram considerados a luz, durante a Idade Média, já que eles permitem ver o mundo exterior, bem como o mundo interior.¹³⁴ Daí o seu nome ser Lúzia, levando-nos a acreditar que a santa terá tido esta ideia, não só para afastar o pretendente, oferecendo os seus próprios olhos, mas também para estar mais perto de Deus, já que, apesar de cega, ela conseguia ver muito bem o mundo que a rodeava, mas de forma espiritual.

3.19 – Maria Goretti

3.19.1 – História

Santa Maria Goretti nasceu em 1890 em Corinaldo, em Itália. Era uma menina de 12 anos que provinha de uma família pobre e de grande convicção cristã.

¹³² Esta palma do martírio pode pertencer ou não à dita imagem, já que a se pode colocar e retirar da mão da santa.

¹³³ CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain - *Dicionário dos Símbolos*, p. 628.

¹³⁴ WENDY, Irmã - *Livro dos Santos*. Lisboa: Livraria Civilização Editora, 1999, p. 44.

Como era muito bonita, um vizinho tentou abusar dela, mas esta conseguiu defender-se, alegando que a sua virgindade era somente para Jesus. A resposta não foi do agrado do jovem, que, furioso, bateu nela com golpes de baril.

No dia seguinte, a 6 de Julho de 1902, Santa Maria Goretti acabou por vir a falecer no Hospital de Nettuno, perto de Roma.¹³⁵

3.19.2 – Culto

Santa Maria Goretti foi beatificada a 27 de Abril de 1947, pelo Papa Pio XII, na Basílica de S. Pedro, e três anos depois, em 1950, foi canonizada, a 27 de Junho, pelo mesmo papa. Foi a partir desta data que a santa passou a ser considerada a Santa Inês do século XX.

O corpo de Santa Maria Goretti é mantido dentro de uma cripta na Basílica de Santa Maria delle Grazie e Santa Maria Goretti em Nettuno, sul de Roma.

O dia da sua morte, 6 de Julho, foi colocado, pela primeira vez quando foi revisto em 1969, no *Calendário Católico Romano dos Santos* como o dia em que se celebra este seu culto, tornando-se a padroeira da castidade, das vítimas de violação, da juventude, das raparigas adolescentes, da pobreza, da pureza e do perdão.¹³⁶

3.19.3 – Iconografia

A imagem de Santa Maria Goretti está na igreja de Paramos (**Figura 192**).¹³⁷ Trata-se de uma jovem de cabelo castanho, aspecto que se nota por debaixo do véu que tem sobre a cabeça; que veste roupas de camponesa, túnica azul e um xaile castanho-escuro, com a cabeça voltada para cima, bem como o olhar, e com as mãos sobrepostas, ao centro, junto ao peito, apertando contra si dois dos seus atributos: a palma do martírio e um pequeno ramo de açucenas, quatro ao todo, duas abertas e duas fechadas (**Figura 193**).

As roupas que ela tem vestido, elas explicam o seu estatuto social. A santa era de uma família pobre e muito devota a Deus e, isso, vem a ser conciliado com a simbologia das cores castanha e azul, do xaile e da túnica, respectivamente, bem como com o clamor que faz com a cabeça e o olhar para o céu. No que diz respeito aos atributos, a

¹³⁵ DAIX, Georges – *Dicionário dos Santos*, p. 128.

¹³⁶ *Maria Goretti*, disponível em http://en.wikipedia.org/wiki/Maria_Goretti

¹³⁷ Muito provavelmente, esta imagem não estava destinada ao retábulo em que está inserida, pois o nicho é mais pequeno do que ela.

palma do martírio é uma alusão ao seu martírio, pois a santa foi morta por um dos seus pretendentes; enquanto o ramo de açucenas, juntamente com o véu branco que ela usa sobre a cabeça, é um sinal da sua pureza e virgindade (**Figura 194**).

3.20 – *Martinho de Tours*

3.20.1 – *História*

«S. Martinho diferencia-se por ter sido o primeiro cristão pacifista ou pelo menos a primeira pessoa de quem se ouviu mencionar tal facto.»¹³⁸. Algo que ficamos a conhecer através dos relatos da sua vida por parte de Sulpício Severo, seu amigo, e mais tarde por Gregório de Tours.¹³⁹

Nascido na Panónia, actual Hungria, em 316, e criado em Pavia (Norte de Itália), este santo alistou-se no exército romano ainda jovem, pois era filho de um veterano pagão.

Num dia de inverno, quando se encontrava em Amiens, em 337, ele deparou-se com um mendigo ao qual entregou um pedaço da sua capa. Este mendigo era Cristo disfarçado. A partir daí, S. Martinho decidiu ser cristão como discípulo de Santo Hilário de Poitiers, deixando definitivamente o exército em 356.

Mais tarde, em 370, o santo foi eleito para ser o Bispo de Tours, cargo que aceitou. Durante o seu bispado, S. Martinho não deixou de ser humilde, já que por vezes vivia nas periferias da cidade, ajudando sempre os mais necessitados. Chegou até mesmo a fundar inúmeras paróquias rurais em Candes, local onde acabou por falecer no ano de 397, tendo depois o seu corpo sido transferido até Tours.¹⁴⁰

3.20.2 – *Culto*

O culto de S. Martinho de Tours foi imediato. Tours tornou-se rapidamente no principal centro de peregrinação de França, já que era lá onde restavam as suas relíquias, bem como o corpo do santo.

Durante a Idade Média, o culto de S. Martinho de Tours, em França, era tão popular como o de Santiago de Compostela, em Espanha. Sendo, portanto, muito

¹³⁸ WENDY, Irmã – *Livro dos Santos*, p. 70.

¹³⁹ VV. AA. – *Dicionário Cultural do Cristianismo*, p. 179.

¹⁴⁰ HALLAM, Elizabeth – *Os Santos*, p. 97.

divulgado, desde Tours, por toda a Europa: Itália, Espanha, Países Baixos, Inglaterra, Alemanha, Hungria e Portugal.

A sua festa, realizada a 11 de Novembro com muita tradição, tornou-se muito popular e representa a sua *deposição*.¹⁴¹

3.20.3 – Iconografia

A imagem de S. Martinho de Tours (**Figura 195**) encontra-se no retábulo-mor da igreja de Anta, já que é o santo padroeiro desta freguesia.

Iconograficamente, S. Martinho de Tours é representado de duas maneiras. Tanto pode ser um legionário romano montado num cavalo branco, como um bispo, com mitra e báculo.¹⁴²

Sendo assim, nesta imagem, em particular, a representação que podemos observar é a segunda, a do santo como bispo, já que ele veio a tornar-se bispo de Tours. Tem uma mitra na cabeça, um livro fechado na mão esquerda e, na outra mão, um báculo (**Figuras 196-198**). Esta descrição é muito parecida com a de S. Brás, que já mencionamos, mas têm diferenças, pois ambas as imagens foram trabalhadas por artistas diferentes, bem como foram bispos de territórios diferentes. Mas em si a mensagem ou simbologia é a mesma. Todos os pertences de uma pessoa importante no mundo católico, como o bispo, emanam poder e glorificação.

3.21 – Menino Jesus

3.21.1 – História

Jesus, nome proveniente do Céu, segundo S. Lucas,¹⁴³ nasceu a 25 de Dezembro, nove meses depois da *Anunciação* do anjo Gabriel à Virgem Maria, durante o reinado de Herodes, segundo os *Evangelhos de S. Mateus e S. Lucas* (Mt 1 e 2, 1; Lc 1,5 e 26-38). De acordo com a tradição judaica, o Menino foi apresentado no Templo para ser circuncidado.

Com medo de Herodes, a *Sagrada Família* resolveu fugir para o Egipto, região na qual o menino permaneceu até à morte do dito regente (Mt 2, 13-23). Este período de

¹⁴¹ RÉAU, Louis – *Iconografía de los Santos*, G-O, pp. 351 e 352.

¹⁴² *Ibidem*, pp. 353 e 354.

¹⁴³ ROSÁRIO, Diogo do - *Flos Sanctorum*, Tomo I, vol. I, p. 311.

sua infância está descrito de forma fantasiosa nos *Evangelhos Apócrifos* e em particular no de Pseudo-Tomé.¹⁴⁴

Mais tarde, um episódio que marcou a juventude de Jesus foi o encontro dele com os Doutores da Lei no templo de Jerusalém, aquando da *Páscoa Judaica*. Nele, Jesus intrigou os senhores com a sua facilidade em aprender e com as suas perguntas. Tinha ele apenas doze anos.

3.21.2 – Culto

O culto pode-se afirmar que seja muito antigo, já que Jesus é a figura principal do *Cristianismo*, aquele que, para os fiéis, é encarnação divina, enviado à Terra para salvar a humanidade.

Apesar da sua infância e juventude ter sido pouco comentada, a arte não lhe ficou indiferente. O Menino Jesus consegue ter várias figuras, sendo as mais conhecidas, o *Menino Jesus Salvador do Mundo* e o *Menino Jesus de Praga*.¹⁴⁵

3.21.3 – Iconografia

A imagem do Menino Jesus encontra-se em duas igrejas: Espinho e Silvalde (**Figuras 199 e 200**). Segundo Réau, o Menino Jesus aparece na arte sob várias formas, mas, na maior parte das vezes, está sempre associado à Virgem Maria, sua mãe.¹⁴⁶

Neste caso, um dos Meninos tem vestido uma túnica branca, está representado sobre um globo, decorado com pequenas estrelas e rodeado por uma serpente, cuja cabeça está a ser pisada por ele (**Figura 201**);¹⁴⁷ enquanto o outro, o de Espinho, é bem mais simples: encontra-se sobre uma base dourada, vestindo igualmente uma túnica branca e segurando na mão esquerda uma cruz de prata (**Figura 202**). Ambos têm o cabelo encaracolado e loiro.

A primeira representação alude à ideia de Cristo como Salvador do Mundo, já que ele estava a livrar o mundo (o globo) da serpente, que simboliza o pecado original; enquanto a segunda, por sua vez, talvez alude ao mesmo, mas também pode estar a

¹⁴⁴ VV. AA. - *Evangelhos Apócrifos*, pp. 101-111.

¹⁴⁵ *Jesus*, disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Jesus>.

¹⁴⁶ RÉAU, Louis – *Iconografía de la Biblia/Nuevo Testamento*, pp. 44-46.

¹⁴⁷ Este tipo iconográfico foi muito popularizado em Itália por Guido Reni, em Espanha por Murillo e em Flandres por Van Dyck.

mencionar a sua futura ressurreição, daquele que regressou do reino dos mortos, ao terceiro dia.

No entanto existe no Menino Jesus de Espinho uma particularidade muito interessante. O pé direito está ligeiramente levantado para cima e a sua suposta base original encontra-se partida e colada ao suporte que actualmente lhe corresponde (**Figura 203**). Com tudo isto, chegámos à conclusão de que este Menino, originalmente, tirando o nimbo, tinha a mesma representação que o Menino Jesus de Silvalde, aludindo também à ideia de Cristo como Salvador do Mundo.

3.22 – Miguel Arcanjo

3.22.1 – *História*

S. Miguel é o mais popular dos arcanjos e o seu nome surge no *Antigo e no Novo Testamentos*. No *Livro de David* (10, 13-21; 12, 1), ele é designado como um dos primeiros príncipes que representa e protege Israel. Enquanto no livro do *Apocalipse* (12, 7), S. Miguel é um guerreiro que sai vitorioso, juntamente com os seus anjos, de um combate contra o Dragão. Segundo Réau, ele também havia dirigido a luta contra os anjos rebeldes que precipitavam no abismo.¹⁴⁸ O apóstolo Judas na sua epístola (9) também se refere a S. Miguel como um guerreiro, aquele que sai vitorioso de um combate contra Satanás pela posse do corpo de Moisés, já que este arcanjo é igualmente aquele que conduz as almas para a chegada do dia do *Juízo Final*.¹⁴⁹

3.22.2 – *Culto*

O culto de S. Miguel começou no Oriente. De início como substituto de algumas divindades pagãs, para depois, durante o reinado do imperador Constantino, alcançar a sua magnitude.

A finais do século V, surge no Ocidente, no Gárgano, em Itália, tendo a partir daí se espalhado pelo resto da península itálica, por França, Alemanha e Inglaterra. Mais tarde, no século XVII, após ter perdido algum crédito, foi quando o culto ao arcanjo ganhou um novo impulso devido à influência da Contra-Reforma. Durante este período, S. Miguel surge-nos diferente, um chefe militar que triunfa contra Lúcifer e os anjos

¹⁴⁸ RÉAU, Louis – *Iconografía de la Biblia/Antiguo Testamento*, p. 68.

¹⁴⁹ DAIX, Georges – *Dicionário dos Santos*, p. 140.

rebeldes, episódio o qual os Jesuítas consideram ser a vitória da Igreja contra a heresia protestante.¹⁵⁰

Actualmente, a sua festa realiza-se a 29 de Setembro, juntamente com os outros arcanjos reconhecidos pela Igreja: S. Gabriel e S. Rafael.

3.22.3 – Iconografia

A imagem de S. Miguel Arcanjo encontra-se no retábulo-mor da igreja de Anta (**Figura 204**). Representa um jovem anjo de cabelos castanhos, com asas prateadas e verdes, vestindo a roupa de um guerreiro, envolta por um manto vermelho, e usa um elmo com plumas na cabeça, empunhando na mão direita uma lança, com a qual derrota um demónio, que está prostrado a seus pés; enquanto na mão esquerda segura uma balança (**Figuras 205-207**).

Esta iconografia do arcanjo S. Miguel surge depois da Contra-Reforma. Nela vemos um arcanjo justiceiro, com elmo e couraça, que trava uma grande luta contra um demónio, acabando por o matar, ao empunhar a sua lança sobre ele, um atributo que vem ainda mais condensar a ideia que se tem deste arcanjo como justiceiro, pois é ele que tem o poder. E ele fez o que fez como anjo protector que era, pois jurara lealdade para com o seu Senhor. Daí ele ter um manto vermelho a rodeá-lo. É com a força do Espírito Santo, enviada por Deus, que ele garante uma vitória certa, a vitória do bem contra o mal, que está personificado na figura do demónio. Quanto à balança, esta também vem a contribuir para a ideia que temos de S. Miguel como *O Justiceiro*, já que, em parte, a balança simboliza isso mesmo: «A balança é conhecida como símbolo da justiça, da medida, da prudência e do equilíbrio, porque a sua função corresponde precisamente à pesagem dos actos»,¹⁵¹ porque S. Miguel também era conhecido como aquele que pesava as almas, sendo comparado a Anúbis, deus egípcio que levava as almas para a outra vida.

3.23 – Nossa Senhora

3.23.1 – História

Nossa Senhora, segundo os *Apócrifos*, era filha de Santa Ana e S. Joaquim e passou parte da sua vida no templo de Jerusalém. Depois de ter sido prometida a S.

¹⁵⁰ RÉAU, Louis – *Iconografía de la Biblia/Antiguo Testamento*, pp. 68 e 71.

¹⁵¹ CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain - *Dicionário dos Símbolos*, p. 109.

José, enquanto estava ainda no templo, surgiu o anjo Gabriel a anunciar que ela havia sido a escolhida para ser a mãe do Filho de Deus. (Lc 1, 26-38)

Depois de se casar com S. José, eles foram até Belém, onde nasceu Jesus. Depois, sabendo que o menino estava a ser procurado por Herodes, a Virgem Maria e S. José decidiram fugir para o Egito, regressando a Nazaré assim que o regente faleceu.

Após estes acontecimentos, durante a vida pública de Jesus, Nossa Senhora continua a ser uma figura vaga, surgindo nas *Bodas de Caná*, na *Crucificação* e na *Ascensão de Cristo ao Céu*. Contudo, nada se sabe dos seus últimos dias de vida, muito menos quando morreu, apesar de ser um tema muito conhecido na arte: *Dormição da Virgem*.

3.23.2 – Culto

O culto à Virgem Maria, sob as mais variadas invocações, encontra-se enquadrado no culto de *hiperdulia*, um culto somente destinado a ela. Com as resoluções do Concílio de Éfeso passou a haver um grande incentivo ao seu culto, que desde então passou a ser representada juntamente com o Menino Jesus.

O culto à Mãe de Deus fez com que, ao longo dos tempos, a Virgem Maria viesse a obter diversas formas de devoção, com diversas denominações. De forma geral, transpareciam as suas diversas invocações, que eram de três origens diferentes: Litúrgicas, Históricas ou Populares; bem como as diversas fases da vida da Virgem Maria: a *Infância*, a *Imaculada Conceição*, a *Encarnação do Verbo de Deus*, a *Maternidade*, a *Paixão de seu Filho* e a *Glorificação*.¹⁵²

3.23.3 – Iconografia

A imagem de Nossa Senhora localiza-se na igreja de Anta (**Figura 208**). Representa uma mulher de cabelos castanhos, com um véu branco na parte de trás da cabeça, vestindo uma túnica branca e um manto azul a rodeá-la. Uma das suas extremidades está a ser segurada pelo seu antebraço esquerdo.¹⁵³ Estas mesmas cores, que se encontram na túnica e manto respectivamente, são cores que obviamente a

¹⁵² *Anexos: Títulos de Maria, mãe de Deus*, disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Anexo:T%C3%ADtulos_de_Maria,_m%C3%A3e_de_Jesus.

¹⁵³ A imagem de Nossa Senhora a segurar uma das extremidades do manto pelo antebraço só surge no século XVIII.

identificam, já que são cores marianas, as que se referem a ela como um ser puro e sob a protecção divina.

Tem o Menino Jesus, nu e de braços abertos, ao colo no lado esquerdo, personagem que na maior parte da arte ocidental aparece sempre na sua companhia, aludindo a maternidade de Maria; ao mesmo tempo que segura, com ambas as mãos, um rosário de contas brancas, objecto devocional, que lhe está associado, a partir do século XV (**Figuras 209 e 210**).

Sobre a cabeça tem uma coroa, encimada por um pássaro, mas, ao que tudo indica, segundo o zelador da igreja, esta coroa não pertence a esta figura, mas sim a uma outra (**Figura 211**). Contudo, este elemento não tira significado à dita imagem, pois também é comum vermos uma coroa na cabeça de Nossa Senhora desde o Renascimento e o Barroco. O pássaro que se encontra no seu topo também é um símbolo de Nossa Senhora, baseado nas lendas dos *Evangelhos Apócrifos*, segundo o autor B. Xavier Coutinho.¹⁵⁴

E, por fim, Nossa Senhora também está sob uma pequena nuvem com três cabeças de anjo com duas asas: duas nas laterais, uma em cada lado, e uma central (**Figura 212**).

3.24 – Nossa Senhora da Ajuda

3.24.1 – História

Nossa Senhora da Ajuda é um dos muitos títulos que estão atribuídos à Virgem Maria. A sua lenda nasce a partir da lenda da cidade de Espinho, quando dois galegos, após serem vítimas de um naufrágio e estarem a salvo, decidiram construir, no mesmo sítio em que se salvaram, uma capela em sua honra.¹⁵⁵

3.24.2 – Culto

O culto de Nossa Senhora da Ajuda terá nascido com a localidade, como já o havíamos referido, mas, em Portugal, este mostra ser bem mais antigo. Para além da primitiva capela, mandada construir pelos dois galegos, houve uma outra de maiores

¹⁵⁴ COUTINHO, B. Xavier - *Nossa Senhora na Arte. Alguns problemas iconográficos e uma exposição Marial*. Porto: Livraria Tavares Martins, 1959, p. 163.

¹⁵⁵ Festa de Nossa Senhora da Ajuda, disponível em <http://www.flickr.com/photos/robaleiro/sets/72157601021609742/>

dimensões no mesmo local, que veio a substituir a primeira, acabando por ser derrubada pelas invasões do mar em 1908. Sendo assim, a imagem da santa foi recolhida e transladada até à capela de Santa Maria Maior, longe do mar, e que, actualmente, é mais conhecida por capela de Nossa Senhora da Ajuda por albergar essa mesma imagem até aos dias de hoje. A procissão, que existe todos os anos na cidade de Espinho em honra desta Nossa Senhora, sempre foi organizada no terceiro domingo do mês de Setembro, com grande pompa e circunstância, saindo sempre da referida capela.¹⁵⁶

3.24.3 – Iconografia

Na igreja de Espinho existem duas imagens de Nossa Senhora da Ajuda, já que esta é a sua santa padroeira. Daí que, das duas, a que iremos analisar será a de grandes dimensões que se encontra no terceiro retábulo do lado do Evangelho.

A santa padroeira de Espinho está representada como uma mulher de cabelos castanhos compridos, com véu branco transparente e coroa sobre a cabeça, vestindo uma túnica cor-de-rosa e um manto azul, colocado no ombro esquerdo, com os pés calçados com sandálias sobre uma nuvem branca, que, por sua vez, encontra-se dentro de um barco em alto-mar, que se está a afundar. Na mão esquerda segura o Menino Jesus, vestido com uma túnica branca, enfaixado ao centro com uma peça dourada, e com os pés descalços pousados na perna de Nossa Senhora; enquanto na direita, a ponta de uma corda, atada a uma âncora, que lança a um náufrago, que está a seus pés, prestes a ir ao fundo, juntamente com o barco, no qual, bem escondido na sua lateral esquerda, podemos observar a seguinte inscrição com letras brancas: *N. S. D' Ajuda* (**Figuras 213-217**).

Portanto, os atributos aqui presentes, atribuídos a Nossa Senhora da Ajuda, são a coroa, que tem sobre a cabeça, mostrando a sua realeza nos céus, pois ela havia sido coroada pela *Santíssima Trindade*; o Menino Jesus, que, juntamente com sua mãe, tenta dar algum alento ou esperança ao pobre náufrago, pois a ajuda estava a ser providenciada, daí ele estar de braços abertos a olhar para baixo, tal e qual como sua mãe, que tenta percepçionar se a âncora que está a lançar, chega ao seu destino. Este objecto vem a ser o terceiro e último atributo. A âncora simboliza a esperança, uma das três virtudes teologais do mundo cristão (Heb 6, 19) e, por conseguinte, é isso que

¹⁵⁶ PEREIRA, Álvaro – *Espinho. Monografia*, pp. 40 e 41.

podemos observar nesta imagem. Nossa Senhora e o Menino Jesus, como já o mencionamos, estão a tentar ajudar o náufrago, que está a poucos minutos de morrer em alto-mar, e, como tal, lançam-lhe uma âncora, com o intuito de que esta pessoa aflita não desista e tenha a esperança de que será salvo, pois Nossa Senhora não o deixará morrer.

3.25 – Nossa Senhora da Boa Nova

3.25.1 – História

Nossa Senhora da Boa Nova, um dos múltiplos títulos da Mãe de Deus, é aquela que traz a Boa Nova aos homens sobre o nascimento de Jesus, através do Evangelho.

3.25.2 – Culto

O culto de Nossa Senhora da Boa Nova começou, segundo Frei Agostinho de Santa Maria, a partir de uma lenda, que se encontra descrita n' *Os Lusíadas* de Luís Vaz de Camões (Canto III). Nesta lenda, a *formosíssima Maria*, casada com D. Afonso IV, recebera a presença de um cavaleiro, enviado por seu pai, na vila de Terena, que trouxe consigo uma boa nova que ela há muito ansiava: o auxílio de seu pai contra os mouros. Para comemorarem tal acontecimento, mandou-se construir uma capela dedicada a Nossa Senhora da Boa Nova nesse mesmo sítio.¹⁵⁷

Em Portugal, a sua devoção é muito difundida, principalmente nas dioceses de Braga e do Porto.

Na freguesia de Silvalde, em particular, também se vem a construir uma capela dedicada a esta Nossa Senhora, que, actualmente, está completamente modificada ou remodelada. Naquela altura chegava-se a realizar uma romaria em sua honra no 2º Domingo do mês. Actualmente, este culto vem a ser celebrado a 31 de Maio.¹⁵⁸

3.25.3 – Iconografia

A imagem de Nossa Senhora da Boa Nova encontra-se na igreja de Silvalde (**Figura 218**). Representa uma mulher de cabelos castanhos compridos, envoltos por um véu branco, vestindo uma túnica branca e um manto azul, que está sobre os ombros,

¹⁵⁷ CARVALHEIRA, P^e José do Vale - *Nossa Senhora na História do Povo Português*. Porto: Edições Salesianas, 1998, p. 146.

¹⁵⁸ ZANON, Darlei – *Devoções a Nossa Senhora. Histórias e orações a 325 títulos marianos*. Lisboa: Paulus Editora, 2009, p. 71.

preso por um firmal redondo e dourado, parecido com a forma do sol, com um rubi ao centro. Está sobre uma nuvem branca, que tem três cabeças de anjo: a central tem duas asas verdes. Sobre um pequeno manto branco tem ao colo o Menino Jesus, que veste uma túnica branca, e, no alto da cabeça, uma grande lua em quarto crescente (**Figuras 219-222**).

Como ela é a anunciadora da Boa Nova, através do Evangelho, sobre o nascimento de Jesus, é normal que ela tenha o Menino Jesus ao colo, sobre um pano branco, pois ele acaba de nascer, sendo, portanto, apresentado aos homens por Nossa Senhora. Esta anuncia que o Messias, Filho de Deus, nascera para, segundo as Escrituras, poder salvar os homens do pecado, dar esperança à humanidade, virtude que poderá estar um pouco explícita através da cor das asas da cabecinha de anjo que está ao centro da nuvem. No entanto, podemos associar o seu firmal dourado, com um rubi ao centro, a esta cena, pois esta pedra simboliza o sangue que Cristo derramou para nos salvar. Logo, o simples facto de Nossa Senhora da Boa Nova estar a presentear o Menino Jesus, pode não só estar a referir-se ao seu nascimento, como também à sua morte, em prol da humanidade.

Por fim, quanto ao quarto crescente sobre a sua cabeça, este simboliza a castidade e o nascimento, acabando por dar, por acréscimo, uma maior carga simbólica à própria imagem, já que o tema em questão é o nascimento.

3.26 – Nossa Senhora da Conceição

3.26.1 – História

O ponto de partida para a sua existência é a noção de que a sua concepção já existia no pensamento de Deus antes do começo do mundo.¹⁵⁹ Segundo o dogma cristão, Maria foi concebida isenta do pecado original, daí o atributo de *Imaculada* lhe ser atribuído.

3.26.2 – Culto

Após muita discussão, o culto de Nossa Senhora da Conceição só veio a ser definido, em 1854, na bula *Ineffabilis Deus*, pelo Papa Pio IX, a 8 de Dezembro, data em que se viria a celebrá-lo. Depois deste acontecimento, Nossa Senhora apareceu a

¹⁵⁹ RÉAU, Louis – *Iconografía de la Biblia/Nuevo Testamento*, p. 81.

Bernadette Soubirous, a 11 de Fevereiro de 1858, dizendo «*Eu sou a Imaculada Conceição*».¹⁶⁰

No caso português, a festa de Nossa Senhora da Conceição surgiu com a reconquista, enquanto o seu culto viria a ser implantado no século XIII, através de franciscanos e de teólogos na Universidade de Paris. O culto de Nossa Senhora da Conceição veio a ser oficializado durante o reinado de D. João IV, primeiro rei da Dinastia de Bragança.¹⁶¹

3.26.3 – Iconografia

A imagem de Nossa Senhora da Conceição encontra-se nas igrejas de Espinho e de Silvalde (**Figuras 223 e 224**).

A iconografia de Nossa Senhora da Conceição descende de muitos factores, que foram evoluindo no tempo, entre eles a *Imaculada* de Murillo e a mulher apocalíptica: «*Depois, apareceu no céu um grande sinal: uma Mulher vestida de Sol, com a Lua debaixo dos pés e com uma coroa de doze estrelas na cabeça.*» (Ap 12, 1).

Sendo assim, a Nossa Senhora da Conceição costuma estar representada como uma mulher de pé sobre uma lua em quarto crescente e coroada de estrelas, que estende os braços, unindo as mãos sobre o peito, com o olhar na direcção da Terra, de maneira a distingui-la da *Assunção*. Também pode ter a seus pés um globo, no qual se apoia e afasta a cabeça da serpente, símbolo do pecado original, um aspecto que se pode constatar na época barroca.¹⁶²

Neste caso, em certos aspectos, podemos observar que essa representação ainda continua em vigor. Ambas representam uma mulher de cabelos castanhos compridos, vestindo uma túnica branca e um manto azul sobre o ombro esquerdo e que, com o pé esquerdo, pisam uma lua em quarto crescente, com as pontas viradas para cima e que se encontra por cima de nuvens, nas quais podemos observar três cabeças de anjo com asas, dois laterais e um central, sendo que na de Silvalde, os laterais têm apenas uma asa e olham para Nossa Senhora, incluindo o central, aspecto que já não observamos na de Espinho.

¹⁶⁰ *Nossa Senhora de Lourdes*, disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Nossa_Senhora_de_Lourdes

¹⁶¹ LIMA, J. A. Pires de; LIMA, FC Pires de – *Nossa Senhora em Portugal*. Porto: Edições Domingos Barreira, [1930-1950?], p. 18.

¹⁶² RÉAU, Louis – *Iconografía de la Biblia|Nuevo Testamento*, pp. 85 e 88.

O seu aspecto jovem deve-se ao facto de ter sido eleita muito antes de nascer e de ter sido «*concebida antes que Eva, na eternidade*».¹⁶³ Quanto à lua em quarto crescente (**Figuras 225 e 226**), encontra-se ligada ao princípio feminino, passivo,¹⁶⁴ ao mesmo tempo que faz alusão a dois aspectos que estão relacionados com certas características da Virgem, como anteriormente o mencionamos, a castidade e o nascimento.

Para além de semelhanças, também existem diferenças entre as duas imagens em estudo, que são muito próprias de cada uma delas. Estas diferenças dizem respeito à posição da cabeça e do olhar, à posição das mãos e, por último, ao globo terrestre. Este é símbolo da sua soberania, com a serpente, cuja cabeça ela pisa com o pé direito, que está por baixo dos pés de Nossa Senhora da Conceição de Espinho, envolvido por nuvens (**Figuras 227 e 228**). Ao estar a pisar a cabeça da serpente, podemos deduzir que aqui encontra-se explicita a vitória de Nossa Senhora sobre o pecado original. Quanto aos outros dois aspectos, reparamos que uma tem a cabeça ligeiramente inclinada para a esquerda, a olhar para baixo e com as mãos colocadas, ao centro, em oração (Espinho); enquanto a outra, por sua vez, tem a cabeça levantada para cima, com o olhar posto no céu, e com as mãos unidas junto ao peito (Silvalde) (**Figuras 229 e 230**). Na nossa opinião a primeira atitude significa que Nossa Senhora está a ver tudo o que se passa em baixo, na Terra, que está a seus pés, orando para que a bondade da humanidade venha ao de cima e a ajudem a derrotar o pecado original, facto que também está presente na imagem. Já com a segunda, podemos confundi-la com a Nossa Senhora da Assunção, pois o normal era ela ter o olhar para baixo como a de Espinho. Mas, como tal não acontece, podemos reflectir, numa certa perspectiva, relacionada com a disposição das mãos, que ela possivelmente estaria a pedir a Deus que tenha clemência por seus “filhos” na Terra, pois como “mãe” ela preocupa-se e intercede por eles.

¹⁶³ RÉAU, Louis – *Iconografía de la Biblia|Nuevo Testamento*, p. 82.

¹⁶⁴ Relacionado com a concepção da Virgem, que foi uma *concepção passiva*.

3.27 – Nossa Senhora das Dores

3.27.1 – História

Nossas Senhora das Dores, Nossa Senhora da Soledade (que mais adiante a iremos referir), Nossa Senhora da Piedade e em latim, *Mater Dolorosa*, são títulos atribuídos à Virgem Maria, que fazem alusão às sete dores da Nossa Senhora:

- 1- As Profecias de Simão sobre Jesus (Lc 2, 34-35)
- 2- A Fuga da Sagrada Família para o Egito (Mt 2, 13-21)
- 3- O desaparecimento do Menino Jesus durante três dias (Lc 2, 41-51)
- 4- O encontro de Maria e Jesus a caminho do Calvário (Lc 23, 27-31)
- 5- Maria observando o sofrimento e morte de Jesus na cruz (Jo 19, 25-27)
- 6- Maria recebe o corpo do Filho tirado da cruz (Mt 27, 55-61)
- 7- Maria observa o corpo do Filho a ser depositado no Santo Sepulcro (Lc 23, 55-56)¹⁶⁵

3.27.2 – Culto

O culto de Nossa Senhora das Dores iniciou-se em 1221, no Mosteiro de Schonau, na Germânia, passando a ser venerada no dia 15 de Setembro em 1239, em Florença (Itália), pela Ordem dos Servos de Maria.

Mais tarde, este culto foi difundido, um pouco pelo mundo, acabando por ser padroeira da Eslováquia, Estado Norte-Americano do Mississípi e de alguns municípios brasileiros; bem como uma devoção particular em Malta e em Espanha. Já em Portugal, Nossa Senhora das Dores é uma invocação bastante conhecida, sendo a padroeira de diversas freguesias, cujo culto foi organizado e difundido no país pela Congregação do Oratório de Braga. Segundo Senna Freitas em seu livro *Memórias de Braga*, a invocação desta Nossa Senhora começou a ser pública e específica, desde que o Papa Benedito XIII, a 22 de Agosto de 1727, mandou que se rezasse sobre as Dores de Nossa Senhora, determinando que nos Breviários, por adição, fosse inscrita.¹⁶⁶

¹⁶⁵ *Nossa Senhora das Dores*, disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Nossa_Senhora_das_Dores

¹⁶⁶ *Nossa Senhora das Dores*, disponível em http://www.santissimavirgemaria.com.br/nossa_senhora_das_dores.html

3.27.3 – Iconografia

A imagem de Nossa Senhora das Dores encontra-se na igreja de Silvalde (**Figura 231**). Esta imagem representa Nossa Senhora, que veste uma túnica azul e um manto azul-escuro, que se encontra sobre a cabeça inclinada para a esquerda. Esta encontra-se em profundo sofrimento, com os olhos vermelhos, quase a sangrarem, as mãos, unidas ao centro, fechadas em concha, e com sete pequenas espadas atravessadas no peito, na zona do coração, que representam as suas sete dores (**Figuras 232 e 233**).

Analisando a fundo esta imagem, podemos perceber que se trata de uma mulher em profunda agonia, factor que é bem visível devido à sua expressão facial e corporal. Esta última dá-nos a sensação de movimento, que Nossa Senhora está a caminhar, mas a um passo muito lento e doloroso, já que esta imagem trata-se da Virgem que chora a morte do Filho.¹⁶⁷ As mãos unidas, juntas e agarradas, também reflectem essa dor, pois pedem clemência. Ela é uma mulher que perdeu o Filho e precisa de ser amparada.

3.28 – Nossa Senhora de Fátima

3.28.1 – História

Nossa Senhora de Fátima fez a sua primeira aparição a 13 de Maio de 1917 na Cova da Iria aos três pastorinhos: Lúcia, Francisco e Jacinta.

Durante as suas aparições mensais, sempre dia 13,¹⁶⁸ Nossa Senhora pedia-lhes que rezassem, amiúde, o terço em honra a Nossa Senhora do Rosário, e prometia-lhes vir acabar com a guerra e que, na sua última aparição, iria realizar um milagre para que todos acreditassem que ela existia realmente. Realizou-o a 13 de Outubro do mesmo ano, quando ocorreu a designada “*dança do sol*”, após ter dito que nesse dia a guerra iria acabar, que os soldados regressariam a suas casas em breve, e que construíssem uma capelinha naquele mesmo local.¹⁶⁹

¹⁶⁷ COUTINHO, B. Xavier - *Nossa Senhora na Arte*, p. 98.

¹⁶⁸ Excepto em Agosto, que foi dia 19, já que os pastorinhos estavam presos em casa do administrador do Concelho de Vila Nova de Ourém.

¹⁶⁹ TORGAL, Luís Filipe – *As “aparições de Fátima”. Imagens e Representações (1917-1939)*. Lisboa: Temas e Debates, 2002, pp. 51-61.

3.28.2 – Culto

Após as aparições de Nossa Senhora muitos foram os peregrinos que se dirigiam para Fátima todos os anos. A Capelinha das Aparições começou a ser construída a 28 de Abril de 1919, chegando a ser concluída a 15 de Junho do mesmo ano.

Em 1928, assentou-se a primeira pedra da Basílica do Santuário de Fátima, e apenas a 13 de Outubro de 1930 é que o bispo de Leiria declarou como sendo verdadeiras as aparições de Nossa Senhora de Fátima, ao mesmo tempo que aprovou o seu culto. Passados onze anos, a 21 de Outubro, Pio XII nomeia-a *Rainha de Portugal* e do mundo, e, a finais do século XX, em 1997, com a celebração do 80º aniversário das aparições, começaram a aparecer milhões e milhões de pessoas ao local.

3.28.3 – Iconografia

A imagem de Nossa Senhora de Fátima encontra-se em quatro igrejas do concelho em estudo: Espinho, Silvalde, Paramos e Guetim (**Figuras 234-237**). Apesar de a iconografia de Nossa Senhora ser muito antiga, desde os primórdios da Idade Média, a de Nossa Senhora de Fátima, em específico, é bem actual e baseia-se na descrição relatada pela Irmã Lúcia, um dos três pastorinhos aos quais ela apareceu. Sendo assim, a Nossa Senhora de Fátima costuma estar representada como uma mulher toda vestida de branco, com um rosário nas mãos, o que faz com que ela tenha algumas parecenças com Nossa Senhora de Lourdes (França) (**Figura 238**).

Neste caso, as imagens em estudo, todas elas possuem mais ou menos esta descrição. Ambas estão vestidas totalmente de branco, túnica e manto sobre a cabeça, que se encontra inclinada para a esquerda; com as mãos unidas em oração, segurando um rosário (**Figuras 239-242**). Ao que tudo indica, só as de Espinho e Paramos é que estão calçadas, usando umas sandálias, já que as outras apenas se lhes vêem os dedos dos pés assentados sobre uma nuvem branca (**Figuras 243 e 244**). Nas de Espinho, de Silvalde e de Guetim, esta mesma nuvem encontra-se sobre uma pequena azinheira, envolvendo-a, porque, segundo os relatos da Irmã Lúcia, Nossa Senhora teria aparecido aí (**Figuras 245-248**).¹⁷⁰

Quanto às suas vestes, observamos que, à excepção das de Silvalde e de Guetim, todas as túnicas encontram-se cingidas à cintura por um cinto ou uma correia (**Figuras**

¹⁷⁰ TORGAL, Luís Fílipe - *As “aparições de Fátima”*, p. 39.

249 e 250), que se refere de forma subtil «à essência das suas esperanças maternas»,¹⁷¹ afinal não era muito raro ela cingir um simples cinto; e, à excepção da de Paramos que tem duas, uma estrela dourada se encontra estampada na parte de baixo desta mesma túnica (**Figuras 251-254**). Segundo o *Antigo Testamento*, as estrelas obedeciam à vontade de Deus e, por vezes, anunciavam-na (Is 40, 26; Slm 19, 2), como é o caso desta Nossa Senhora. A estrela também remonta para o relato de uma testemunha das suas aparições: «no dia 13 de Setembro (...), via-se sobre a árvore algo de extraordinário que pareciam ser flores brancas que outros identificaram como sendo estrelas».¹⁷² No meio deste conjunto, também podemos visualizar, pendente num fio que Nossa Senhora tem ao pescoço, uma pequena esfera dourada (Silvalde e Guetim) (**Figuras 255 e 256**). E não nos esqueçamos da cor. O branco é considerado a cor da pureza, da Teofania, bem como da revelação e da graça, o que a caracteriza muito bem.

Quanto aos seus outros complementos, a coroa (Silvalde, Paramos e Guetim), no alto da cabeça, dá valor a quem a possui, logo, Nossa Senhora de Fátima é uma personagem importante no mundo cristão, merecendo tal recompensa, já que chegou a ser nomeada *Rainha de Portugal* (**Figuras 257-259**). Apenas a de Espinho é que tem sobre a cabeça um nimbo circular decorado com pequenas estrelas (**Figura 260**). A posição das mãos, colocadas, uma na outra, em oração, juntamente com a sua expressão facial, mostram ela a pedir clemência ou piedade ao Senhor, para que seja misericordioso para com os pecadores, podendo-se constatar que foi sempre isso que ela quis, pois aquando das aparições aos pastorinhos, sempre frisou esta vontade; a nuvem, na qual ela se encontra, vem a complementar o que acabamos de referir, já que é um símbolo de revelações proféticas, Teofanias (Nossa Senhora prometia erguer, através da vontade de Deus, um mundo novo). E, por último, o rosário, que Nossa Senhora tem nas mãos, este alude as orações que Nossa Senhora de Fátima mandou os três pastorinhos fazerem em prol da paz.

¹⁷¹ COUTINHO, B. Xavier - *Nossa Senhora na Arte*, p. 185.

¹⁷² TORGAL, Luís Filipe - *As "aparições de Fátima"*, p. 50.

3.29 – Nossa Senhora da Guia

3.29.1 – *História*

Nossa Senhora da Guia, título atribuído à Virgem Maria e que caracteriza uma das suas muitas facetas e características, teve origem na Igreja Ortodoxa, onde a Virgem Maria era invocada sob o nome de *Odigitria* (Condutora). Era, portanto, considerada aquela que guia Jesus Cristo pelo caminho mais recto, desde a sua infância até ao início da sua vida pública. Mais tarde, Nossa Senhora da Guia viria a ser uma invocação adoptada pela Igreja Católica e, por conseguinte, a ser igualmente invocada como guia e protectora do Povo de Deus e do Homem.¹⁷³

3.29.2 – *Culto*

O culto de Nossa Senhora da Guia surgiu no mundo ortodoxo, mas desde que foi adoptado pela Igreja Católica, tornando-se bastante difundido por diversos locais, onde passou a ser venerada sob esta invocação. Em Portugal, em particular, esta devoção a Nossa Senhora da Guia é muito forte, o que fez com que ela fosse a padroeira dos navegantes. A sua festa litúrgica realiza-se a 15 de Agosto.¹⁷⁴

3.29.3 – *Iconografia*

A imagem de Nossa Senhora da Guia encontra-se na igreja de Guetim (**Figura 261**). Representa uma mulher de cabelos castanhos compridos com um véu branco e uma coroa sobre a cabeça. Tem vestido uma túnica cor-de-rosa, com mangas brancas e botões nos punhos, e um manto azul sobre o ombro esquerdo, que a rodeia, sendo que uma das extremidades pousa no seu antebraço esquerdo. Também usa sandálias nos pés e segura com as duas mãos o Menino Jesus, que está de pé e em nu integral. Estas duas personagens encontram-se em cima de uma nuvem com cinco caras de anjo, cada uma com duas asas, cujas cores variam entre o bege, azul e verde. Os dois que estão nas laterais, um em cada lado, têm o olhar posto em Nossa Senhora, enquanto os outros três, os que estão ao centro, olham uns para os outros, como se tivessem a ter um diálogo entre si (**Figuras 262-266**).

¹⁷³ *Nossa Senhora da Guia*, disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Nossa_Senhora_da_Guia

¹⁷⁴ *Nossa Senhora da Guia*, disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Nossa_Senhora_da_Guia

A Nossa Senhora da Guia costuma ter várias representações, conforme a região, e, na nossa opinião, a imagem em estudo revela isso mesmo. Achamos, portanto, que a iconografia desta imagem pode ser produto de alguns costumes da freguesia de que ela procede. No que diz respeito às suas vestes, não é a primeira vez que visualizamos uma túnica rosa, a padroeira de Espinho, a Nossa Senhora da Ajuda também a tinha. No entanto, os botões nas mangas, só em si, já são uma novidade e o que, possivelmente, distinguirá Nossa Senhora da Guia das outras “mães de Jesus”.

As cabeças aladas dos anjos também não são algo de novo, pois como podemos constatar anteriormente, algumas outras Nossas Senhoras também os têm, como se estivessem a referir à *Assunção da Virgem Maria*.

Quanto à coroa, esta dá-lhe estatuto, para além de que Nossa Senhora foi coroada rainha do céu, factor que também podemos associar à presença das cabeças de anjo. Já o Menino Jesus, que se encontra de pé nas suas mãos, Nossa Senhora da Guia dá-nos a ideia de que o está a amparar, pois os dois pés do Menino estão colocados sobre a palma da sua mão direita, ao passo que a mão esquerda toca nas costas dele. Logo, isto só pode significar uma coisa: que Nossa Senhora da Guia, ao amparar o Menino Jesus, também amparará os que a ela recorrem e os guiará pelo caminho da fé com o intuito de serem bons cristãos.

3.30 – Nossa Senhora de Lourdes

3.30.1 – História

Nossa Senhora de Lourdes representa uma aparição mariana, que aconteceu a 11 de Fevereiro de 1858, na gruta de Massabieles, em Lourdes, a Bernadette Soubirous, uma menina de catorze anos, enquanto esta estava a recolher lenha na companhia da irmã, Toinette, e de uma amiga, Jeanne Abadie.

Assim que tirou os sapatos e as meias para atravessar o rio, que ficava junto da gruta de Massabieles, Bernadette ouviu duas rajadas de vento, mas as árvores e arbustos não se haviam mexido. Foi então que a menina viu uma luz na gruta. Curiosa aproximou-se dela e pôde ver uma *dama* toda vestida de branco, com uma faixa azul presa em sua cintura, um rosário em suas mãos, em jeito de oração, e duas rosas de ouro amarelo, uma em cada pé. Bernadette ficara maravilhada, mas queria manter aquilo em

segredo, no entanto a sua irmã acabou por contá-lo à mãe, que não gostou muito do que ouviu, acabando por bater nas duas por tais idiotices.

Apesar das divergências, Bernadette Soubirous continuou a aparecer na gruta para ir ver a aparição, que a 18 de Fevereiro lhe haveria dito que a tornaria feliz, não nesta vida, mas na próxima. Um mês depois, a Senhora revelou que era a Imaculada Conceição. A última vez que a menina apareceu na gruta foi a 16 de Julho do mesmo ano, um encontro no qual Bernadette achava que a *dama* estava mais bonita do que nunca.¹⁷⁵

3.30.2 – *Culto*

O culto a Nossa Senhora de Lourdes começou em 1862, quando o Papa Pio IX autorizou que o bispo local permitisse a veneração da Virgem Maria em Lourdes. Mas dois anos antes, um polícia constatou sete curas milagrosas ao todo, sem explicação médica, através da água da nascente, que um dia Nossa Senhora pedira a Bernadette que a bebesse, depois que esta escavasse o chão. Desde então, esta água ficou muito conhecida em toda a França. Também foi nesse ano que a Igreja reconheceu que de facto a Virgem Maria havia aparecido a Bernadette Soubirous.

Deu-se, então, à construção de um grande santuário, que, juntamente com o de Fátima, é, actualmente, um dos santuários marianos mais frequentados no mundo. Ao longo da história deste culto, que exalta as sagradas aparições de Nossa Senhora, muitos foram os Papas que o visitaram: Bento XV, Pio XI, João XXIII, Pio XII, João Paulo II e, mais recentemente, em 2008, Bento XVI. A Igreja celebra, actualmente, a festividade em honra de Nossa Senhora de Lourdes, em muitos países, a 11 de Fevereiro cada ano, em memória à primeira aparição da Virgem Maria no local.¹⁷⁶

3.30.3 – *Iconografia*

A Nossa Senhora de Lourdes encontra-se nas igrejas de Paramos, ao lado de Bernadette Soubirous, e de Guetim (**Figuras 267 e 268**).

Segundo os relatos de Bernadette, Nossa Senhora de Lourdes era uma mulher linda, toda vestida de branco e com uma faixa azul presa a sua cintura.¹⁷⁷

¹⁷⁵ *Nossa Senhora de Lourdes*, disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Nossa_Senhora_de_Lourdes

¹⁷⁶ *Nossa Senhora de Lourdes*, disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Nossa_Senhora_de_Lourdes

¹⁷⁷ Nossa Senhora de Fátima é uma aparição posterior e tem muitas parecenças com esta Nossa Senhora.

Esta descrição aplica-se perfeitamente ao nosso caso. Quer a de Paramos (**Figura 269**), quer a de Guetim, ambas estão vestidas de branco, túnica e manto sobre a cabeça ligeiramente inclinada para a direita, que, por sua vez, tem igualmente uma coroa; e olhar voltado para o céu, com uma faixa azul presa à cintura, bem como um rosário: a de Paramos segura-o nas mãos, que estão em jeito de oração, e a de Guetim no antebraço direito, com as mãos igualmente em jeito de oração (**Figuras 270 e 271**). Este gesto e o rosário significam as orações, em nossa opinião, que Nossa Senhora pedia a Bernadette, aquando das suas aparições, pela paz no mundo, prometendo-lhe que ela iria ser feliz numa outra vida. E, por fim, ambas também têm na parte de baixo da túnica, sobre cada pé, duas rosas douradas (**Figuras 272 e 273**). A rosa, na iconografia cristã, costuma estar relacionada com o sangue derramado por Cristo,¹⁷⁸ mas, neste caso, estas não são mais do que uma alusão ao relato de Bernadette Soubirous.

Quanto ao que as distingue, estas diferenças concentram-se em três factores: num nimbo, no enquadramento da imagem e numa personagem secundária.

Enquanto na de Guetim Nossa Senhora faz-se apenas cingir pela descrição normal e está num terreno rochoso, com uma trepadeira, referindo-se à gruta em que terá aparecido (**Figura 274**), a de Paramos é a que se faz primar com todas as diferenças ainda há pouco mencionadas. Sendo assim, podemos observar que a dita imagem se encontra enquadrada num retábulo feito de gesso, que faz lembrar a gruta de Massabie, na qual ela apareceu a Bernadette Soubirous, que se encontra à sua frente ajoelhada e com um rosário na mão esquerda, transmitindo uma eventual conversa entre ela e Nossa Senhora aquando das aparições desta (**Figuras 267 e 275**). E, por fim, o nimbo, que se encontra atrás da sua cabeça, enfeitada com uma coroa, a rodeá-la, é circular e tem a seguinte inscrição: *JE SUIS L' IMACULLE CONCEPTION* [sic] (*Eu sou a Imaculada Conceição*), frase que Nossa Senhora dissera a Bernadette numa das suas aparições, para além de que, segundo Réau, Nossa Senhora de Lourdes tem alguns gestos que lembram o semblante de *Imaculada* de Murillo (**Figura 276**).¹⁷⁹

¹⁷⁸ CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain - *Dicionário dos Símbolos*, p. 575.

¹⁷⁹ RÉAU, Louis – *Iconografía de la Biblia/Nuevo Testamento*, p. 646.

3.31 – Nossa Senhora do Perpétuo Socorro

3.31.1 – História

Nossa Senhora do Perpétuo Socorro é outro dos múltiplos títulos atribuídos à Virgem Maria, conhecida como “*Mãe de Deus da Paixão*” ou a “*Virgem da Paixão*” na Igreja Ortodoxa, que a representa num ícone de estilo bizantino,¹⁸⁰ fazendo com que a Virgem Maria se tornasse num socorro para os cristãos, aquela que os ajuda nos momentos mais difíceis.

3.31.2 – Culto

O culto a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro foi muito difundido no Oriente Bizantino, tendo este ícone vários exemplares espalhados pela Europa: Atenas, Moscovo, Creta, Veneza e Portugal. Esta sua devoção no Ocidente deve-se à acção dos Missionários Redentoristas, que difundiram esta prática religiosa em suas áreas de actuação, desde 1865.¹⁸¹

3.31.3 – Iconografia

A imagem de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro encontra-se na igreja de Espinho (**Figura 277**). A sua iconografia foi bastante influenciada pelo ícone bizantino, muito difundido, e “imortalizado” por Andrea Ritzos, pintor grego do século XV (**Figura 278**).¹⁸²

Nossa Senhora do Perpétuo Socorro está representada como uma mulher de olhar amável, que tem ao colo o Menino Jesus com uma coroa na cabeça, ceptro e uma lança na mão direita, as pernas cruzadas, uma túnica verde, manto castanho a envolvê-lo da cintura para baixo e sandálias nos pés (**Figuras 279-282**). A do pé direito está prestes a cair-lhe, porque agarrou-se repentinamente com força à mãe, que, por sua vez, o segura com o objectivo de o socorrer, de forma atenciosa e carinhosa, já que ele está com medo dos dois anjos, que ladeiam mãe e filho, um em cada lado, e trazem nas suas mãos, sobre panos brancos: os instrumentos da *Paixão*. Estes, em princípio, tratam-se

¹⁸⁰Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Nossa_Senhora_do_Perp%C3%A9tuo_Socorro

¹⁸¹Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Nossa_Senhora_do_Perp%C3%A9tuo_Socorro

¹⁸²Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Nossa_Senhora_do_Perp%C3%A9tuo_Socorro

dos Arcanjos Gabriel e Miguel, possivelmente identificados pelas letras que se encontram por baixo do anjo da direita e ao lado esquerdo do outro anjo, já que estas se encontram incompletas (**Figuras 283 e 284**). Um deles traz a cruz e o outro a lança e na ponta da cana uma esponja molhada de vinagre (Jo 19, 29). Com a mostragem destes objectos, o Menino Jesus fica a saber qual será o seu destino, que irá morrer na cruz para salvar a humanidade, só que isso não lhe agrada muito, agarrando-se com força à mãe.

Quanto à figura de Nossa Senhora, esta também veste uma túnica vermelha, tendo calçado nos pés, igualmente, umas sandálias, e um manto azul, com uma flor e uma estrela douradas, que se encontra sobre a cabeça, o qual está enfeitada, no seu topo, com uma coroa (**Figura 285**). Ambas as personagens, incluindo os dois anjos que as ladeiam, encontram-se envolvidas por um grande resplendor, uma grande luz, que emana a partir de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, como se aludisse ao grande amor que ela sente pelo Filho, a ponto de o proteger de todo o mal de todas as formas possíveis.

Um aspecto interessante, são os caracteres que existem por detrás da cabeça de Nossa Senhora e ao lado esquerdo do Menino, gravadas neste grande raio de luz. São gregas e estão a identificar as personagens. A primeira, *MPOY* [sic], significa *Mãe de Deus*; enquanto a segunda, *ICXC* [sic], *Jesus Cristo* (**Figuras 286 e 287**).¹⁸³

Por fim, quanto aos atributos da imagem em estudo, os de Nossa Senhora, esse já temos uma noção da ideia que cada um deles nos transmite; ao passo que os do Menino Jesus, o ceptro e a coroa, são objectos específicos desta imagem, aludindo à realeza dele, porque, durante o tormento da sua *Paixão*, ele vai ser chamado de *Rei dos Judeus*. A coroa e o ceptro são sinal disso mesmo, são símbolos do poder e da autoridade suprema.¹⁸⁴ Ao passo que a lança trata-se de uma alusão à sua crucificação, já que ele será perfurado no lado pela lança de Longinus.

¹⁸³Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Nossa_Senhora_do_Perp%C3%A9tuo_Socorro

¹⁸⁴CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain - *Dicionário dos Símbolos*, p. 183.

3.32 – *Nossa Senhora Rainha dos Anjos*

3.32.1 – *História*

Nossa Senhora Rainha dos Anjos é um título atribuído a Virgem Maria, que sempre foi reconhecido pela Igreja Católica, desde que lhe atribuiu o título de *Rainha*.

Sendo assim, Maria tem este título, em específico, devido à relação estreita que tem para com estes seres celestiais, já que eles, desde a *Anunciação* até à *Assunção*, sempre a acompanharam.¹⁸⁵

3.32.2 – *Culto*

O culto a Nossa Senhora, com a invocação de Rainha dos Anjos, surge desde que a Igreja lhe atribuiu o título de *Rainha*, e realiza-se a 22 de Agosto.

3.32.3 – *Iconografia*

A imagem de Nossa Senhora Rainha dos Anjos encontra-se na igreja de Anta e representa Nossa Senhora com uma coroa no topo da cabeça, sob um véu transparente, vestindo uma túnica branca, com cinto dourado cingido à cintura, e um manto azul sobre os ombros, com as pontas unidas ao centro, e calçando umas sandálias nos pés (**Figura 288**).

Esta personagem encontra-se ladeada por dois anjos, ajoelhados, um em cada lado (**Figura 289**). O do lado direito veste uma túnica branca e segura nas mãos uma filactéria azul com letras douradas e um ceptro dourado erguido ao alto; e o do lado esquerdo, por sua vez, veste uma túnica azul e tem na sua posse um livro aberto, com letras pretas e vermelhas (**Figuras 290-293**). Nossa Senhora e estes dois anjos encontram-se sobre uma grande nuvem, que, ao centro, podemos observar cinco cabeças de anjo com asas de cores variadas (**Figura 294**).

Sendo assim, podemos referir que, nesta imagem, encontramos vários objectos que identificam Nossa Senhora como *Rainha*. A coroa e o ceptro, que simbolizam o seu poder e autoridade nos céus, aludido pela presença dos anjos, que parecem a venerar. E, por último, a filactéria azul e o livro. No primeiro, a letras douradas conseguimos ler o seguinte: *CELORU* [sic], palavra que está a referir-se a esta sua condição no céu, por outras palavras, é um elemento de identificação desta identidade; ao passo que no

¹⁸⁵ ZANON, Darlei – *Devoções a Nossa Senhora*, p. 288.

segundo, a letras pretas e vermelhas, lemos *AVE GRATIA PLENA* [sic], mencionando assim o início de uma oração a Nossa Senhora, com base na saudação do anjo da *Anunciação*.

3.33 – Nossa Senhora do Rosário

3.33.1 – História

Nossa Senhora do Rosário é um título que a Virgem Maria recebeu, devido à sua aparição a S. Domingos de Gusmão, em 1208, na Igreja de Prouille, na qual ela lhe dá o seu rosário.¹⁸⁶

3.33.2 – Culto

O culto a Nossa Senhora do Rosário começou com a construção de um santuário em honra a Nossa Senhora da Vitória, como forma de comemorar a vitória na Batalha de Muret.

Mais tarde, em 1572, esta mesma Nossa Senhora da Vitória viria a ter uma festa litúrgica, atribuída pelo Papa Pio V, devido à vitória na Batalha de Lepanto, que resultou numa procissão do rosário na Praça de S. Pedro, com o intuito de orar pela missão da Liga Santa contra os turcos otomanos no Oeste da Europa. No ano a seguir, o Papa Clemente XII decidiu mudar o título da comemoração para Festa do Santo Rosário, que foi estendida à Igreja Universal.

Sendo assim, após as reformas do Concílio do Vaticano II, a festa passou a ser dedicada a Nossa Senhora do Rosário e celebrada a 7 de Outubro, no aniversário da batalha, sendo uma das devoções mais difundidas em Portugal.¹⁸⁷

3.33.3 – Iconografia

A imagem de Nossa Senhora do Rosário encontra-se na igreja de Silvalde (**Figura 295**). Representa uma mulher de cabelos castanhos com um véu branco e uma coroa na cabeça, que veste uma capa bege unida por um pequeno firmal, uma túnica cor-de-rosa e um manto azul, que rodeia o corpo e é segurado pelo antebraço esquerdo.

¹⁸⁶Nossa Senhora do Rosário, disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Nossa_Senhora_do_Ros%C3%A1rio

¹⁸⁷ ZANON, Darlei – *Devoções de Nossa Senhora*, p. 307.

Ao colo, no lado esquerdo, tem o Menino Jesus, nu e que olha na sua direcção; ao passo que a seus pés encontramos uma nuvem, com três cabeças de anjo, cada uma com asas de cores diferentes: as do centro são brancas, as da esquerda verdes e as da direita azuis.

Por fim, ambas as personagens seguram o principal objecto da imagem, um rosário de contas brancas (**Figuras 296-300**).

3.34 – Nossa Senhora da Soledade

3.34.1 – História

Nossa Senhora da Soledade é um dos outros múltiplos títulos atribuídos à Virgem Maria, associada a Nossa Senhora das Dores, que relembra uma das suas dores: a solidão, a tristeza e a saudade de Maria, quando assiste à *Paixão* de seu Filho.

3.34.2 – Culto

O culto a Nossa Senhora da Soledade é o mesmo que o de Nossa Senhora das Dores, que está mencionado na página 75. No entanto, teve a sua origem numa lenda mexicana, na qual um grupo de viajantes, em 1620, que se dirigiam para Guatemala, enquanto decidiram parar para descansar no vale de Oaxaca, avistaram uma mula desconhecida e nos seus pertences encontraram uma estátua de Cristo ressuscitado e a cabeça de uma imagem de Nossa Senhora, com um cartão a dizer: *Nossa Senhora da Soledade ao pé da cruz*. O que fez, portanto, com que nesse mesmo local fosse edificada uma ermida dedicada à Virgem.¹⁸⁸

3.34.3 – Iconografia

A imagem de Nossa Senhora da Soledade encontra-se na igreja de Silvalde (**Figura 301**), junto à do Senhor dos Passos e representa uma mulher de cabelos negros, com uma túnica roxa e um manto azul-escuro sobre a cabeça. Tem uma expressão facial muito sofrida, com os olhos vermelhos, as mãos um pouco levantadas, com as palmas viradas para cima, e, a nosso ver, segundo um certo volume existente na túnica, indica que ela está ajoelhada, com a perna esquerda flexionada (**Figuras 302 e 303**).

Tal como a Nossa Senhora das Dores, Nossa Senhora da Soledade também sofre com a morte do Filho, predominando a saudade que este lhe fará, pois eram muito

¹⁸⁸ ZANON, Darlei – *Devoções de Nossa Senhora*, p. 332.

unidos. Daí que ela esteja quase a cair por terra, em profunda desolação, pedindo aos céus um pouco de alento.

O facto de esta Nossa Senhora estar ao lado do Senhor dos Passos, que em breve analisaremos, pode ter igualmente o seu significado, um pouco associado ao que se lia no cartão da lenda.

Uma mãe, que assiste ao doloroso martírio de seu Filho, não fica indiferente. Partilha a mesma dor que ele, a dobrar, porque nenhuma deseja o mal a seus filhos. Ao estar perto dele vem a mostrar isso mesmo, sendo que Nossa Senhora o acompanha, ao longo do caminho que ele tem de percorrer até à crucifixão, perguntando-se interiormente o porquê de tudo aquilo estar a acontecer. Mas, apesar de todo este sofrimento, ela permanecerá a seu lado até ao fim.

3.35 – Rita de Cássia

3.35.1 – História

Santa Rita viveu no século XV. Quando perdeu o seu marido e os seus filhos, ela retirou-se para um convento das agostinas de Cássia. Enquanto orava diante de um crucifixo, um espinho soltou-se da coroa do Senhor criando-lhe uma ferida profunda na testa, que nunca mais cicatrizou. Acabou por morrer em 1417.¹⁸⁹

3.35.2 – Culto

O culto de Santa Rita de Cássia foi muito divulgado e bastante popular na Itália, França, Espanha, Eire, Estados Unidos da América, Filipinas e Portugal.¹⁹⁰

Em 1628, o Papa Urbano VIII autorizou este culto para a Ordem Agostiniana, um ano após a santa ser beatificada. Mais tarde, em 1900, Santa Rita viria a ser canonizada pelo pontífice Leão XIII.¹⁹¹

3.35.3 – Iconografia

A imagem de Santa Rita de Cássia encontra-se em duas igrejas: na de Espinho e na de Guetim (**Figuras 304 e 305**).

¹⁸⁹ RÉAU, Louis – *Iconografía del Arte Cristiano. Iconografía de los Santos, P-Z/Repertórios*. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1997, nº8, Tomo II/vol. 5, p. 136.

¹⁹⁰ HALLAM, Elizabeth – *Os Santos*, p. 96.

¹⁹¹ *Santa Rita de Cássia*, disponível em <http://www.colegiosaofrancisco.com.br/alfa/maio/dia-de-santa-rita-de-cassia-1.php>.

Segundo Réau, no que diz respeito à sua iconografia, os seus principais atributos são as “coroas” que rodeiam a palma do martírio, o espinho da coroa de Cristo cravada na testa e a rosa recolhida do seu jardim.¹⁹²

Ambas as santas demonstram ter estes mesmos atributos. Estão vestidas com as vestes de freira, com um espinho cravado na testa, seguram na mão esquerda a palma do martírio, rodeada por três “coroas” douradas, e um pequeno rosário; enquanto na direita, um crucifixo junto ao peito. A de Espinho é a que demonstra ter uma rosa branca ao centro da palma do martírio (**Figuras 306-312**).

Santa Rita de Cássia está assim vestida, porque, após a morte do marido e dos filhos, ingressou num convento agostino, e além do mais o preto mostra ser uma cor que proclama a fé.¹⁹³ O crucifixo na mão direita, bem como o pequeno rosário, vêm a realçar esta sua crença religiosa. Num certo plano, a nosso ver, as três “coroas”, as que rodeiam a palma do martírio e a rosa, simbolizam os seus entes queridos, que se acabaram de referir. Ela viveu uma vida a favor do bem-estar da família, sem nunca pensar nela própria, na sua felicidade.

Quanto à rosa, aquela que a de Espinho possui, esta floresceu de repente no jardim da santa, no dia em que esta morreu. Supondo-se, desde logo, que este foi um dos seus primeiros milagres.

Por fim, quanto ao espinho cravado na testa, pertencia à coroa de espinhos de Cristo, que, quando lhe apareceu durante umas das suas orações, se soltou e veio na sua direcção, danificando a sua fronte.

3.36 – Sagrado Coração de Jesus

3.36.1 – História

A partir do século XII, S. Bernardo dizia sem cessar as seguintes palavras: «*meu doce coração de Jesus*».¹⁹⁴ De certa forma, o Sagrado Coração de Jesus é uma devoção que provém do culto das cinco chagas, principalmente o da chaga do lado, que, por sua vez, se desenrolou ao longo da Idade Média e que passou a ser o culto do coração. É graças à influência deste culto, que a ferida do lado de Cristo Crucificado passou da

¹⁹² RÉAU, Louis – *Iconografía de los Santos, P-Z/Repertórios*, p. 136.

¹⁹³ CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain - *Dicionário dos Símbolos*, p. 542.

¹⁹⁴ RÉAU, Louis – *Iconografía de la Biblia/Nuevo Testamento*, p. 52.

direita para a esquerda, decidindo, assim, o sítio do coração, que se supõe ter sido atravessado pela ponta da lança de Longinus.

3.36.2 – *Culto*

No início do século XVII a sua devoção foi bastante defendida no seio da comunidade jesuíta, no entanto foi João Eudes (1601-1680) quem a consagrou, ao realizar a primeira composição da Eucaristia e do ofício em honra ao Sagrado Coração. Desde 1856, a festa litúrgica do Sagrado Coração de Jesus passou a ser realizada a 22 de Junho. Contudo, foi a extensão da Eucaristia do Sagrado Coração a toda a Igreja, decretada por Pio IX a 23 de Agosto de 1856, o término de um longo percurso de reconhecimento.¹⁹⁵

3.36.3 – *Iconografia*

A imagem do Sagrado Coração de Jesus encontra-se nas igrejas de Espinho, Anta, Silvalde, Paramos e Guetim. Entre todas as imagens estudadas, é a única que está em todas as igrejas do concelho (**Figuras 313-317**).

Esta imagem, segundo Réau, pode-se fazer representar a partir de dois modelos: o primeiro, Cristo com um coração em chamas aplicado exteriormente sobre o seu peito; e o segundo, Jesus emanando do peito, do lado do coração, raios de luz.¹⁹⁶

À excepção dos de Anta e de Silvalde, um porque tem vestido uma túnica verde-claro e outro um manto bege sobre os ombros, as outras imagens do Sagrado Coração de Jesus têm vestido uma túnica branca, por vezes aberta, ao centro, para mostrarem o coração (Anta, Silvalde e Paramos), e um manto vermelho. Para além disto, existem outros três factores de semelhança entre eles, as chagas, o nimbo raiado, apesar que apenas o de Silvalde é que é circular; e a nuvem (**Figuras 318-333**).

Mais nítida nuns que noutros, podemos observar que todos têm chagas nas mãos (**Figuras 318-322**), sendo que os de Anta e Paramos são os únicos com chagas nos pés, pois não esqueçamos que isto é uma imagem realizada após a sua ressurreição, representando estas mesmas chagas as marcas realizadas pelos cravos aquando da sua crucifixão (**Figuras 323-325**); enquanto o nimbo, este é raiado e encontra-se por cima

¹⁹⁵A *Devoção ao Sagrado Coração no século XVII*, disponível em http://www.gesuiti.it/moscati/Brazil/Pr_SCuore_Paolino.html.

¹⁹⁶RÉAU, Louis – *Iconografía de la Biblia/Nuevo Testamento*, p. 54.

(Anta, Paramos e Guetim) ou atrás da cabeça (Espinho). Tanto pode ter a forma de um sol, com um rubi ao centro, ou a forma cruciforme de cinco pontas (Espinho) (**Figuras 326-330**). Quanto à nuvem, apenas os de Espinho, Silvalde e Paramos é que se encontram sobre ela (**Figuras 331-333**), se bem que o primeiro é o único que está a pisar um osso com o pé direito, referindo-se possivelmente ao seu sepulcro de onde se libertou (**Figura 334**).

Quanto ao coração, o seu grande atributo, este é bem mais dimensional nuns (Anta e Paramos) que noutros (Espinho, Silvalde e Guetim) e encontra-se rodeado por espinhos, os quais o fazem sangrar, iluminado e coroadado por uma chama acesa e por uma pequena cruz, que, à excepção do de Anta, todos eles têm (**Figuras 335-339**).

Portanto, o Sagrado Coração de Jesus, todo ele, está revestido de simbologia. Na sua vestimenta mais comum (branco e vermelho), o branco, como já foi referido anteriormente, é a cor da Teofania, que juntamente com o vermelho, princípio de vida, pretendem transmitir que onde há vida, há Deus. O Senhor criou os seres humanos e mandou o seu amado Filho para o meio deles, com o intuito de este poder vir a guiá-los, para que estes não sigam por caminhos errados. Daí a importância do seu atributo, do coração. Este órgão humano, segundo a tradição bíblica, simboliza o homem interior, isto é, simboliza a personalidade de cada um. O que Jesus pretende, ao mostrar o seu coração, é que os fiéis vejam o que está a sentir, porque, para além de ser o Filho de Deus, também é humano como eles, também sofre e também ama. E isso está expresso através dos espinhos ao redor deste órgão e da chama acesa no topo deste, pois eles mostram o sofrimento e o amor, respectivamente, que Jesus nutre pela humanidade. No que diz respeito aos raios luminosos, ou à luz que este coração emana, estes por si só pretendem focá-lo, para que as pessoas que o admiram possam saber que é este órgão o seu grande atributo, que é ele que caracteriza esta imagem.

3.37 – Sagrado Coração de Maria

3.37.1 – História

O Sagrado Coração de Maria trata-se de uma devoção, que ganhou grande destaque com as aparições de Nossa Senhora de Fátima, que consiste, portanto, na veneração do coração de Maria, mãe de Jesus, cujo objectivo é a salvação das almas e a

conquista da paz, definidas após Nossa Senhora de Fátima revelar aos pastorinhos o “*Segredo*”, dividido em três partes.¹⁹⁷

3.37.2 – *Culto*

O culto do Sagrado Coração de Maria foi introduzido na liturgia por S. João Eudes e, mais tarde, cultivada por diversas pessoas: Santa Gertrudes, Santo António de Lisboa, S. Boaventura e S. Bernardino de Sena. Santo António Maria Claret, apóstolo, foi quem viria a ser o evangelista desta devoção, espalhando-a um pouco por toda a parte.¹⁹⁸

3.37.3 – *Iconografia*

A imagem do Sagrado Coração de Maria encontra-se nas igrejas de Espinho e de Paramos (**Figuras 340 e 341**). Quer uma, quer a outra, representam uma mulher de cabelos castanhos com um véu branco na cabeça, vestindo um manto azul sobre os ombros e uma túnica branca, na qual, na região do peito, podemos encontrar um coração rodeado por espinhos (Paramos) ou por espinhos e rosas (Espinho), envolto por raios de luz e com uma chama acesa no seu topo (**Figuras 342 e 343**). O significado deste é semelhante ao do Sagrado Coração de Jesus. Maria também sofre por amor, neste caso, por amor a seu Filho e à humanidade. Daí a representação das rosas e dos espinhos em redor do coração, órgão flamejante que simboliza o amor e a caridade. As rosas também podem estar a referir-se à devoção do Rosário.¹⁹⁹

Ambas as imagens também se encontram por cima de uma nuvem, que, por sua vez, está por cima de um globo terrestre (Paramos), ou a envolvê-lo, mostrando quatro cabeças de anjo, duas laterais e duas centrais, com asas de diferentes cores (Espinho) (**Figuras 344 e 345**); no qual também é visível uma serpente, que tem na boca uma maçã (Paramos), ou não tem nada na boca (Espinho), que Nossa Senhora pisa com o pé direito (**Figuras 346 e 347**).

Apesar das duas terem muitas semelhanças e serem representadas da mesma forma, também existem algumas diferenças, que, por acaso, são específicas de cada

¹⁹⁷ *Imaculado Coração de Maria*, disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/imaculado_coração_de_Maria/

¹⁹⁸ FERMIN, Maria, O.F.M – *O Coração da Mãe*. Coimbra: Coimbra Editora, 1960, p. 22.

¹⁹⁹ COUTINHO, B. Xavier - *Nossa Senhora na Arte*, p. 156.

uma. Na de Espinho é o nimbo circular com doze estrelas e na de Paramos são os raios luminosos que emanam das suas mãos (**Figuras 348 e 349**).

Sendo assim, começemos por analisar esta sua iconografia. Quanto às suas vestes não há muito a acrescentar, porque são aquelas que identificam Nossa Senhora. Na de Espinho, o nimbo e o globo com a serpente, faz-nos lembrar, um pouco, a representação da Imaculada Conceição do *Apocalipse*, já que esta tem um nimbo de doze estrelas e vence igualmente o pecado original identificado pela serpente e, também, pela maçã no caso da de Paramos. Logo, esta imagem é como se fosse uma junção de Sagrado Coração de Maria com os atributos da Imaculada Conceição. No entanto, na de Paramos, apesar de ter o globo e a serpente, a simbologia não é a mesma. Nossa Senhora emana raios luminosos a partir de suas mãos, que vão na direcção do globo terrestre, representação próxima da iconografia de Nossa Senhora das Graças (**Figura 350**), que, juntamente com a sua vitória sobre o pecado original, significa que, por intermédio de Maria, as almas da humanidade serão salvas e abençoadas, pois ela de tudo fará para que se cumpra esse seu desejo.

3.38 – Sebastião

3.38.1 – História

S. Sebastião, natural da Gália, actual França, foi um rapaz criado em Milão, durante os tempos do imperador Diocleciano. Entrou no exército romano, mesmo sendo cristão, por volta do ano de 283, vindo a tornar-se oficial da guarda imperial do próprio Imperador.²⁰⁰

Quando S. Sebastião foi denunciado pelo facto de ser cristão, por ordem de Diocleciano, foi amarrado a uma árvore, sendo o seu corpo usado como alvo pelos arqueiros. No entanto, isto não obteve o efeito pretendido, pois ele conseguiu sobreviver graças à ajuda da viúva Irene, que tratou das suas feridas.

Já recuperado, S. Sebastião foi até à presença do Imperador e o acusou de ser um homem cruel para com os cristãos, o que o deixou furioso, ordenando que espancassem o santo até à morte. O seu cadáver foi levado até à cloaca Máxima. Mais tarde, S. Sebastião aparecia em sonhos a Santa Lucila, pedindo-lhe para que os seus restos

²⁰⁰ HALLAM, Elizabeth – *Os Santos*, p. 86.

mortais fossem encontrados e depois fosse sepultado nas catacumbas, «*junto ao resto dos apóstolos (vestigia Apostolorum)*». ²⁰¹

3.38.2 – Culto

Segundo Réau, S. Sebastião é considerado o terceiro patrono de Roma a seguir a S. Pedro e a S. Paulo.

O culto deste santo foi muito divulgado no Ocidente desde a Idade Média, época em que era invocado contra as epidemias. É desde finais do século VII que ele tem uma função anti-pestes, só que, quando esta doença vai-se afastando, o seu culto, celebrado a 20 de Janeiro, foi perdendo a sua importância. As suas relíquias foram transportadas até à Basílica de S. Sebastião Extramuros. ²⁰²

3.38.3 – Iconografia

A imagem de S. Sebastião encontra-se nas igrejas de Espinho, Silvalde, Paramos e Guetim (**Figuras 351-354**). Segundo Réau, este santo está representado como um jovem, quase sempre de pé, atado a uma árvore, a um poste ou a uma coluna, tendo como atributo as flechas. ²⁰³

Nestas imagens específicas é mais ou menos isso o que observamos. Em todas, o santo é uma pessoa jovem, semi-nu, apenas com um *perizónium*, e está atado, com cordas, pelos pulsos, braços (Espinho) e pelo tornozelo (Guetim) a uma árvore com três ramos. O de Paramos é o único que se não encontra nesta situação, pois está atado à árvore por causa das flechas que o ferem no braço e perna direitas (**Figuras 355-357**).

Quanto ao seu atributo, as flechas, observamos algumas no corpo do santo, sendo que o de Guetim é o que tem mais, cinco ao todo. Apesar de os outros não terem tantas como este, isso não invalida que tenham ferimentos nos mesmos sítios que estas cinco estão colocadas. O de Espinho, por exemplo, tem três: uma no peito, no lado esquerdo, uma no lado do lado esquerdo e uma na perna direita. Enquanto o de Paramos, apesar de ter três flechas, reparamos que o seu corpo possui sete orifícios. O que dá a entender que este santo tenha tido mais quatro flechas no seu corpo (**Figuras 358 e 359**).

²⁰¹ RÉAU, Louis – *Iconografía de los Santos, P-Z/Repertórios*, p. 194.

²⁰² *Ibidem*, pp. 194 e 195.

²⁰³ *Ibidem*, pp. 196 e 197.

Por último, mencionaremos os gestos de cada um, a colocação das mãos e a sua expressão facial. Como estas imagens representam por si só o momento de suplício do santo, o momento do seu martírio, daí que as de Silvalde e Guetim mostram sofrimento e desespero, quando este coloca a cabeça para trás, tendo a mão direita para cima e a esquerda para baixo. A de Paramos também tem assim as mãos colocadas, mas a sua cabeça mostra uma certa tensão; enquanto a de Espinho é um pouco diferente das outras neste aspecto, já que tem a cabeça inclinada para a direita, com uma expressão sofredora, e com o braço direito inerte para baixo e o esquerdo levantado, estando a mão como a tentar tirar a flecha que o está a magoar no peito (**Figuras 360-363**).

3.39 – Senhor dos Passos

3.39.1 – História

O Senhor dos Passos é uma invocação de Jesus Cristo, durante o período da sua *Paixão*, com especial devoção no seio da Igreja Católica, que faz memória ao trajecto que Jesus teve que percorrer, desde a sua condenação à morte no pretório até ao seu sepultamento, acontecimento realizado após a sua crucifixão e morte no Calvário.

3.39.2 – Culto

O culto do Senhor dos Passos remonta até à Idade Média, à época das Cruzadas, quando os cruzados costumavam visitar os locais sagrados de Jerusalém por onde Jesus andou a caminho do martírio. Depois, quando regressavam à Europa, quiseram reproduzir espiritualmente este percurso, através de dramas sacros e procissões, ciclos de meditação, ou estabelecendo capelas especiais nos templos.²⁰⁴

Mais tarde, no século XVI, foram fixados os catorze momentos mais importantes deste trajecto, que são chamados “estações” ou “passos da Paixão de Cristo” ao longo de um percurso: a *Via Sacra* ou “*Via Crucis*”.²⁰⁵

Esta invocação tornou-se, portanto, muito popular em alguns países como Portugal e Brasil, o que deu origem a uma rica iconografia, à construção de inúmeras

²⁰⁴ *Senhor dos Passos*, disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/senhor_dos_passos/

²⁰⁵ I – Jesus é condenado à morte; II – Jesus carrega a cruz às costas; III – Jesus cai pela primeira vez; IV – Jesus encontra a sua mãe; V – Simão de Cirene ajuda Jesus a carregar a cruz; VI – Verónica limpa o rosto de Jesus; VII – Jesus cai pela segunda vez; VIII – Jesus encontra as mulheres de Jerusalém; IX – Jesus cai pela terceira vez; X – Jesus é desposado das suas vestes; XI – Jesus é pregado na cruz; XII – Morte de Jesus na cruz; XIII – Descida do corpo de Jesus na cruz; XIV – Sepultamento de Jesus.

igrejas sob a sua protecção, e à realização de procissões especiais, no período da Quaresma, como por exemplo a *Procissão dos Passos* ou *Procissão do Encontro*. No caso deste concelho, Espinho e Silvalde são as freguesias que dão especial atenção a este culto.

3.39.3 – Iconografia

A imagem do Senhor dos Passos encontra-se nas igrejas de Espinho e de Silvalde (**Figuras 364 e 365**). Segundo Réau, esta imagem está inserida na grande temática de Cristo com a cruz às costas, inserida na *Crucifixão* e bastante influenciada pelos *Evangelhos Canónicos* e *Apócrifos*, que também tem as suas prefigurações.²⁰⁶

As duas imagens, apesar de pertencerem à mesma temática, têm representações diferentes. A de Espinho representa Jesus, vestindo uma túnica roxa, caído por terra, com as mãos apoiadas no solo (**Figura 366**), com uma grande cruz às costas, uma coroa de espinhos na cabeça, que está a sangrar, e, por fim, um cordão amarrado ao seu pescoço, que se faz cingir na sua cintura e depois se estende pelo chão; ao passo que a de Silvalde é Jesus com a mesma vestimenta, ajoelhado, suportando o peso da cruz no seu ombro esquerdo, e, igualmente, com uma coroa de espinhos na cabeça e um cordão ao pescoço, mas mais solto que o outro. Jesus exprime, pela expressão facial, um enorme sofrimento e sacrifício perante aquilo por que está a passar (**Figuras 367-372**).

Sendo assim, podemos afirmar que a primeira imagem corresponde a uma das quedas de Jesus durante o seu caminho ao Calvário, o tipo de representação que começou a surgir com os pintores da Contra-Reforma e os da época romântica;²⁰⁷ ao passo que a segunda é baseada no *Evangelho de S. João* (Jo 19, 16), pois é neste que Jesus leva a cruz sozinho, e não a ser ajudado por Simão de Cirene como afirmam os restantes evangelistas (Mt 27, 31; Mc 15, 21; Lc 23, 26).

Quanto aos seus atributos, a coroa de espinhos e a cruz são dois elementos desta sua paixão que o levará à morte. Apenas no de Espinho é que podemos visualizar outros elementos, já que esta imagem está integrada num retábulo, no qual se encontram representados os outros símbolos desta mesma *Paixão do Senhor*, como por exemplo a

²⁰⁶ 1. Isaac levando sobre os ombros a madeira do sacrifício; 2. Aarão marcando com o pau cruciforme o dintel das casas dos israelitas; 3. O patriarca Jacob bendizendo com as mãos entrecruzadas os seus netos Efraím e Manasés; 4. A viúva de Sarepta que leva ao profeta Elias duas lenhas dispostas em forma de cruz.

²⁰⁷ RÉAU, Louis – *Iconografía de la Biblia/Nuevo Testamento*, p. 485.

lança; bem como, ao fundo, um galo sobre um alto plinto, aludindo a tripla negação de S. Pedro ao cantar do galo (**Figuras 373 e 374**). No que diz respeito às suas vestes, a sua cor procede dos *Evangelhos Canónicos*: «Revestiram-no de um manto de púrpura (...)» (Mt 15, 17). Por último, quanto ao cordão, esta era uma forma de, naquela altura, prender e arrastar um escravo, logo, deveria haver alguém a puxar a ponta para que este avançasse no caminho.

3.40 – Teresa de Lisieux

3.40.1 – História

Filha de um relojoeiro, Santa Teresa nasceu em Alerçon, Normandia, em 1873. Após a morte da mãe, ela e as irmãs mudaram-se para Lisieux com o pai. Com apenas 15 anos, a santa conseguiu entrar na ordem das carmelitas, depois de ter obtido a autorização do Papa.²⁰⁸

Em 1893, com 22 anos, Santa Teresa tornou-se assistente da mestra das noviças. Como boa carmelita que era, ela quis ir em missão para Hanoi, Vietname. Mas antes que pudesse ir em missão, morreu de tuberculose, em 1897. Mas antes, Santa Teresa deixou uma herança preciosa, a sua autobiografia: *História de uma Alma*.

3.40.2 – Culto

O culto de Santa Teresa fez-se prevalecer, obtendo assim um impacto e divulgação imediatos por todo o mundo. Lisieux tornou-se no grande local de culto desta santa, na medida que foi construída nesse mesmo sítio uma basílica em sua honra.

Após a sua morte, as carmelitas publicaram a sua autobiografia, difundindo-a. Depois de publicada, esta obra tornou-se num grande sucesso no mundo cristão. Nela, Santa Teresa dizia que, depois da sua morte, iria fazer chover rosas do céu. Afirmação que acabou por ser conhecida como um dos seus milagres mais conhecidos.²⁰⁹

Em 1923 foi beatificada pelo Papa Pio XI e dois anos depois foi canonizada. A sua festa realiza-se a 1 de Outubro, sendo a santa a padroeira das carmelitas e dos

²⁰⁸ VV. AA. – *Dicionário Cultural do Cristianismo*, p. 265.

²⁰⁹ HALLAM, Elizabeth – *Os Santos*, p. 92.

missionários. Vinte anos depois desta sua canonização, Santa Teresa foi nomeada padroeira de França a seguir a Joana D'Arc.²¹⁰

3.40.3 – Iconografia

A imagem de Santa Teresa de Liseux encontra-se em todas as igrejas, excepto na de Paramos (**Figuras 375-378**). Segundo Réau, esta santa costuma ser representada com o hábito de carmelita, sustendo nos braços um crucifixo e um braçado de rosas, cujas pétalas se desprendem e caem sobre a terra em forma de chuva.²¹¹

Sendo assim, todas representam uma mulher que tem vestido um hábito de carmelita, com um pequeno rosário preso à cintura no lado direito, e junto ao peito segura um crucifixo e um molho de rosas. Apenas a de Espinho segura os dois objectos com a mão esquerda e a de Guetim o braçado de rosas na mão direita e na esquerda um grande crucifixo (**Figuras 379-383**). À excepção da de Silvalde, todas as outras têm um nimbo circular a rodear-lhes a cabeça, se bem que o da de Anta é bem mais interessante, já que este encontra-se decorado com rosas (**Figuras 384-386**).

Uma outra particularidade existente somente nas imagens de Espinho e Guetim, é o facto de estas mesmas estarem com os pés assentes numa nuvem, com cabeças de anjo no caso de Espinho, que se encontra, por sua vez, por cima de uma metade de um globo terrestre, sendo que o primeiro possui o emblema de Portugal, com as quinas e os castelos, e três rosas caídas; ao passo que o segundo, uma filactéria cor-de-rosa clara com a inscrição a letras douradas: *Meu Deus Eu Vos Amo* [sic], e uma pétala de rosa (**Figuras 387-389**). Quanto à de Anta, esta encontra-se sobre um plinto de madeira e sob os seus pés observamos uma pintura, que representa um espaço verde com pequenas manchas de diversas cores, que supomos que representam as pétalas de rosa que ela terá deixado cair na Terra (**Figura 390**).

Por último, quanto ao significado dos seus atributos, o hábito de carmelita é porque ela foi um membro integrante dessa Ordem, tendo, portanto, o crucifixo na mão como símbolo da sua fé; o braçado de rosas refere-se ao milagre das rosas, o qual ela mencionou que faria na sua autobiografia, daí que na metade do globo da de Espinho observamos algumas rosas, que possivelmente terão caído do ramo que segura com a esquerda, bem como pelo facto de esta se encontrar inclinada para a frente, como se

²¹⁰ RÉAU, Louis – *Iconografía de los Santos, P-Z/Repertórios*, p. 263.

²¹¹ *Ibidem*, p. 263.

tivesse sido ela a lançar as pétalas. A primeira questão que propusemos, quanto ao facto de existirem algumas pétalas de rosa na Terra, caídas do molho de rosas da santa, também se aplica ao caso da de Guetim. E, por fim, o emblema de Portugal, inserido na metade do globo da de Espinho, a nosso ver foi um momento de patriotismo por parte do artista ou então era o que o encomendante da obra pretendia.

3.41 – Tiago (Maior)

3.41.1 – História

S. Tiago, filho de Zebedeu e de Salomé e irmão de S. João Evangelista, era um pescador que vivia em Cafarnaum, onde um dia, juntamente com o seu irmão, foi chamado por Jesus para o seguir, acabando por se tornar num dos doze apóstolos (Mt 4, 21 e 22). Segundo Réau, o epíteto “*Maior*” era só para o distinguir do “*Menor*”, já que ele havia sido um dos primeiros a serem chamados.²¹²

Na companhia de Pedro e João, S. Tiago assistiu à *Transfiguração* (Mt 17, 1-9) e à *Agonia de Cristo no Monte das Oliveiras* (Mt 26, 36-46). Depois da *Ascensão* não se sabe ao certo do que ele fez, mas pensa-se que terá pregado a fé cristã na Síria e na Judeia. No entanto, quando estava de regresso a Jerusalém no ano 44, S. Tiago foi decapitado a mando de Herodes Agripa (37-44). Este acontecimento fez dele, portanto, um dos primeiros apóstolos a ser martirizado.²¹³

3.41.2 – Culto

O culto de S. Tiago Maior foi muito divulgado. Através dos relatos apócrifos, podemos constatar que ele terá pregado o Evangelho em Espanha, na região da Galiza, tornando Santiago de Compostela num dos locais de peregrinação mais conhecidos, no Ocidente, já que 200 anos depois da sua morte, esta cidade admitiu ter em sua posse as relíquias do santo.²¹⁴ Segundo Réau, esta afirmação teve a sua origem numa cruzada contra os mouros (*Reconquista*) e na peregrinação a Santiago de Compostela.²¹⁵

A partir de Espanha, muitos foram os países que adoptaram este culto: França, Países Baixos, Holanda, Inglaterra, Alemanha, Itália e Portugal. No nosso país em

²¹² RÉAU, Louis – *Iconografía de los Santos, P-Z/Repertórios*, p. 170.

²¹³ *Ibidem*, p. 170.

²¹⁴ HALLAM, Elizabeth – *Os Santos*, p. 117.

²¹⁵ RÉAU, Louis – *Iconografía de los Santos, P-Z/Repertórios*, p. 171.

particular, S. Tiago tornou-se no padroeiro de Coimbra, dos peregrinos e dos cavaleiros, tendo, neste caso, em Silvalde, grande ímpeto, sendo celebrado a 25 de Julho. No entanto, não devemos esquecer que este culto atingiu o seu apogeu durante os séculos XIV e XV.

3.41.3 – Iconografia

A imagem de S. Tiago Maior encontra-se nas igrejas de Espinho e de Silvalde, sendo que, nesta última, ele seja o seu orago (**Figuras 391 e 392**).

Segundo Réau, este santo tem três tipos iconográficos: o apóstolo, o peregrino e o cavaleiro. Mas, neste caso, ele está como peregrino. Este tipo de representação começou a surgir por influência da peregrinação a Santiago de Compostela, a partir do século XIII, fazendo com que o santo comesse a usar um chapéu de aba decorado de vieiras, apoiado num bordão; a habitual vestimenta dos peregrinos, ao mesmo tempo que segura um pau com algo para comer e beber: o zurrão e a cabaça.²¹⁶

É mais ou menos esta a representação que encontramos nestas duas imagens. Em ambas, ele é um homem de meia-idade, que veste as roupas de peregrino, juntamente com o chapéu de aba, apoiado num bordão, o pau com a cabaça, que está na mão direita, e o livro aberto na mão esquerda (Silvalde), a mesma que na de Espinho não segura nada, porque se encontra junto ao peito (**Figuras 393-398**).

No entanto, o que os diferencia, um do outro, são a cor das suas vestes. O de Espinho usa uma túnica azul para o cinza e uma capa vermelha sobre os ombros, com duas vieiras nos ombros, uma em cada lado (**Figura 399**); ao passo que o de Silvalde, por sua vez, usa uma túnica azul, um manto bege, em que uma das pontas se encontra sobre o antebraço esquerdo; e uma capa castanha, própria de um peregrino. Também os distingue um nimbo circular, o qual apenas o de Espinho o tem a rodear a cabeça (**Figura 400**).

Portanto, podemos concluir que as duas representações de S. Tiago Maior caracterizam-no como um peregrino, sendo tal facto constatado pelos seus atributos: o chapéu de aba, o pau com o zurrão e a cabaça, a capa, a vieira, um objecto muito conhecido da peregrinação a Santiago de Compostela; e o livro, que alude às *Sagradas Escrituras*, porque este santo foi um dos doze apóstolos de Cristo.

²¹⁶ RÉAU, Louis – *Iconografía de los Santos, P-Z/Repertórios*, pp. 175 e 176.

3.42 – Tirso

3.42.1 – *História*

Santo Tirso foi um homem que era natural de Toledo, capital dos Visigodos, e foi martirizado, sendo que cada um dos seus membros foi serrado, a 28 de Janeiro do ano de 250, por ocasião da perseguição de Décio.²¹⁷

3.42.2 – *Culto*

O culto de Santo Tirso teve a sua origem em Toledo e foi a partir desse local que se difundiu. Neste caso, este santo é o padroeiro da freguesia de Paramos e, nela, ele é festejado de forma diferente, com muita cor e animação, mas com o mesmo espírito que as outras festas do concelho, com o objectivo de honrá-lo, tal como ele o merece, sendo esta festa celebrada no adro da Igreja Paroquial de Paramos, no dia 30 de Janeiro.²¹⁸

3.42.3 – *Iconografia*

Santo Tirso é uma imagem que se encontra no retábulo-mor da igreja de Paramos, pois é o seu orago (**Figura 401**).

Representa um homem de cabelos e barba comprida castanhos, que tem calçado umas sandálias e vestido uma túnica verde escura e um manto vermelho colocado no ombro esquerdo, que cai sobre o antebraço direito, cuja mão segura uma serra, enquanto a esquerda, um livro, que o coloca junto ao peito.

A serra e o livro são os seus dois atributos (**Figuras 402 e 403**). O primeiro alude ao seu martírio, já que ele foi serrado membro por membro; enquanto o segundo corresponde às *Sagradas Escrituras*, símbolo da sua fé que um dia o levou a morrer por ela.

3.43 – Vicente Ferrer

3.43.1 – *História*

S. Vicente era natural de Espanha e era filho de um inglês e de uma espanhola. Nascido em 1350, ele veio a tornar-se, passados treze anos, um frade dominicano.

²¹⁷ SÁ, P^e Manuel F. de – *Monografia de Paramos*, p. 35.

²¹⁸ Festa de Santo Tirso, disponível em http://www.paramos.info/index.php?option=com_content&view=article&id=60:festa-santo-tirso&catid=11:geral&Itemid=4.

Depois, em 1378, foi a Avinhão ter com o Papa Bento XIII, acabando por se tornar seu conselheiro. Mais tarde viria a dar início a uma viagem de peregrinação pela França, Itália e Espanha.²¹⁹ Segundo a lenda, S. Vicente era curador que por vezes fazia ressurreições.²²⁰ Este santo também era muito conhecido como sendo um pregador nato.

Estava na Bretanha, a pregar o evangelho, quando morreu, em 1419, a 5 de Abril.

3.43.2 – Culto

S. Vicente foi canonizado em 1455 e é padroeiro das cidades de Valencia e Vannes, dos fabricantes de telhas e, na Bretanha, dos cavalos. As pessoas o invocam contra a epilepsia e as dores de cabeça. A sua festa realiza-se a 5 de Abril, o dia da sua morte.²²¹

3.43.3 – Iconografia

A imagem de S. Vicente Ferrer encontra-se na igreja de Guetim (**Figura 404**). Representa um homem jovem com o hábito dominicano, pois fez parte dessa Ordem, sobre uma base dourada. Possui um nimbo raiado, com um rubi ao centro, acima da cabeça, mais conhecido como sendo o *sol de Cristo*. Este atributo tem a forma de um sol, que brilha e que é incandescente através do vermelho do rubi (**Figura 405**). Ambas as mãos estão ao mesmo nível, tendo na mão esquerda um pequeno livro, aberto, e, sobre este, uma pomba branca (**Figuras 406 e 407**).

Quanto a esta colocação das mãos, a razão para estarem ao mesmo nível é porque, possivelmente, está a tentar transmitir alguma mensagem, pois ele foi um grande orador na sua época. Daí que ele tenha um livro aberto na mão esquerda, bem como uma pomba. O livro é onde estarão provavelmente inscritos os seus ensinamentos, segundo Réau,²²² enquanto a pomba é um elemento de inspiração, que lhe é dada através desta apresentação do Espírito Santo.

²¹⁹ HALLAM, Elizabeth – *Os Santos*, p. 80.

²²⁰ RÉAU, Louis – *Iconografía de los Santos, P-Z/Repertórios*, p. 329.

²²¹ *Ibidem*, p. 329.

²²² *Ibidem*, p. 329.

4 Conclusão

O concelho de Espinho, inserido no distrito de Aveiro, é composto por cinco freguesias: Espinho, Anta, Silvalde, Paramos e Guetim. Cada uma delas tem a sua própria igreja paroquial, designada conforme o seu padroeiro, à excepção da igreja de Espinho: Igreja Matriz de Espinho, Igreja de S. Martinho de Anta, Igreja de S. Tiago de Silvalde, Igreja de Santo Tirso de Paramos e Igreja de Santo Estêvão de Guetim.

Após o nosso levantamento relativo às imagens religiosas presentes no interior destas igrejas, verificamos que a que tem mais é a de Espinho com 22, distribuídas por 8 retábulos, 4 em cada lado, tendo cada um deles, três dessas imagens, à excepção de um, o do Senhor dos Passos, que apenas só tem uma. Segue-se depois as de Guetim, com 17, distribuídas, por sua vez, em 5 retábulos, 1 na capela-mor e 4 na nave, e 2 suportes de pedra; de Silvalde, igualmente com 17, distribuídas por 7 retábulos; e de Paramos, com 12, distribuídas pelo mesmo número de retábulos que a igreja anterior. Sendo assim, a que demonstra ter menos imagens é a de Anta, com apenas 9, uma à entrada, 2 na zona do altar e 6 na capela-mor. No total registamos 77 imagens, distribuídas pelas 5 igrejas, que aludem à representação de 43 santos da Igreja.

Ao longo da nossa análise iconográfica podemos constatar que existem algumas imagens que aparecem em mais do que uma igreja. A que se encontra em todas é a do Sagrado Coração de Jesus, seguido pelas de Santa Teresa de Lisieux, S. Sebastião, S. José, Nossa Senhora de Fátima e Santo António, que também aparecem em todas, excepto numa.

Com este trabalho de investigação com as conhecidas limitações procurámos dar um contributo para divulgar e valorizar o património religioso das igrejas paroquiais do concelho de Espinho, no que se refere às esculturas de vulto. Estamos certos que muito fica por fazer neste campo, mas, não obstante as diversas condicionantes, pensamos ter realizado um pequeno inventário que constitui um subsídio para estudo da iconografia religiosa do concelho de Espinho.

Bibliografia

- *BÍBLIA Sagrada. Para o Terceiro Milénio da Encarnação*. Lisboa /Fátima: Difusora Bíblica, 2003
- BRANDÃO, Francisco Azevedo – *Anais da História de Espinho (1985 – 1926)*. Espinho: [s/n], 199, vol. 1.
– *Anais da História de Espinho (1926 – 1960)*. Espinho: [s/n], 1992, vol. 2.
- CARVALHEIRA, P.e José do Vale – *Nossa Senhora na História e Devoção do Povo Português*. Porto: Edições Salesianas, 1998.
- COUTINHO, B. Xavier – *Nossa Senhora na Arte. Alguns Problemas Iconográficos e uma Exposição Marial*. Porto: Livraria Tavares Martins, 1959.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain – *Dicionário dos símbolos*. Lisboa: Editorial Teorema, 1994.
- DAIX, Georges – *Dicionário dos Santos. Do calendário romano e dos beatos portugueses*. Lisboa: Terramar, 2000
- EDUARDO CIRLOT, Juan – *Dicionário de Símbolos*. Lisboa: Publicações D. Quixote, 1999.
- FAUSTINO, Artur – *Silvalde. Paróquia e Freguesia Milenária*. Silvalde: Junta de Freguesia, vol. 1, 2000.
- FERMIN, Maria, O.F.M – *O Coração da Mãe*. Coimbra: Coimbra Editora, 1960
- FERRANDO ROIG, Juan – *Iconografía de los Santos*. Barcelona: Ediciones OMEGA, SA, 1950.
- GONÇALVES, Flávio – *História da Arte. Iconografia e Crítica*. Maia: Colecção arte e artistas, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1990.
- HALLAM, Elizabeth – *Os Santos*. Lisboa: Centralivros, 1998.

- LAMEIRA, Francisco I. C. – *Inventário Artístico do Algarve. A Talha e a Imaginária. V – Concelho de Albufeira*. Faro: Delegação Regional do Sul da Secretaria do Estado da Cultura, vol. I, 1989.
- LIMA, J.A Pires de; LIMA, F.C Pires de – *Nossa Senhora em Portugal*. Porto: Edições Domingos Barreira, [1930 – 1950?].
- PEREIRA, Álvaro – *Espinho. Monografia*. Espinho: Edição do autor, 1970.
- QUINTA, João – *Espinho*. Espinho: Engrenagem, 1999.
- RÉAU, Louis – *Iconografía del Arte Cristiano. Iconografía de la Bíblia / Antiguo Testamento*. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1995, nº 4, Tomo I / vol. 1.
 - *Iconografia del Arte Cristiano. Iconografia de la Bíblia / Nuevo Testamento*. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1996, nº 5, Tomo I / vol. 2.
 - *Iconografia del Arte Cristiano. Iconografia de los santos, A-F*. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1997, nº 6, Tomo II/ vol. 3.
 - *Iconografia del Arte Cristiano. Iconografia de los santos, G-O*. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1997, nº 7, Tomo II/ vol. 4.
 - *Iconografía del Arte Cristiano. Iconografia de los santos, P-Z/ Repertórios*. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1997, nº 8, Tomo II/ vol. 5.
- RODRIGUES, Albertino Amaro de Sousa – *Santo Estevão de Guetim - A Paróquia. Subsídios para uma monografia*. Anta: Edição particular do autor, 1987, vol. 1.
 - *S. Martinho de Anta. Documentos*. Anta: [s/n], 1997, vol. 1.
- ROSÁRIO, Diogo do – *Flos Sanctorum ou História das vidas de Christo e sua Santíssima Mãe*. Lisboa: Typographia Universal de Thomaz Quintino Antunes, 1869-1870, 6 Tomos, vols. I-XII.
- SÁ, P^e Manuel F. de – *Monografia de Paramos*. Figueira da Foz: Tipografia popular, 1937.

- TORGAL, Luís Filipe – *As “aparições de Fátima”. Imagens e Representações (1917-1939)*. Lisboa: Temas e Debates, 2002.
- VORAGINE, Tiago – *Legenda Áurea*. Porto: Livraria Civilização Editora, 2004, Tomos I e II.
- VORÁGINE, Santiago – *La Leyenda dorada*. Madrid: Alianza Editorial, 2004.
- VV. AA. – *Dicionário Cultural do Cristianismo*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1999.
- VV. AA. – *Evangelhos Apócrifos*. Lisboa: Editorial Estampa, 1991.
- WENDY, Irmã – *Livro de Santos*. Lisboa: Livraria Civilização Editora, 1999.
- ZANON, Darlei – *Devoções a Nossa Senhora. Histórias e orações de 325 títulos marianos*. Lisboa: Paulus Editora, 2009.

Pesquisa Informática

- <http://www.cotianet.com.br/caucaia/dogma.htm>
- <http://ssacramento.blogs.sapo.pt/176494.html>
- <http://www.colegiosaofrancisco.com.br/alfa/maio/dia-de-santa-rita-de-cassia-1.php>
- <http://www.geocities.com/Augusta/1696/srita.htm>
- <http://www.lepanto.com.br/dados/HagTeres.html>
- <http://www.mariedenazareth.com/2995.0.html?&L=12>
- <http://nossassenhoras.sites.uol.com.br/nsfat.htm>
- http://www.gesuiti.it/moscato/Brazil/Pr_SCuore_Paolino.html
- http://www.correioespirita.org.br/index.php?option=com_content&task=view&id=565&Itemid=47

- http://pt.wikipedia.org/wiki/Catarina_de_Alexandria
- http://www.monumentos.pt/Monumentos/forms/002_B2.aspx?CoHa=2_B1
- <http://www.monumentos.pt/Monumentos/forms/002>
- http://www.monumentos.pt/Monumentos/forms/002_B2.aspx?CoHa=2_B1
- http://www.monumentos.pt/Monumentos/forms/002_B2.aspx?CoHa=2_B1
- <http://www.monumentos.pt>
- http://pt.wikipedia.org/wiki/Igreja_Nossa_Senhora_das_Dores#O_culto_a_Nossa_Senhora_das_Dores
- http://pt.wikipedia.org/wiki/Nossa_Senhora_da_Soledade
- http://www.santissimavirgemaria.com.br/nossa_senhora_das_dores.html
- http://pt.wikipedia.org/wiki/Nossa_Senhora_do_Ros%C3%A1rio
- http://pt.wikipedia.org/wiki/Nossa_Senhora_do_Perp%C3%A9tuo_Socorro
- http://pt.wikipedia.org/wiki/Nossa_Senhora_de_Lourdes
- http://pt.wikipedia.org/wiki/Nossa_Senhora_da_Guia
- http://pt.wikipedia.org/wiki/Anexo:T%C3%ADtulos_de_Maria,_m%C3%A3e_de_Jesus
- http://www.comshalom.org/formacao/exibir.php?form_id=4557
- <http://pt.wikipedia.org/wiki/Jesus>

Pesquisa:

- Plano Director Municipal Espinho, Relatório nº 5.3 – Património, Património Edificado.
- Arquivo Episcopal do Porto
- Câmara Municipal de Espinho
- Arquivo da Igreja de S. Tiago de Silvalde
- Arquivo Municipal da Biblioteca Municipal de Espinho

Anexos

1. Documentação Fotográfica



Figura 1 – Igreja Matriz de Espinho



Figura 2



Figura 3

Figuras 2 e 3 – A Igreja Matriz de Espinho em obras

Fonte: PEREIRA, Álvaro – *Espinho. Monografia*. Espinho: Edição de autor, 1970.

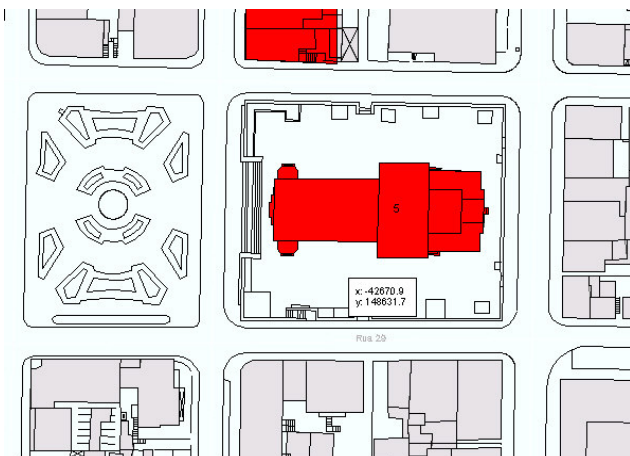


Figura 4 – Planta topográfica da Igreja Matriz de Espinho

Fonte: Revisão do Plano Director Municipal de Espinho. Património arquitectónico e arqueológico. Religioso/igrejas e capelas.



Figura 5 – Pormenor do volume externo do baptistério da Igreja Matriz de Espinho

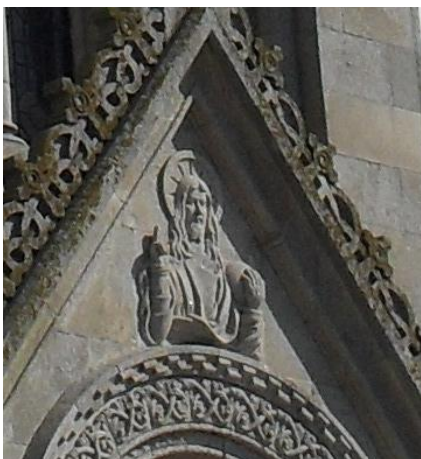


Figura 6

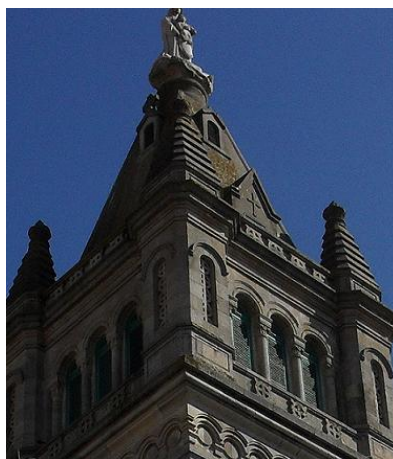


Figura 7

Figuras 6 e 7 – Pormenores da imagem de Jesus Pantocrator no tímpano e do carrilhão da Igrejas Matriz de Espinho, respectivamente.

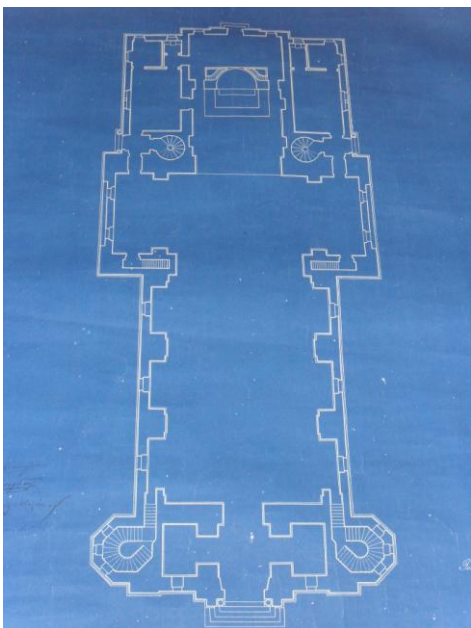


Figura 8 – Planta da Igreja Matriz de Espinho

Fonte: Biblioteca Municipal de Espinho



Figura 9 – Átrio da Igreja Matriz de Espinho

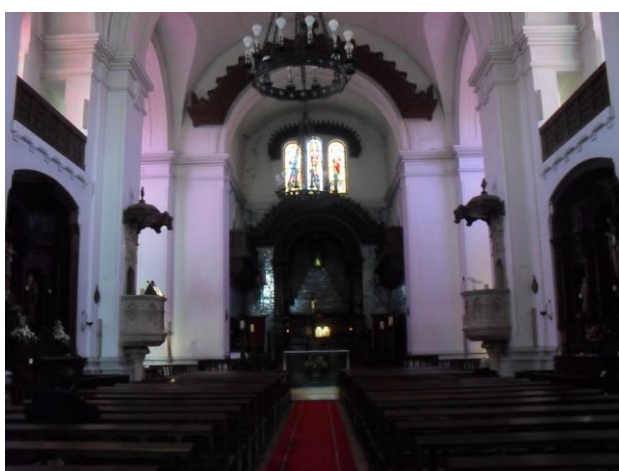


Figura 10 – Interior da Igreja Matriz de Espinho



Figura 11 – Retábulo de Santa Teresa de Lisieux no lado do Evangelho



Figura 12 – Retábulo do Senhor dos Passos no lado do Evangelho



Figura 13 – Retábulo de Nossa Senhora da Ajuda no lado do Evangelho



Figura 14 – Retábulo de S. Joaquim no lado da Epístola



Figura 15 – Retábulo de Cristo Crucificado no lado da Epístola



Figura 16 – Retábulo de Nossa Senhora de Fátima no lado da Epístola



Figura 17



Figura 18

Figuras 17 e 18 – Retábulo do Sagrado Coração de Jesus e do Sagrado Coração de Maria nos transeptos do lado do Evangelho e da Epístola, respectivamente.



Figura 19 – Capela-mor da Igreja Matriz de Espinho

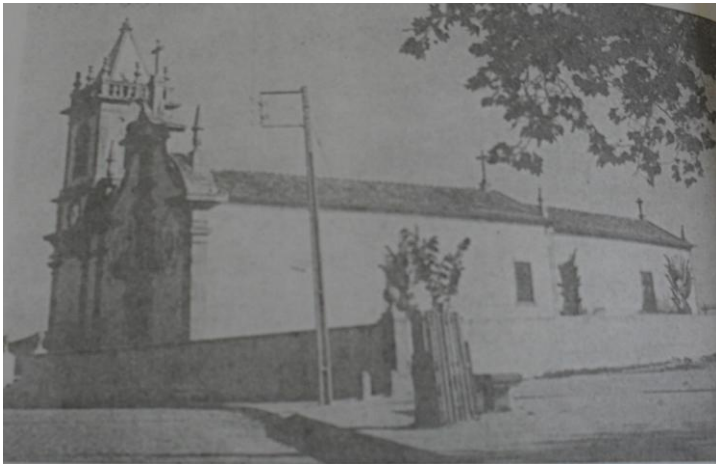


Figura 20 – Igreja Paroquial de S. Martinho de Anta antes do restauro

Fonte: PEREIRA, Álvaro – *Espinho. Monografia*. Espinho: Edição de autor, 1970.



Figura 21 – Planta Topográfica da Igreja de S. Martinho de Anta

Fonte: Câmara Municipal de Espinho



Figura 22 – Igreja Paroquial de Anta ou Igreja de S. Martinho de Anta

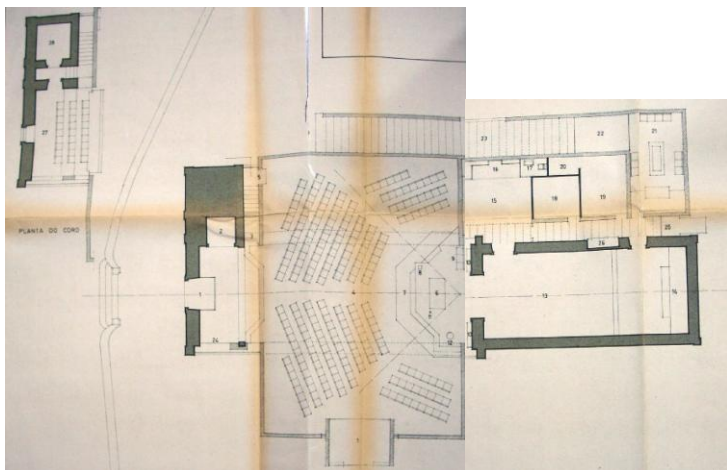


Figura 23 – Planta da Igreja Paroquial de Anta
Fonte: Arquivo Episcopal do Porto



Figura 24 – Fachada principal da Igreja Paroquial de Anta



Figura 25 – Interior da Igreja Paroquial de Anta



Figura 26 – Altar da Igreja Paroquial de Anta



Figura 27 – Capela-mor da Igreja Paroquial de Anta



Figura 28



Figura 29

Figuras 28 e 29 – Retábulos laterais do Evangelho e da Epístola, respectivamente, da capela-mor da Igreja Paroquial de Anta

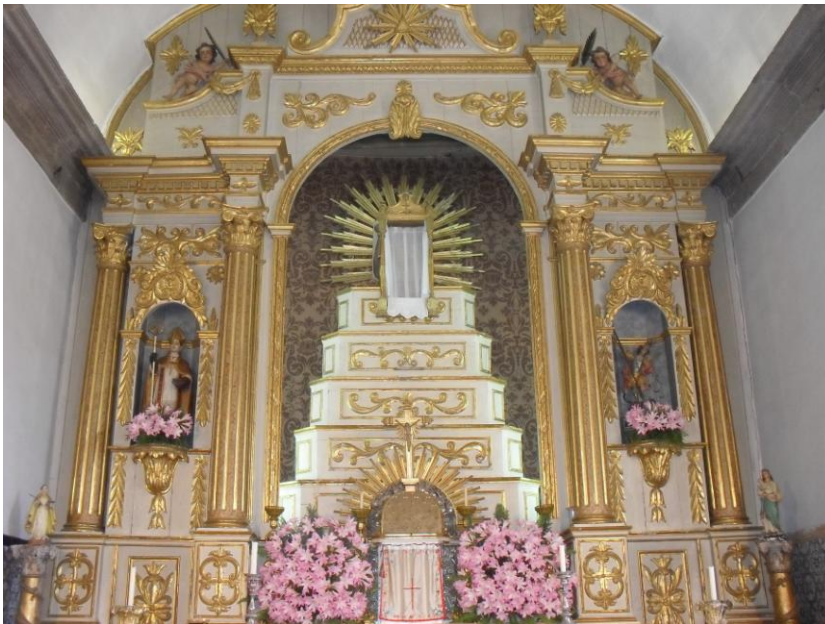


Figura 30 – Retábulo principal da capela-mor da Igreja Paroquial de Anta



Figura 31 – Igreja Paroquial de Silvalde ou Igreja de S. Tiago de Silvalde



Figura 32



Figura 33

Figuras 32 e 33 – Igreja Paroquial de Silvalde em 1905 e antes de 2003, respectivamente

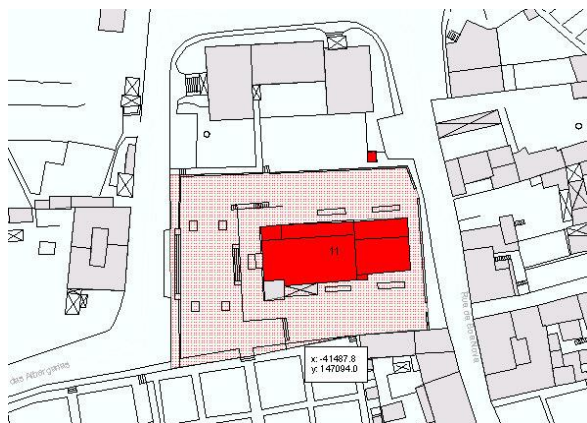


Figura 34 – Planta topográfica da Igreja Paroquial de Silvalde
Fonte: Revisão do Plano Director Municipal de Espinho. Património arquitectónico e arqueológico. Religioso/igrejas e capelas.



Figura 35 – Fachada principal da Igreja Paroquial de Silvalde



Figura 36 – Imagem de S. Tiago Maior na fachada principal da Igreja Paroquial de Silvalde



Figura 37 – Pormenor da parte superior da fachada principal da Igreja Paroquial de Silvalde



Figura 38 – Planta da Igreja Paroquial de Silvalde

Fonte: Arquivo da Igreja de S. Tiago de Silvalde



Figura 39 – Interior da Igreja Paroquial de Silvalde



Figura 40



Figura 41

Figuras 40 e 41 – Retábulos de Nossa Senhora da Soledade e do Senhor dos Passos e do Sagrado Coração de Jesus no lado do Evangelho, respectivamente



Figura 42 – Alminha de Nossa Senhora do Carmo e o Retábulo de Nossa Senhora de Fátima no lado do Evangelho



Figura 43



Figura 44

Figuras 43 e 44 – Retábulos de Nossa Senhora do Rosário e de Santo António de Lisboa no lado da Epístola, respectivamente



Figura 45 – Retábulo de S. José e Nicho de S. Judas Tadeu no lado da Epístola



Figura 46



Figura 47

Figuras 46 e 47 – Pormenores da Alminha de Nossa Senhora do Carmo e do Nicho de S. Judas Tadeu nos lados do Evangelho e da Epístola, respectivamente



Figura 48 – Capela-mor da Igreja Paroquial de Silvalde



Figura 49 – Igreja Paroquial de Paramos ou Igreja de Santo Tirso de Paramos

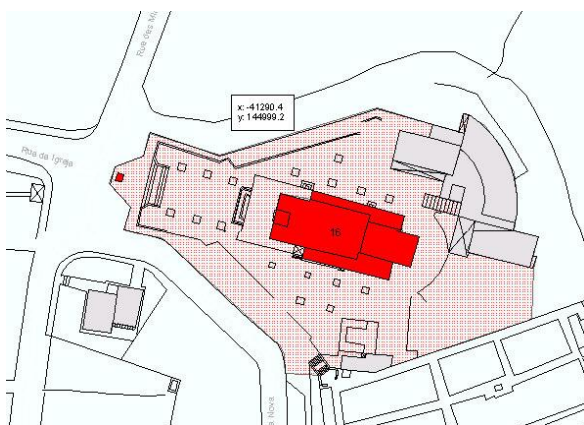


Figura 50 – Planta topográfica da Igreja Paroquial de Paramos

Fonte: Revisão do Plano Director Municipal de Espinho. Património arquitectónico e arqueológico. Religioso/igrejas e capelas



Figura 51 – Fachada principal da Igreja Paroquial de Paramos



Figura 52 – Interior da Igreja Paroquial de Paramos



Figura 53



Figura 54

Figuras 53 e 54 – Retábulos do Sagrado Coração de Jesus e do Cristo Crucificado ou Senhor da Agonia, respectivamente, no lado do Evangelho



Figura 55



Figura 56

Figuras 55 e 56 – Retábulos do Sagrado Coração de Maria e de Nossa Senhora de Fátima, respectivamente no lado da Epístola



Figura 57



Figura 58

Figuras 57 e 58 – Retábulos de cortiça de Nossa Senhora de Lourdes no lado do Evangelho e de S. José no lado da Epístola



Figura 59

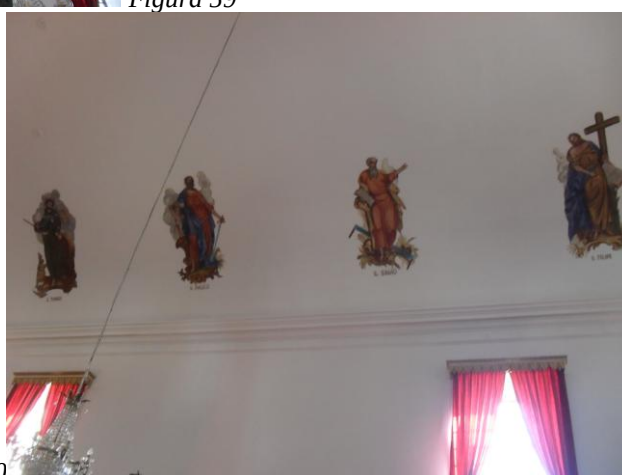


Figura 60

Figuras 59 e 60 – Pormenor do tecto no lado do Evangelho e no lado da Epístola da nave da Igreja Paroquial de Paramos, respectivamente



Figura 61 – Capela-mor da Igreja Paroquial de Paramos

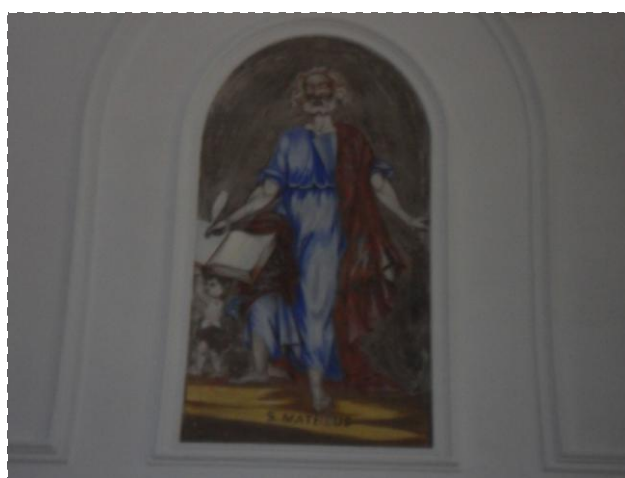


Figura 62

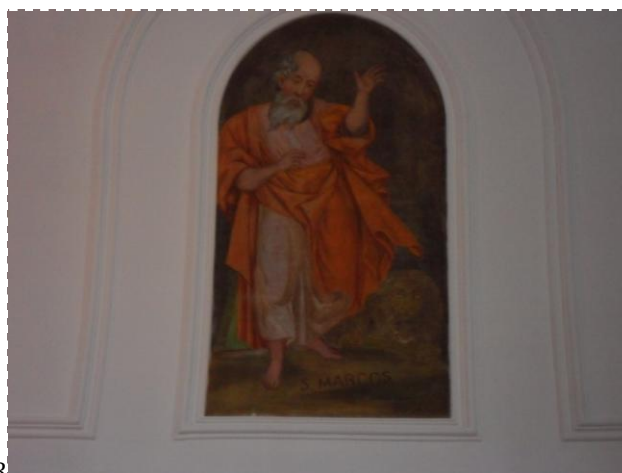


Figura 63

Figuras 62 e 63 – Pormenor de S. Mateus e de S. Marcos, respectivamente, no tecto da capela-mor do lado do Evangelho

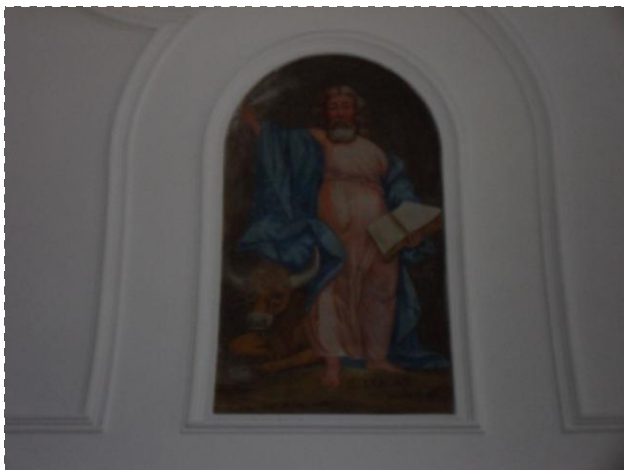


Figura 64

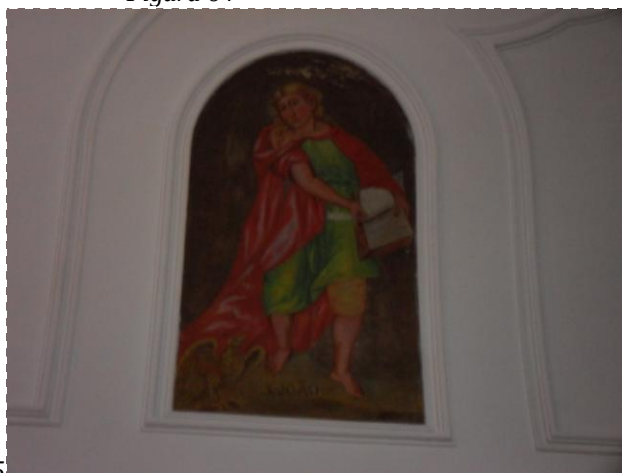


Figura 65

Figuras 64 e 65 – Pormenor de S. Lucas e de S. João Evangelista, respectivamente, no tecto da capela-mor do lado da Epístola



Figura 66 – Igreja Paroquial de Guetim ou Igreja de Santo Estêvão de Guetim

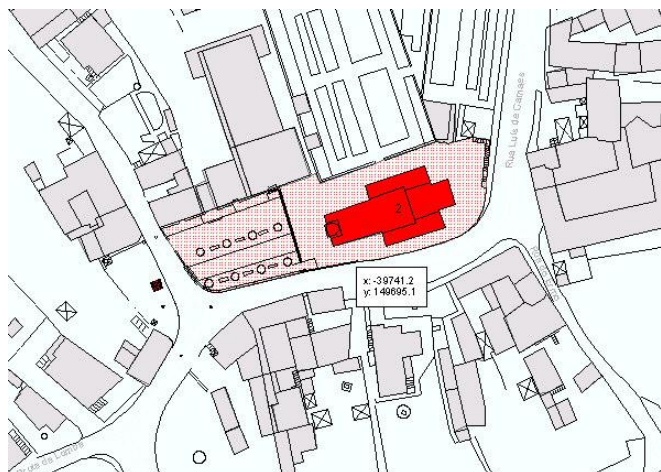


Figura 67 – Planta topográfica da Igreja Paroquial de Guetim

Fonte: Revisão do Plano Director Municipal de Espinho. Património arquitectónico e arqueológico. Religioso/igrejas e capelas



Figura 68 – Fachada principal da Igreja Paroquial de Guetim

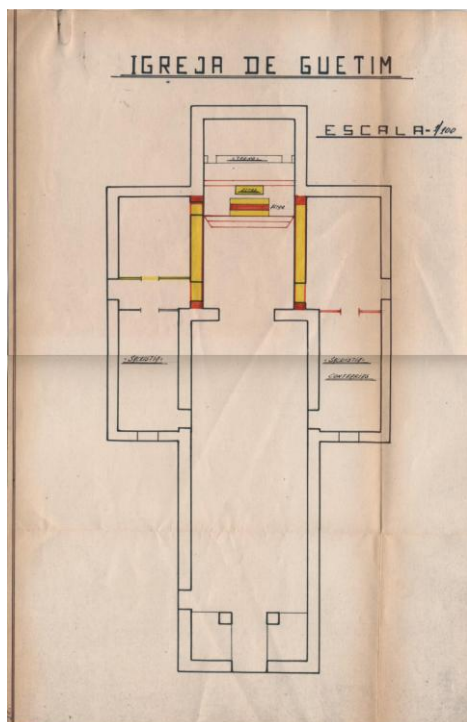


Figura 69 – Planta da Igreja Paroquial de Guetim

Fonte: Arquivo Episcopal do Porto



Figura 70 – Interior da Igreja Paroquial de Guetim



Figura 71



Figura 72

Figuras 71 e 72 – Suportes das imagens de Santa Teresa de Lisieux no lado do Evangelho e de Nossa Senhora de Fátima no lado da Epístola, respectivamente



Figura 73



Figura 74

Figuras 73 e 74 – Retábulos de S. José no lado Evangelho e de Cristo Crucificado e S. Cosme e S. Damião no lado da Epístola, respectivamente



Figura 75



Figura 76

Figuras 75 e 76 – Retábulos de Nossa Senhora da Guia no lado do Evangelho e do Sagrado Coração de Jesus no lado da Epístola, respectivamente



Figura 77 – Capela-mor da Igreja Paroquial de Guetim



Figura 78 – Retábulo-mor da Igreja Paroquial de Guetim



Figura 79

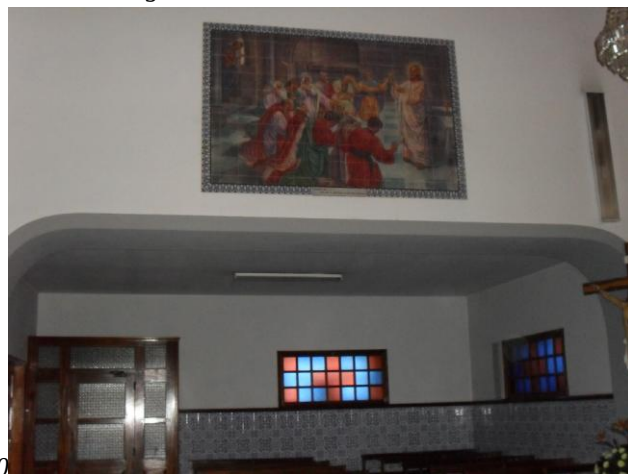


Figura 80

Figuras 79 e 80 - Alas laterais do lado da Epístola e do lado da Evangelho da capela-mor, respectivamente



Figuras 82 e 83 – Pormenores de Santa Ana e da Virgem Maria





Figura 85



Figura 86



Figura 87



Figura 88

Figuras 85 a 88 – Santo António de Lisboa das Igrejas de Espinho, Silvalde, Paramos e Guetim, respectivamente



Figura 89



Figura 90



Figura 91



Figura 92

Figuras 89 a 92 – Pormenor das mãos de Santo António



Figura 93

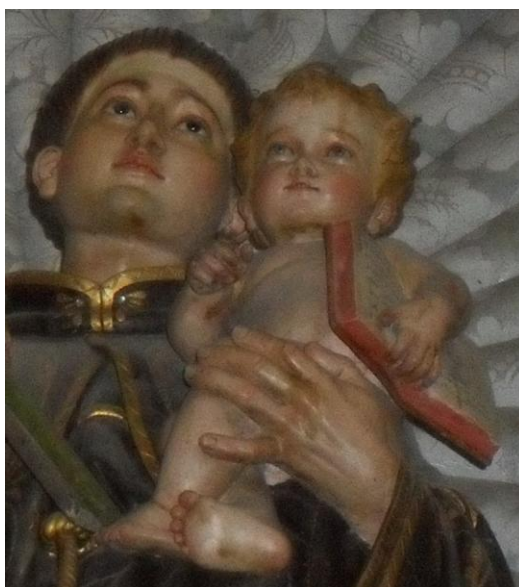


Figura 94



Figura 95



Figura 96

Figuras 93 a 96 – Pormenores de Santo António e do Menino Jesus



Figura 97 – S. Brás



Figura 98



Figura 99



Figura 100

Figuras 98 a 100 – Pormenores de S. Brás



Figura 101 – Santa Catarina de Alexandria



Figura 102



Figura 103



Figura 104

Figuras 102 a 104 – Pormenores de Santa Catarina de Alexandria



Figura 105 – Santa Cecília de Roma



Figura 106



Figura 107



Figura 108

Figuras 106 a 108 – Pormenores de Santa Cecília de Roma



Figura 109 – S. Cosme e S. Damião



Figura 110



Figura 111



Figura 112

Figuras 110 a 112 – Cristo Crucificado das Igrejas de Espinho, Paramos e Guetim, respectivamente



Figura 113



Figura 114



Figura 115

Figuras 113 a 115 – Pormenor dos letreros



**Figura 116 – Pormenor da ferida do Lado de Cristo
Crucificado de Guetim**



Figura 117



Figura 118



Figura 119

Figuras 117 a 119 – Pormenor dos rostos



Figura 120 – S. Cristóvão



Figura 121 – Pormenor do tronco e do Menino Jesus



Figura 122 – Santo Estêvão



Figura 123



Figura 124

Figuras 123 e 124 – Pormenores de Santo Estêvão



Figura 125 – Santo Expedito



Figura 126



Figura 127

Figura 126 e 127 – Pormenores de Santo Expedito



Figura 128



Figura 129

Figuras 128 e 129 – S. Francisco de Assis das Igrejas de Anta e Silvalde, respectivamente



Figura 130



Figura 131

Figuras 130 e 131 – Pormenores do rosário e da cabeça de S. Francisco de Anta



Figura 132



Figura 133

Figuras 132 e 133 – Pormenor dos crucifixos



Figura 134 – Pormenor da mão esquerda de S. Francisco da Igreja Paroquial de Anta



Figura 135



Figura 136

Figuras 135 e 136 – Santa Inês de Roma das Igrejas de Anta e Paramos, respectivamente



Figura 137 – Pormenor da coroa de Santa Inês de Anta



Figura 138



Figura 139

Figuras 138 e 139 – Pormenor dos cordeiros brancos



Figura 140 – Pormenor da palma do martírio de Santa Inês de Anta



Figura 141 – S. João Baptista



Figura 142

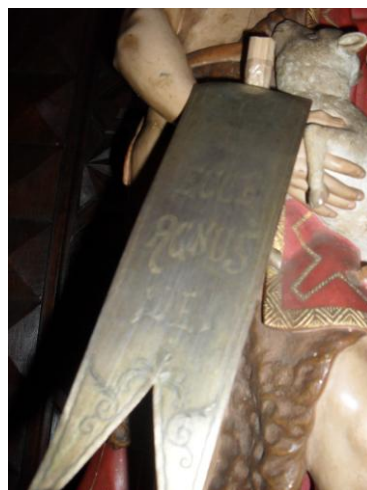


Figura 143



Figura 144

Figuras 142 a 144 – Pormenores de S. João Baptista

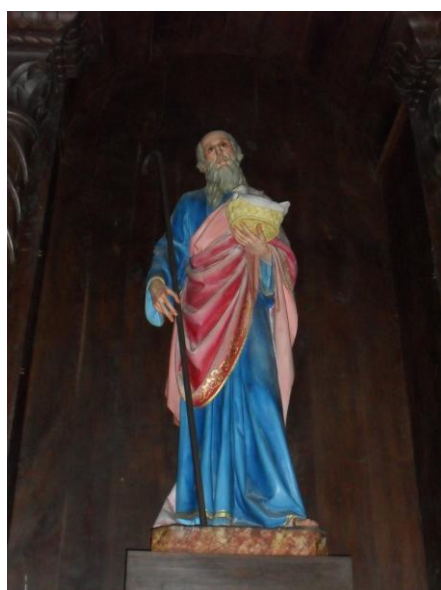


Figura 145 – S. Joaquim



Figura 146



Figura 147

Figuras 146 e 147 – Pormenores de S. Joaquim



Figura 148



Figura 149



Figura 150



Figura 151

Figuras 148 a 151 – S. José das Igrejas de Espinho, Silvalde, Paramos e Guetim, respectivamente



Figura 152

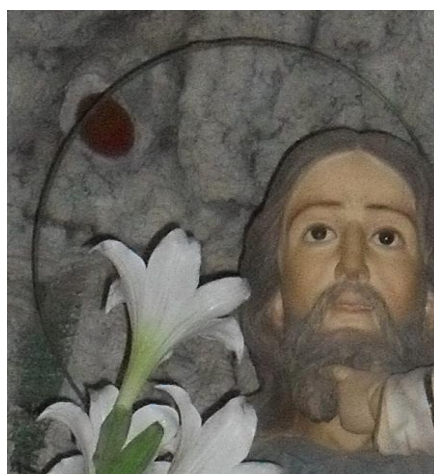


Figura 153

Figuras 152 e 153 – Pormenor dos nimbos



Figura 154

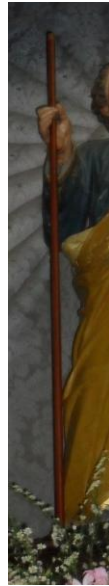


Figura 155



Figura 156



Figura 157

Figuras 154 a 157 – Pormenor das mãos direitas



Figura 158



Figura 159



Figura 160

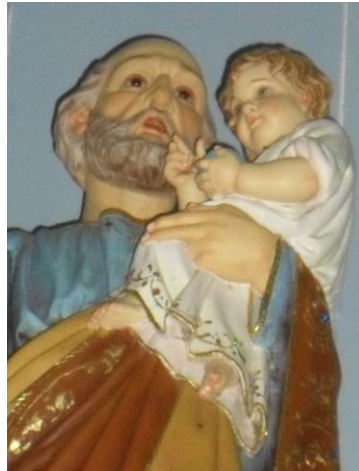


Figura 161

Figuras 158 a 161 – Pormenor de S. José com o Menino



Figura 162 – Pormenor da mão esquerda do Menino de S. José de Guetim



Figura 163



Figura 164



Figura 165

Figuras 163 a 165 – S. Judas Tadeu das Igrejas Paroquiais de Espinho, Silvalde e Guetim, respectivamente



Figura 166 – Pormenor do nimbo de S. Judas Tadeu de Guetim



Figura 167



Figura 168



Figura 169

Figuras 167 a 169 – Pormenor das maçãs



Figura 170



Figura 171



Figura 172

Figuras 170 a 172 – Pormenor dos medalhões



Figura 173



Figura 174

Figuras 173 e 174 – S. Luís Gonzaga das Igrejas Paroquiais de Espinho e Paramos, respectivamente



Figura 175 – Pormenor do nimbo de S. Luís Gonzaga de Espinho



Figura 176



Figura 177

Figuras 176 e 177 – Pormenor dos crucifixos



Figura 178



Figura 179

Figuras 178 e 179 – Pormenor das mãos esquerdas



Figura 180



Figura 181



Figura 182

Figuras 180 a 182 – Santa Lúzia das Igrejas Paroquiais de Anta, Silvalde e Guetim, respectivamente



Figura 183



Figura 184



Figura 185

Figuras 183 a 185 – Pormenor das palmas do martírio



Figura 186



Figura 187



Figura 188

Figuras 186 a 188 – Pormenor das taças



Figura 189



Figura 190

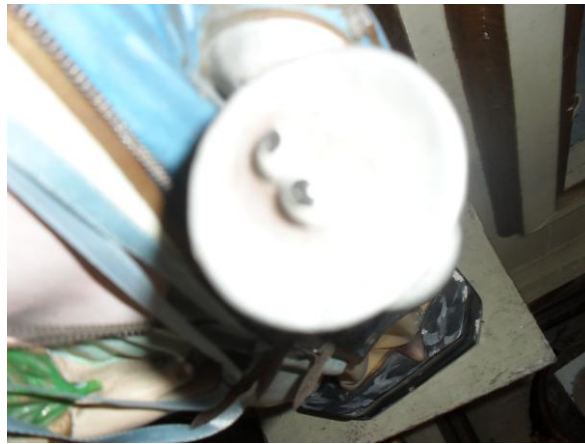


Figura 191

Figuras 189 a 191 – Pormenor dos olhos



Figura 192– Santa Maria Goretti



Figura 193



Figura 194

Figuras 193 e 194 – Pormenores do rosto e das mãos e da palma do martírio e do ramo de açucenas, respectivamente



Figura 195 – S. Martinho de Tours



Figura 196



Figura 197



Figura 198

Figuras 196 a 198 – Pormenores de S. Martinho de Tours



Figura 199



Figura 200

Figuras 199 e 200 – Menino Jesus das Igrejas de Espinho e Silvalde, respectivamente



Figura 201 – Pormenor do globo do Menino Jesus de Silvalde



Figura 202

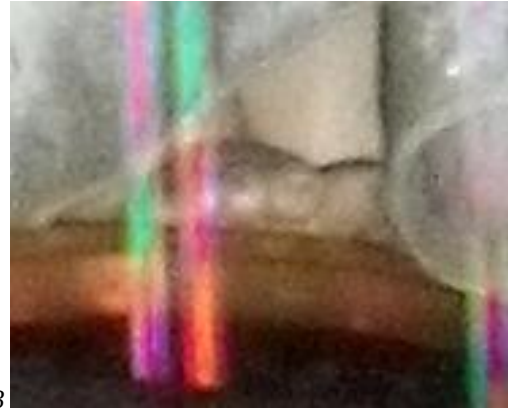


Figura 203

Figuras 202 e 203 – Pormenores da cruz processional e do pé direito do Menino Jesus de Espinho



Figura 204 – S. Miguel Arcanjo



Figura 205



Figura 206



Figura 207

Figuras 205 a 207 – Pormenores de S. Miguel Arcanjo

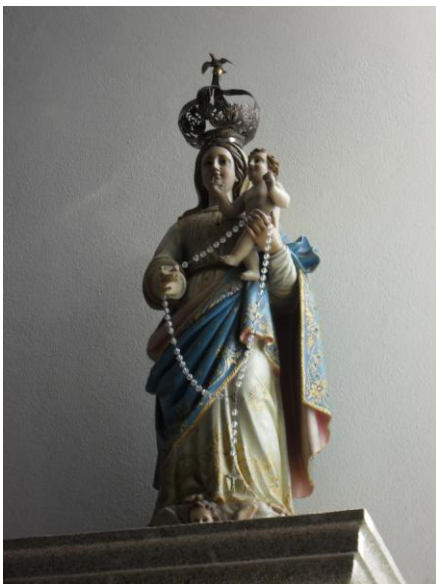


Figura 208 – Nossa Senhora



Figura 209 – Pormenor de Nossa Senhora e do Menino Jesus



Figura 210



Figura 211

Figuras 210 e 211 – Pormenores do rosário e da coroa

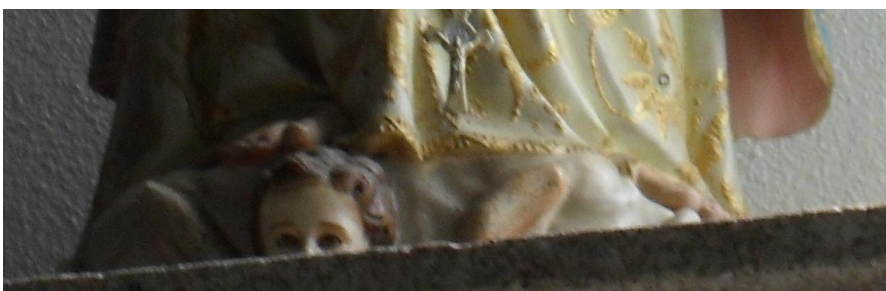


Figura 212 – Pormenor da nuvem



Figura 213 – Nossa Senhora da Ajuda



Figura 214



Figura 215



Figura 216

Figuras 214 a 216 – Pormenores de Nossa Senhora da Ajuda



Figura 217 – Pormenor do barco



Figura 218 – Nossa Senhora da Boa Nova



Figura 219



Figura 220



Figura 221



Figura 222

Figuras 219 a 222 – Pormenores de Nossa Senhora da Boa Nova



Figura 223



Figura 224

Figuras 223 e 224 – Nossa Senhora da Conceição das Igrejas Paroquiais de Espinho e Silvalde, respectivamente



Figura 225



Figura 226

Figuras 225 e 226 – Pormenor das luas em quarto crescente e das nuvens



Figura 227



Figura 228

Figuras 227 e 228 – Pormenor do globo e da cabeça da serpente



Figura 229



Figura 230

Figuras 229 e 230 – Pormenor dos rostos e da colocação das mãos



Figura 231 – Nossa Senhora das Dores



Figura 232

Figura 233



Figuras 232 e 233 – Pormenores de Nossa Senhora das Dores



Figura 234



Figura 235



Figura 236



Figura 237

Figuras 234 a 237 – Nossa Senhora de Fátima das Igrejas Paroquiais de Espinho, Silvalde, Paramos e Guetim, respectivamente



Figura 238 – Nossa Senhora de Lourdes

Fonte: <http://www.capotei.wordpress.com>



Figura 239



Figura 240

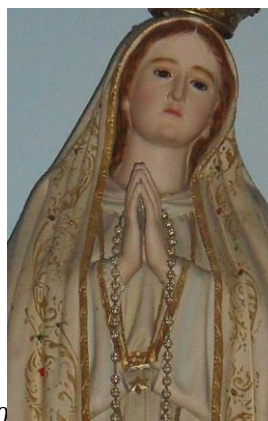


Figura 241



Figura 242

Figuras 239 a 242 – Pormenor das mãos e da cabeça



Figura 243



Figura 244

Figuras 243 e 244 – Pormenor das sandálias



Figura 245



Figura 246



Figura 247



Figura 248

Figuras 245 a 248 – Pormenor das nuvens



Figura 249



Figura 250

Figuras 249 e 250 – Pormenor dos/as cintos ou correias



Figura 251



Figura 252



Figura 253



Figura 254

Figuras 251 a 254 – Pormenor das estrelas



Figura 255



Figura 256

Figuras 255 e 256 – Pormenor dos pendentos



Figura 257



Figura 258



Figura 259

Figuras 257 a 259 – Pormenor das coroas



Figura 260 – Pormenor do nimbo de Nossa Senhora de Fátima de Espinho



Figura 261 – Nossa Senhora da Guia



Figura 262



Figura 263



Figura 264



Figura 265



Figura 266

Figuras 262 a 266 – Pormenores de Nossa Senhora da Guia



Figura 267



Figura 268

Figuras 267 e 268 – Nossa Senhora de Lourdes das Igrejas Paroquiais de Paramos e Guetim, respectivamente



Figura 269 – Pormenor da imagem de Nossa Senhora de Lourdes de Paramos



Figura 270



Figura 271

Figuras 270 e 271 – Pormenor da cabeça e da colocação das mãos



Figura 272



Figura 273

Figuras 272 e 273 – Pormenor das rosas douradas



Figura 274 – Pormenor do terreno rochoso



Figura 275 – Pormenor de Bernadette Soubirous



Figura 276 – Pormenor do nimbo de Nossa Senhora de Lourdes de Paramos



Figura 277 – Nossa Senhora do Perpétuo Socorro



Figura 278 – *A Mãe de Deus da Paixão* de Andrea Ritzos

Fonte: <http://www.lib-art.com/art-prints/andrea-ritzos.html>



Figura 279



Figura 280

Figuras 279 e 280 – Pormenores de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro com o Menino Jesus e do Menino Jesus, respectivamente



Figura 281



Figura 282

Figuras 281 e 282 – Pormenores da lança e da sandália

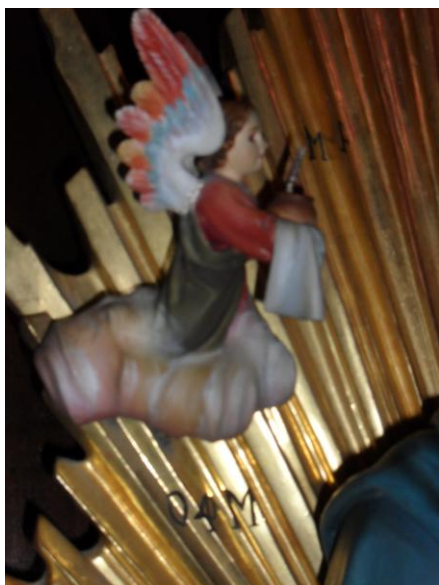


Figura 283



Figura 284

Figuras 283 e 284 – Pormenor dos anjos e das letras que os identificam



Figura 285 – Pormenor do manto de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro

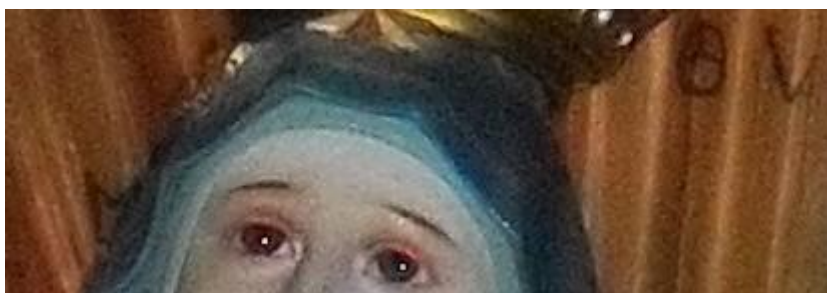


Figura 286



Figura 287

Figuras 286 e 287 – Pormenor das letras identificativas de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e do Menino Jesus



Figura 288 – Nossa Senhora Rainha dos Anjos

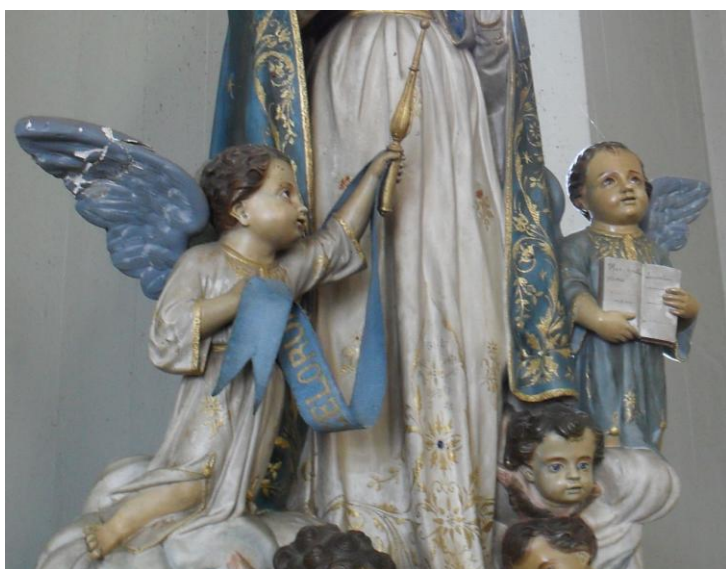


Figura 289 – Pormenor dos anjos laterais



Figura 290



Figura 291

Figuras 290 e 291 – Pormenores da coroa e do ceptro



Figura 292

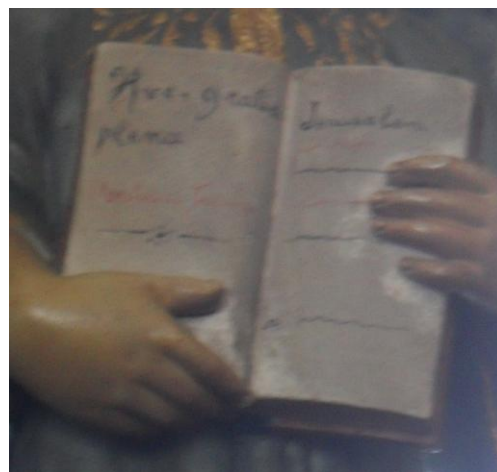


Figura 293

Figuras 292 e 293 – Pormenores da filactéria e do livro



Figura 294 – Pormenor da nuvem



Figura 295 – Nossa Senhora do Rosário



Figura 296



Figura 297

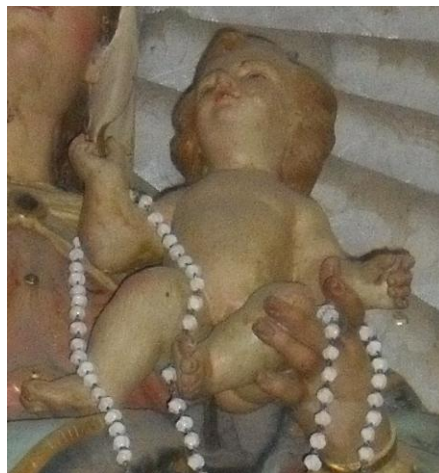


Figura 298



Figura 299



Figura 300

Figuras 296 a 300 – Pormenores de Nossa Senhora do Rosário



Figura 301 – Nossa Senhora da Soledade



Figura 302



Figura 303

Figuras 302 e 303 – Pormenores de Nossa Senhora da Soledade



Figura 304



Figura 305

Figuras 304 e 305 – Santa Rita de Cássia das Igrejas Paroquiais de Espinho e Guetim, respectivamente



Figura 306



Figura 307

Figuras 306 e 307 – Pormenor dos espinhos nas testas



Figura 308



Figura 309

Figuras 308 e 309 – Pormenor das palmas do martírio



Figura 310

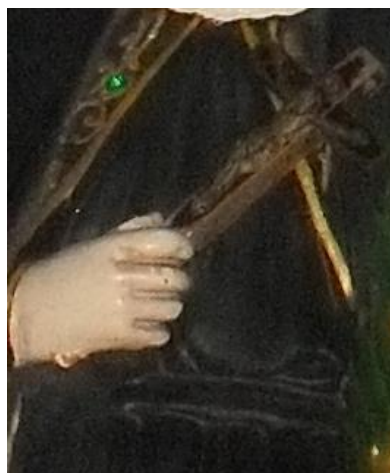


Figura 311

Figuras 310 e 311 – Pormenor dos crucifixos



Figura 312 – Pormenor da rosa de Santa Rita de Espinho



Figura 313



Figura 314



Figura 315



Figura 316



Figura 317

Figuras 313 a 317 – Sagrado Coração de Jesus das Igrejas Paroquiais de Espinho, Anta, Silvalde, Paramos e Guetim, respectivamente



Figura 318



Figura 319



Figura 320



Figura 321



Figura 322

Figuras 318 a 322 – Pormenor das chagas nas mãos



Figura 323



Figura 324



Figura 325

Figuras 323 a 325 – Pormenor das chagas nos pés

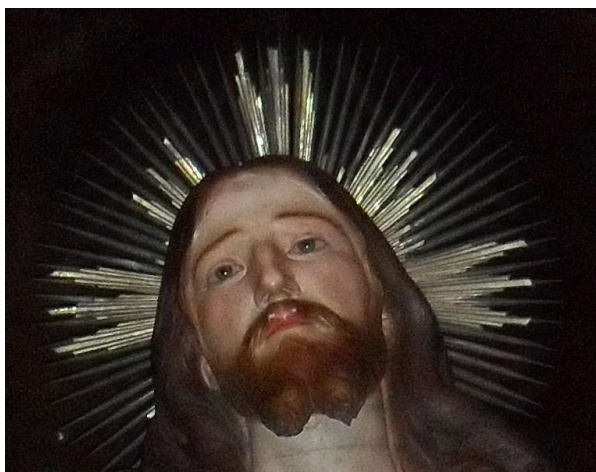


Figura 326

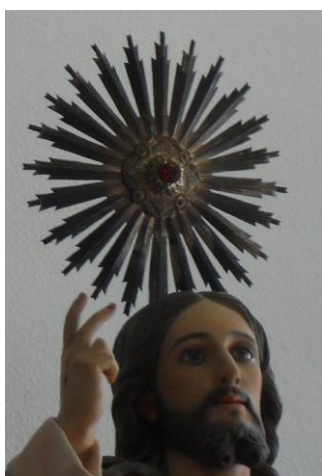


Figura 327



Figura 328



Figura 329



Figura 330

Figuras 326 a 330 – Pormenor dos nimbos



Figura 331



Figura 332



Figura 333

Figuras 331 a 333 – Pormenor das nuvens



Figura 334 – Pormenor do osso



Figura 335



Figura 336



Figura 337



Figura 338



Figura 339

Figuras 335 a 339 – Pormenor dos corações



Figura 340



Figura 341

Figuras 340 e 341 – Sagrado Coração de Maria das Igrejas Paroquiais de Espinho e Paramos, respectivamente



Figura 342



Figura 343

Figuras 342 e 343 – Pormenor dos corações



Figura 344



Figura 345

Figuras 344 e 345 – Pormenor das nuvens e dos globos



Figura 346



Figura 347

Figuras 346 e 347 – Pormenor das cabeças das serpentes



Figura 348 – Pormenor do nimbo do Sagrado Coração de Maria de Espinho



Figura 349 – Pormenor dos raios luminosos do Sagrado Coração de Maria de Paramos



Figura 350 – Nossa Senhora das Graças

Fonte: <http://www.cnevive.wordpress.com>

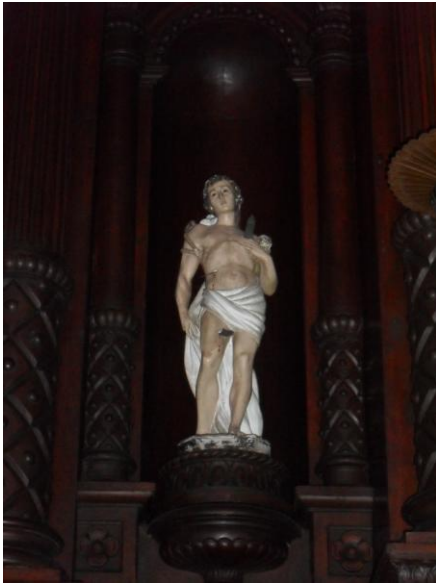


Figura 351



Figura 352



Figura 353



Figura 354

Figuras 351 a 354 – S. Sebastião das Igrejas Paroquiais de Espinho, Silvalde, Paramos e Guetim, respectivamente



Figura 355



Figura 356



Figura 357

Figuras 355 a 357 – Pormenor das amarras



Figura 358



Figura 359

Figuras 358 e 359 – Pormenor das flechas e dos orifícios



Figura 360



Figura 361



Figura 362



Figura 363

Figuras 360 a 363 – Pormenor dos rostos e das colocações das mãos



Figura 364



Figura 365

Figuras 364 e 365 – Senhor dos Passos das Igrejas Paroquiais de Espinho e Silvalde, respectivamente



Figura 366 – Pormenor da colocação das mãos do Senhor dos Passos de Espinho



Figura 367



Figura 368

Figuras 367 e 368 – Pormenor das cruzes



Figura 369



Figura 370

Figuras 369 e 370 – Pormenor dos cordões

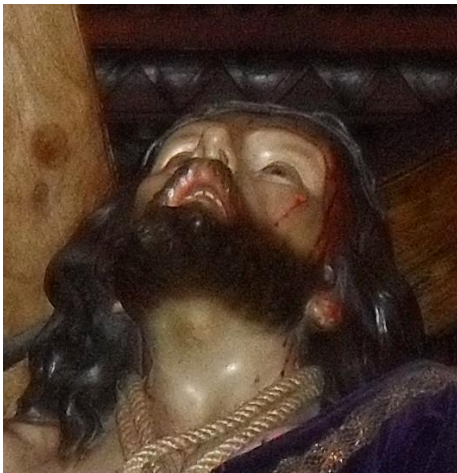


Figura 371



Figura 372

Figuras 371 e 372 – Pormenor dos rostos e das coroas de espinhos



Figura 373



Figura 374

Figuras 373 e 374 – Pormenores do Retábulo do Senhor dos Passos



Figura 375



Figura 376



Figura 377



Figura 378

Figuras 375 a 378 – Santa Teresa de Lisieux das Igrejas Paroquiais de Espinho, Anta, Silvalde e Guetim, respectivamente



Figura 379



Figura 380



Figura 381



Figura 382



Figura 383

Figuras 379 a 383 – Pormenor dos braços de rosas e dos crucifixos



Figura 384



Figura 385



Figura 386

Figuras 384 a 386 – Pormenor dos nimbos



Figura 387



Figura 388

Figuras 387 e 388 – Pormenor das nuvens e das metades do globo



Figura 389 – Pormenor das armas portuguesas de Santa Teresa de Espinho



Figura 390 – Pormenor da pintura da base de Santa Teresa de Anta



Figura 391

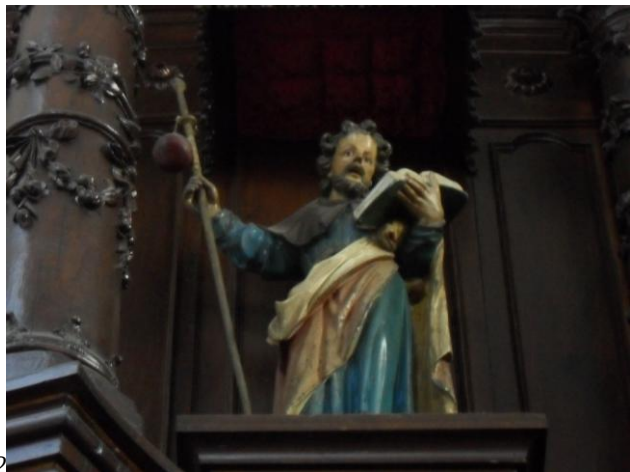


Figura 392

Figuras 391 e 392 – S. Tiago Maior das Igrejas Paroquiais de Espinho e Silvalde, respectivamente



Figura 393

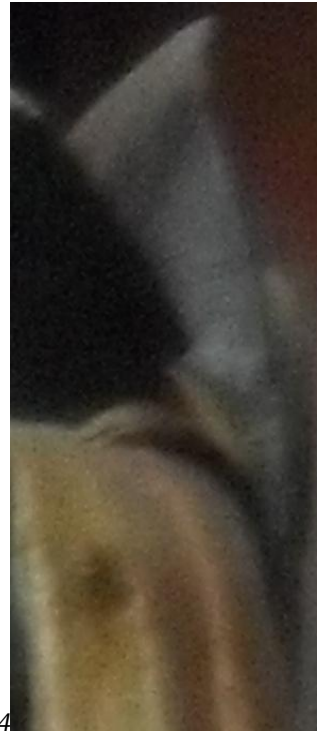


Figura 394

Figuras 393 e 394 – Pormenor dos chapéus



Figura 395



Figura 396

Figuras 395 e 396 – Pormenor das mãos direitas



Figura 397



Figura 398

Figuras 397 e 398 – Pormenor das mãos esquerdas

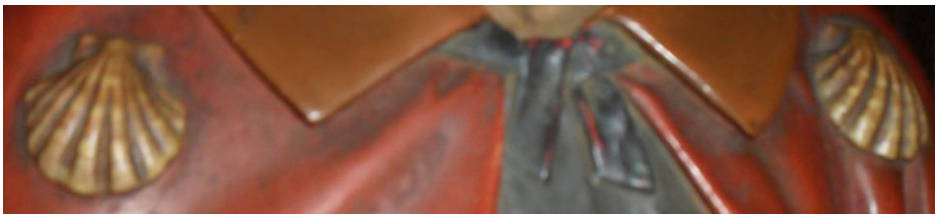


Figura 399 – Pormenor das vieiras do S. Tiago Maior de Espinho



Figura 400 – Pormenor do nimbo de S. Tiago Maior de Espinho



Figura 401 – Santo Tirso



Figura 402



Figura 403

Figuras 402 e 403 – Pormenores de Santo Tirso



Figura 404 – S. Vicente Ferrer



Figura 405 – Pormenor do “*sol de Cristo*”



Figura 406



Figura 407

Figuras 406 e 407 – Pormenores da colocação das mãos e da mão esquerda, respectivamente

2 – Tabelas

	1º Retábulo	2º Retábulo	3º Retábulo	Retábulo Transepto
Esquerda	Santo Expedito		Menino Jesus	S. Sebastião
Centro	Santa Teresa de Lisieux	Senhor dos Passos	Nª Sr.ª d’Ajuda	Sagrado Coração de Jesus
Direita	S. Judas Tadeu		Nª Sr.ª do Perpétuo Socorro	Santa Cecília

Tabela I – Localização das imagens no lado do Evangelho da Igreja Matriz de Espinho

	1º Retábulo	2º Retábulo	3º Retábulo	Retábulo Transepto
Esquerda	Santa Rita de Cássia	S. João Baptista	Santa Ana	Nª Sr.ª da Conceição
Centro	S. Joaquim	Cristo Crucificado	Nª Sr.ª de Fátima	Sagrado Coração de Maria
Direita	S. Luís Gonzaga	S. Tiago Maior	Santo António	S. José

Tabela II – Localização das imagens no lado da Epístola da Igreja Matriz de Espinho

	<u>Imagens</u>	<u>Localização</u>
<u>Nave</u>	Nª Sr.ª Rainha dos Anjos	Direita da porta principal
<u>Altar</u>	Sagrado Coração de Jesus	Esquerda
	Nª Sr.ª	Direita
<u>Capela-mor</u>	Santa Teresa de Lisieux	Retábulo Lateral do Lado do Evangelho
	S. Francisco de Assis	Retábulo lateral do lado da Epístola
	S. Martinho de Tours	Retábulo-mor no lado do Evangelho
	S. Miguel Arcanjo	Retábulo-mor no lado da Epístola

Tabela III – Localização das imagens da Igreja de S. Martinho de Anta

	1º Retábulo	2º Retábulo	3º Retábulo
Esquerda	Santa Catarina de Alexandria	Menino Jesus	
Centro	Nª Sr.ª da Soledade e Senhor dos Passos	Sagrado Coração de Jesus	Nª Sr.ª de Fátima
Direita	Santa Lúzia	Nª Sr.ª da Conceição	

Tabela IV – Localização das imagens no lado do Evangelho da Igreja de S. Tiago de Silvalde

	1º Retábulo	2º Retábulo	Alminha ou Nicho	3º Retábulo
Esquerda	Santa Teresa de Lisieux	Nª Sr.ª da Boa Nova		
Centro	Nª Sr.ª do Rosário	Santo António	S. Judas Tadeu	S. José
Direita	Nª Sr.ª das Dores	S. Sebastião		

Tabela V

<u>Capela-mor</u>	
Lado Evangelho	Lado Epístola
S. Tiago de Silvalde	S. Francisco de Assis

Tabela VI

Tabelas V e VI – Localização das imagens no lado da Epístola e na capela-mor da Igreja de S. Tiago de Silvalde

	1º Retábulo	2º Retábulo	3º Retábulo
Esquerda		Santa Maria Goretti	
Centro	Nª Sr.ª de Lourdes e Bernadette Soubirous	Sagrado Coração de Jesus	Cristo Crucificado (Senhor da Agonia)
Direita		S. Luís Gonzaga	

Tabela VII

	1º Retábulo	2º Retábulo	3º Retábulo
Esquerda		Santa Inês	
Centro	S. José	Sagrado Coração de Maria	Nª Sr.ª de Fátima
Direita		S. Sebastião	

Tabela VIII

<u>Capela-mor</u>	
Lado Evangelho	Lado Epístola
Santo Tirso	Santo António

Tabela IX

Tabelas VII, VIII e IX – Localização das imagens nos lados do Evangelho e da Epístola e na capela-mor da Igreja de Santo Tirso de Paramos

	<i>Plinto</i>	<i>1º Retábulo</i>	<i>2º Retábulo</i>
<i>Esquerda</i>		S. Sebastião	Santa Lúzia
<i>Centro</i>	Santa Teresa de Lisieux	S. José	Nª Sr.ª da Guia
<i>Direita</i>		Santo António	Nª Sr.ª de Lourdes

Tabela X

	<i>Plinto</i>	<i>1º Retábulo</i>	<i>2º Retábulo</i>
<i>Esquerda</i>		Santa Rita de Cássia	S. Judas Tadeu
<i>Centro</i>	Nª Sr.ª de Fátima	Cristo Crucificado e S. Cosme e Damião	Sagrado Coração de Jesus
<i>Direita</i>		S. Vicente Ferrer	S. Brás

Tabela XI

<u>Capela-mor</u>	
<i>Lado Evangelho</i>	<i>Lado Epístola</i>
Santo Estêvão	S. Cristóvão

Tabela XII

Tabelas X, XI e XII – Localização das imagens nos lados do Evangelho e da Epístola e na capela-mor da Igreja de Santo Estêvão de Guetim

3. Inventários das Imagens das Igrejas

Igreja Matriz de Espinho



Paróquia: Paróquia de Espinho. Nossa Senhora da Ajuda

Concelho: Espinho

Colocação: 1º Retábulo do lado do Evangelho, ao centro

Designação: Santa Teresa de Lisieux

Data / Século: 1935

Autor: Oficinas Maias

Proveniência: Família Estima

Matéria: ***

Dimensões: 201 x 92,1 x 84,7

Estado de Conservação: Bom

Atributos: crucifixo e molho de rosas

Padroeiro: Carmelitas descalças, Missionários, França, Floristas e Produtores de flores

Protecção: Fogo do purgatório

Invocação: ***

Bibliografia: DAIX, Georges – *Dicionário dos Santos. Do calendário romano e dos beatos portugueses*. Lisboa: Terramar, 2000; HALLAM, Elizabeth – *Os Santos*. Lisboa: Centralvros, 1998; RÉAU, Louis – *Iconografía del Arte Cristiano. Iconografía de los Santos, P-Z / Repertórios*. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1997, nº 8, Tomo II / vol. 5; VV. AA. – *Dicionário Cultural do Cristianismo*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1999.



Paróquia: Paróquia de Espinho. Nossa Senhora da Ajuda

Concelho: Espinho

Colocação: 2º Retábulo do lado do Evangelho, ao centro

Designação: Senhor dos Passos

Data / Século: ***

Autor: ***

Proveniência: ***

Matéria: ***

Dimensões: 150 x 104 x 137

Estado de Conservação: Bom

Atributos: coroa de espinhos e cruz

Padroeiro: ***

Protecção: ***

Invocação: ***

Bibliografia: *BÍBLIA Sagrada. Para o Terceiro Milénio da Encarnação*. Lisboa /Fátima: Difusora Bíblica, 2003; RÉAU, Louis – *Iconografía del Arte Cristiano. Iconografía de la Bíblia/Nuevo Testamento*. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1995, nº 5, Tomo I/vol. 2; VORAGINE, Tiago – *Legenda Áurea*. Porto: Livraria Civilização Editora, 2004, Tomo I; VV. AA. – *Dicionário Cultural do Cristianismo*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1999; VV. AA. – *Evangelhos Apócrifos*. Lisboa: Editorial Estampa, 1991.



Paróquia: Paróquia de Espinho. Nossa Senhora da Ajuda

Concelho: Espinho

Colocação: 3º Retábulo do lado do Evangelho, ao centro

Designação: Nossa Senhora da Ajuda

Data / Século: 1917

Autor: ***

Proveniência: ***

Matéria: ***

Dimensões: 210 x 86 x 70

Estado de Conservação: Bom

Atributos: Barco, âncora e naufrago

Padroeiro: Freguesia de Espinho

Protecção: Profissões ligadas ao mar

Invocação: ***

Bibliografia: CARVALHEIRA, P.^e José do Vale – *Nossa Senhora na História e Devoção do Povo Português*. Porto: Edições Salesianas, 1998; COUTINHO, B. Xavier – *Nossa Senhora na Arte. Alguns Problemas Iconográficos e uma Exposição Marial*. Porto: Livraria Tavares Martins, 1959; LIMA, J.A Pires de; LIMA, F.C Pires de – *Nossa Senhora em Portugal*. Porto: Edições Domingos Barreira, [1930/1950?]; PEREIRA, Álvaro – *Espinho. Monografia*. Espinho: Edição do autor, 1970; QUINTA, João – *Espinho*. Espinho: Engrenagem, 1999; ZANON, Darlei – *Devoções a Nossa Senhora. Histórias e Orações a 325 Títulos Marianos*. Lisboa: Paulus Editora, 2009.



Paróquia: Paróquia de Espinho. Nossa Senhora da Ajuda

Concelho: Espinho

Colocação: Retábulo do transepto do lado do Evangelho, ao centro

Designação: Sagrado Coração de Jesus

Data / Século: 1906

Autor: Fernandes Caldas

Proveniência: ***

Matéria: ***

Dimensões: 197 x 73 x 28,5

Estado de Conservação: Bom

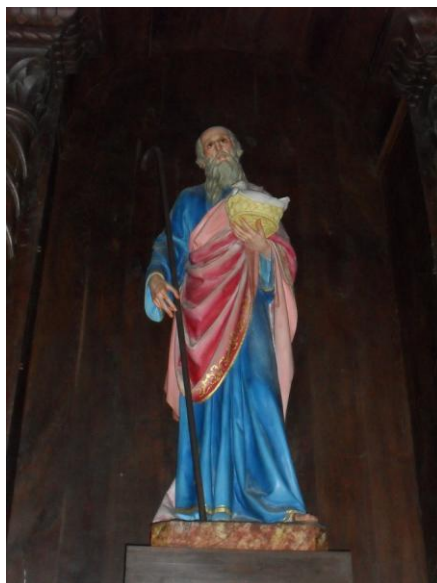
Atributos: Nimbo raiado, chagas nas mãos e coração raiado e inflamado rodeado por espinhos

Padroeiro: Jesuítas

Protecção: ***

Invocação: ***

Bibliografia: *BÍBLIA Sagrada. Para o Terceiro Milénio da Encarnação*. Lisboa /Fátima: Difusora Bíblica, 2003; RÉAU, Louis – *Iconografía del Arte Cristiano. Iconografía de los santos, P-Z/ Repertórios*. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1997, nº 8, Tomo II/ vol. 5; RÉAU, Louis – *Iconografía del Arte Cristiano. Iconografía de la Biblia / Nuevo Testamento*. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1996, nº 5, Tomo I / vol. 2; VV. AA. – *Dicionário Cultural do Cristianismo*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1999.



Paróquia: Paróquia de Espinho. Nossa Senhora da Ajuda

Concelho: Espinho

Colocação: 1º Retábulo do lado da Epístola, ao centro

Designação: S. Joaquim

Data / Século: 1945

Autor: Oficinas Irmãos Maias

Proveniência: ***

Matéria: ***

Dimensões: 172 x 56 x 38,5

Estado de Conservação: Bom

Atributos: Cajado e cesto com duas pombas

Padroeiro: ***

Protecção: ***

Invocação: ***

Bibliografia: DAIX, Georges – *Dicionário dos Santos. Do calendário romano e dos beatos portugueses*. Lisboa: Terramar, 2000; RÉAU, Louis – *Iconografía del Arte Cristiano. Iconografía de los Santos, G-O*. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1997, nº 7, Tomo II/vol. 4; ROSÁRIO, Diogo do – *Flos Sanctorum ou História das vidas de Christo e sua Santíssima Mãe*. Lisboa: Typographia Universal de Thomaz Quintino Antunes, 1870, Tomo IV, vol. VIII; VV. AA – *Dicionário Cultural do Cristianismo*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1999; VV. AA. – *Evangelhos Apócrifos*. Lisboa: Editorial Estampa, 1991.



Paróquia: Paróquia de Espinho. Nossa Senhora da Ajuda

Concelho: Espinho

Colocação: 2º Retábulo do lado da Epístola, ao centro

Designação: Cristo Crucificado

Data / Século: XX

Autor: Teixeira Lopes

Proveniência: ***

Matéria: ***

Dimensões: 288 x 156,5 x 37

Estado de Conservação: Bom

Atributos: Cruz, périzonium e letreiro

Padroeiro: ***

Protecção: ***

Invocação: ***

Bibliografia: *BÍBLIA Sagrada. Para o Terceiro Milénio da Encarnação*. Lisboa /Fátima: Difusora Bíblica, 2003; RÉAU, Louis – *Iconografía del Arte Cristiano. Iconografía de la Biblia/Nuevo Testamento*. Barcelona: Ediciones del Serbal, nº 5, Tomo I/vol. 2; VORAGINE, Tiago – *Legenda Áurea*. Porto: Livraria Civilização Editora, 2004, Tomo I; VV. AA. – *Dicionário Cultural do Cristianismo*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1999; VV. AA. – *Evangelhos Apócrifos*. Lisboa: Editorial Estampa, 1991.



Paróquia: Paróquia de Espinho. Nossa Senhora da Ajuda

Concelho: Espinho

Colocação: 3º Retábulo do lado da Epístola, ao centro

Designação: Nossa Senhora do Rosário de Fátima

Data / Século: XX

Autor: ***

Proveniência: Dona Angelina da Assumpção (oferta a 13 de Janeiro de 1935)

Matéria: ***

Dimensões: 221 x 94 x 56

Estado de Conservação: Bom

Atributos: Nimbo estrelado, rosário, nuvem e azinheira

Padroeiro: Peregrinos e da cidade de Fátima (Leiria)

Protecção: ***

Invocação: ***

Bibliografia: CARVALHEIRA, P.º José do Vale – *Nossa Senhora na História e Devoção do Povo Português*. Porto: Edições Salesianas, 1998; COUTINHO, B. Xavier – *Nossa Senhora na Arte. Alguns problemas iconográficos e uma exposição Marial*. Porto: Livraria Tavares Martins, 1959; LIMA, J. C Pires de; LIMA, F.C Pires de – *Nossa Senhora em Portugal*. Porto: Edições Domingos Barreira, [1930-1950?]; TORRAL, Luis Filipe – *As “aparições de Fátima”. Imagens e Representações*. Lisboa: Temas e Debates, 2002.



Paróquia: Paróquia de Espinho. Nossa Senhora da Ajuda

Concelho: Espinho

Colocação: Retábulo do transepto do lado da Epístola, ao centro.

Designação: Sagrado Coração de Maria

Data / Século: ***

Autor: ***

Proveniência: ***

Matéria: ***

Dimensões: 180 x 70 x 28,5

Estado de Conservação: Bom

Atributos: Nimbo estrelado, coração radiado e flamejante, serpente e globo

Padroeiro: ***

Protecção: ***

Invocação: ***

Bibliografia: FERMIN, Maria, O.F.M – *O Coração da Mãe*. Coimbra: Coimbra Editora, 1960; ZANON, Darlei – *Devoções a Nossa Senhora. Histórias e orações a 325 títulos marianos*. Lisboa: Paulus Editora, 2009.



Paróquia: Paróquia de Espinho. Nossa Senhora da Ajuda

Concelho: Espinho

Colocação: 1º Retábulo do lado do Evangelho, à esquerda

Designação: Santo Expedito

Data / Século: ***

Autor: Oficinas Irmãos Maias

Proveniência: ***

Matéria: ***

Dimensões: 66 x 30,5 x 15

Estado de Conservação: Razoável

Atributos: Cruz e corvo

Padroeiro: Escolares, maus escolares (desastres de curso)

Protecção: Casos urgentes

Invocação: Ganhar processos

Bibliografia: DAIX, Georges – *Dicionário dos Santos. Do calendário romano e dos beatos portugueses*. Lisboa: Terramar, 2000; HALLAM, Elizabeth – *Os Santos*. Lisboa: Centralivros, 1998; RÉAU, Louis – *Iconografía del Arte Cristiano. Iconografía de los Santos, A-F*. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1997, nº 6, Tomo II/vol. 3.



Paróquia: Paróquia de Espinho. Nossa Senhora da Ajuda

Concelho: Espinho

Colocação: 1º Retábulo do lado do Evangelho, à direita

Designação: S. Judas Tadeu

Data / Século: ***

Autor: ***

Proveniência: ***

Matéria: ***

Dimensões: 60 x 20,5 x 14

Estado de Conservação: Bom

Atributos: Maça e medalhão

Padroeiro: Reclusos

Protecção: Casos desesperados

Invocação: Advogado das causas desesperadas

Bibliografia: DAIX, Georges – *Dicionário dos Santos. Do calendário romano e dos beatos portugueses*. Lisboa: Terramar, 2000; HALLAM, Elizabeth – *Os Santos*. Lisboa: Centralivros, 1998; RÉAU, Louis – *Iconografía del Arte Cristiano. Iconografía de los Santos, G-O*. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1997, nº 7, Tomo II/vol. 4; ROSÁRIO, Diogo do – *Flos Sanctorum ou História das vidas de Christo e sua Santíssima Mãe*. Lisboa: Typographia Universal de Thomaz Quintino Antunes, 1869, Tomo V, vol. X.



Paróquia: Paróquia de Espinho. Nossa Senhora da Ajuda

Concelho: Espinho

Colocação: 3º Retábulo do lado do Evangelho, à esquerda

Designação: Menino Jesus

Data / Século: ***

Autor: ***

Proveniência: ***

Matéria: ***

Dimensões: 55 x 16 x 14,5

Estado de Conservação: Razoável

Atributos: Cruz processional

Padroeiro: ***

Protecção: ***

Invocação: ***

Bibliografia: *BÍBLIA Sagrada. Para o Terceiro Milénio da Encarnação*. Lisboa /Fátima: Difusora Bíblica, 2003; RÉAU, Louis – *Iconografía del Arte Cristiano. Iconografía de la Bíblia/Nuevo Testamento*. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1996, nº 5, Tomo I/vol. 2; VV. AA. – *Evangelhos Apócrifos*. Lisboa: Editorial Estampa, 1991.



Paróquia: Paróquia de Espinho. Nossa Senhora da Ajuda

Concelho: Espinho

Colocação: 3º Retábulo do lado do Evangelho, à direita

Designação: Nossa Senhora do Perpétuo Socorro

Data / Século: ***

Autor: ***

Proveniência: ***

Matéria: ***

Dimensões: 94,5 x 51 x 20

Estado de Conservação: Bom

Atributos: Auréola, dois anjos a ladearem-na e Menino Jesus Rei

Padroeiro: ***

Protecção: ***

Invocação: ***

Bibliografia: CARVALHEIRA, P.^e José do Vale – *Nossa Senhora na História e Devoção do Povo Português*. Porto: Edições Salesianas, 1998; COUTINHO, B. Xavier – *Nossa Senhora na Arte. Alguns problemas iconográficos e uma exposição Marial*. Porto: Livraria Tavares Martins, 1999; LIMA, J. C Pires de; LIMA, F. C Pires de – *Nossa Senhora em Portugal*. Porto: Edições Domingos Barreira, [1930-1950?]; RÉAU,

Louis – *Iconografía del Arte Cristiano. Iconografía de la Biblia/Nuevo Testamento*. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1996, nº 5, Tomo I/vol.2; ZANON, Darlei – *Devoções a Nossa Senhora. Histórias e orações a 325 títulos marianos*. Lisboa: Paulus Editora, 2009.



Paróquia: Paróquia de Espinho. Nossa Senhora da Ajuda

Concelho: Espinho

Colocação: Retábulo do transepto do lado do Evangelho, à esquerda

Designação: S. Sebastião

Data / Século: ***

Autor: ***

Proveniência: ***

Matéria: ***

Dimensões: 60,5 x 17,7 x 15,5

Estado de Conservação: Razoável

Atributos: Tronco de árvore, *périzonium*, flechas

Padroeiro: Fabricantes de agulha; Arqueiros; Vendedores de Ferro; Pessoas que têm peste e homossexuais

Protecção: Peste

Invocação: Contra a peste

Bibliografia: DAIX, Georges – *Dicionário dos Santos. Do calendário romano e dos beatos portugueses*. Lisboa: Terramar, 2000; HALLAM, Elizabeth – *Os Santos*. Lisboa: Centralivos, 1998; RÉAU, Louis – *Iconografía del Arte Cristiano. Iconografía de los Santos, P-Z/Repertórios*. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1997, nº 8, Tomo II/vol. 5; ROSÁRIO, Diogo do – *Flos Sanctorum ou História das vidas de Christo e sua Santíssima Mãe*. Lisboa: Typographia Universal de Thomaz Quintino Antunes, 1869, Tomo I, vol. I; VORÁGINE, Santiago – *La Leyenda dorada*. Madrid: Alianza Editorial, 2004.



Paróquia: Paróquia de Espinho. Nossa Senhora da Ajuda

Concelho: Espinho

Colocação: Retábulo do transepto do lado do Evangelho, à direita

Designação: Santa Cecília de Roma

Data / Século: ***

Autor: ***

Proveniência: ***

Matéria: ***

Dimensões: 76 x 26 x 18

Estado de Conservação: Bom

Atributos: Coroa de rosas, açucenas, lira, palma do martírio

Padroeiro: Música Sacra; Música; Cantores; Fabricantes de órgãos e instrumentos de cordas; Poetas cristãos

Protecção: ***

Invocação: ***

Bibliografia: DAIX, Georges – *Dicionário dos Santos. Do calendário romano e dos beatos portugueses*. Lisboa: Terramar, 2000; HALLAM, Elizabeth – *Os Santos*. Lisboa: Centralivos, 1998; RÉAU, Louis – *Iconografía del Arte Cristiano. Iconografía de los Santos, A-F*. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1997, nº 6, Tomo II/vol. 3; ROSÁRIO, Diogo do – *Flos Sanctorum ou História das vidas de Christo e sua Santíssima Mãe*. Lisboa: Typographia Universal de Thomaz Quintino Antunes, 1869, Tomo VI, vol. XI.



Paróquia: Paróquia de Espinho. Nossa Senhora da Ajuda

Concelho: Espinho

Colocação: 1º Retábulo do lado da Epístola, à esquerda

Designação: Santa Rita de Cássia

Data / Século: ***

Autor: ***

Proveniência: ***

Matéria: ***

Dimensões: 40 x 16 x 8

Estado de Conservação: Bom

Atributos: Hábito, crucifixo, três “coroas”, a palma do martírio, a rosa e o espinho.

Padroeiro: Agustinas; Casos desesperados; Assassinos

Protecção: Infertilidade; Feridas na fronte e varicela; Casos desesperados

Invocação: Casos desesperados e Paternidade

Bibliografia: DAIX, Georges – *Dicionário dos Santos. Do calendário romano e dos beatos portugueses*. Lisboa: Terramar, 2000; HALLAM, Elizabeth – *Os Santos*. Lisboa: Centralivros, 1998; RÉAU, Louis – *Iconografía del Arte Cristiano. Iconografía de los Santos, P-Z/Repertórios*. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1997, nº 8, Tomo II/vol. 5; ROSÁRIO, Diogo do – *Flos Sanctorum ou História das vidas de Christo e sua Santíssima Mãe*. Lisboa: Typographia Universal de Thomaz Quintino Antunes, 1870, Tomo III, vol. V; VV. AA. – *Dicionário Cultural do Cristianismo*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1999.



Paróquia: Paróquia de Espinho. Nossa Senhora da Ajuda

Concelho: Espinho

Colocação: 1º Retábulo do lado da Epístola, à direita

Designação: S. Luís Gonzaga

Data / Século: ***

Autor: ***

Proveniência: ***

Matéria: ***

Dimensões: 65,5 x 16,5 x 12

Estado de Conservação: Bom

Atributos: Hábito de noviço jesuíta, livro, crucifixo e açucenas

Padroeiro: Jesuítas; Cidade de Mântua; Juventude estudiosa (estudantes cristãos)

Protecção: Luxúria; Doenças pulmonares

Invocação: ***

Bibliografia: DAIX. Georges – *Dicionário dos Santos. Do calendário romano e dos beatos portugueses*. Lisboa: Terramar, 2000; HALLAM, Elizabeth – *Os Santos*. Lisboa: Centralivros, 1998; RÉAU, Louis – *Iconografía del Arte Cristiano. Iconografía de los Santos, G-O*. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1997, nº 7, Tomo II/vol. 4; ROSÁRIO, Diogo do – *Flos Sanctorum ou História das vidas de Christo e sua Santíssima Mãe*. Lisboa: Typographia Universal de Thomaz Quintino Antunes, 1870, Tomo III, vol. VI.



Paróquia: Paróquia de Espinho. Nossa Senhora da Ajuda

Concelho: Espinho

Colocação: 2º Retábulo do lado da Epístola, à esquerda

Designação: S. João Baptista

Data / Século: ***

Autor: ***

Proveniência: ***

Matéria: ***

Dimensões: 67 x 30 x 21

Estado de Conservação: Razoável

Atributos: Vestes de peles de cordeiro, cordeiro branco e estandarte

Padroeiro: Carmelitas; Baptismo; Vida monástica; Cavaleiros da Ordem de Malta; Cantores sacros; Cordeiros; Fabricantes de cinturões; Condenados à morte; Hoteleiros; Presos; Comerciantes de vinho; Cardadores de lã; Fabricantes de facas

Protecção: Dores de cabeça; Elepsia; Dores de garganta; Pombas mensageiras; Condenação à morte; Cativoiro

Invocação: ***

Bibliografia: *BÍBLIA Sagrada. Para o Terceiro Milénio da Encarnação*. Lisboa /Fátima: Difusora Bíblica, 2003; HALLAM, Elizabeth – *Os Santos*. Lisboa: Centralivros, 1998; RÉAU, Louis – *Iconografía del Arte Cristiano. Iconografía de la Biblia/Antiguo Testamento*. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1995, nº 4, Tomo I/vol. 1; RÉAU, Luois – *Iconografía del Arte Cristiano. Iconografía de los santos, P-Z/*

Repertórios. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1997, nº 8, Tomo II/ vol. 5; ROSÁRIO, Diogo do – *Flos Sanctorum ou História das vidas de Christo e sua Santíssima Mãe*. Lisboa: Typographia Universal de Thomaz Quintino Antunes, 1870, Tomo III, vol. VI; VORAGINE, Tiago – *Legenda Áurea*. Porto: Livraria Civilização Editora, 2004, Tomo I; WENDY, Irmã – *Livro dos Santos*. Lisboa: Livraria Civilização Editora, 1999.



Paróquia: Paróquia de Espinho. Nossa Senhora da Ajuda

Concelho: Espinho

Colocação: 2º Retábulo do lado da Epístola, à direita

Designação: S. Tiago Maior

Data / Século: ***

Autor: ***

Proveniência: ***

Matéria: ***

Dimensões: 85,5 x 25 x 18,5

Estado de Conservação: Bom

Atributos: Chapéu, vieiras e cabaça

Padroeiro: Freguesia de Silvalde; Fabricantes de calçado; Cruzadas; Drogarias; Montanhistas; Guarda-sóis; Viajantes

Protecção: Reumatismo; Enforcamento; Agonia

Invocação: ***

Bibliografia: DAIX, Georges – *Dicionário dos Santos. Do calendário romano e dos beatos portugueses*. Lisboa: Terramar, 2000; FAUSTINO, Artur – *Silvalde. Paróquia e Freguesia Milenária*. Silvalde: Junta de Freguesia, 1994, vol. I; HALLAM, Elizabeth – *Os Santos*. Lisboa: Centralivros, 1998; RÉAU, Louis – *Iconografia del Arte Cristiano*.

Iconografía de los Santos, P-Z/Repertórios. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1997, nº 8, Tomo II/vol. 5; ROSÁRIO, Diogo do – *Flos Sanctorum ou História das vidas de Christo e sua Santíssima Mãe*. Lisboa: Typographia Universal de Thomaz Quintino Antunes, 1869, Tomo IV, vol. VII; VV. AA. – *Dicionário Cultural do Cristianismo*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1999.



Paróquia: Paróquia de Espinho. Nossa Senhora da Ajuda

Concelho: Espinho

Colocação: 3º Retábulo no lado da Epístola, à esquerda

Designação: Santa Ana

Data / Século: ***

Autor: ***

Proveniência: ***

Matéria: ***

Dimensões: 89 x 39 x 26

Estado de Conservação: Bom

Atributos: Virgem Maria e o pergaminho

Padroeiro: Carmelitas; Carpinteiros; Herbários; Torneiros; Mineiros; Fabricantes de escovas; Costureiras; Costureiras de roupa branca e encarnada; Mães de famílias cristãs; Marinheiros

Protecção: Varicela; Perda de objectos desaparecidos; Morte dolorosa; Gravidez; Dores de parto; Agonia

Invocação: Pelas pessoas que desejam uma morte santa

Bibliografia: DAIX, Georges – *Dicionário dos Santos. Do calendário romano e dos beatos portugueses*. Lisboa: Terramar, 2000; HALLAM, Elizabeth – *Os Santos*. Lisboa:

Centralivros, 1998; RÉAU, Louis – *Iconografía del Arte Cristiano. Iconografía de la Biblia/Nuevo Testamento*. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1996, nº 5, Tomo I/vol. 2; ROSÁRIO, Diogo do – *Flos Sanctorum ou História das vidas de Christo e sua Santíssima Mãe*. Lisboa: Typographia Universal de Thomaz Quintino Antunes, 1869, Tomo IV, vol. VII; VV. AA. – *Dicionário Cultural do Cristianismo*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1999; VV. AA. – *Evangelhos Apócrifos*. Lisboa: Editorial Estampa, 1991.



Paróquia: Paróquia de Espinho. Nossa Senhora da Ajuda

Concelho: Espinho

Colocação: 3º Retábulo do lado da Epístola, à direita

Designação: Santo António de Lisboa

Data / Século: ***

Autor: ***

Proveniência: ***

Matéria: ***

Dimensões: 50,5 x 21 x 13

Estado de Conservação: Bom

Atributos: Menino Jesus, livro e crucifixo

Padroeiro: Franciscanos; Fabricantes de porcelana; Vendedores de morangos; Reclusos; Marinha

Protecção: Perda de objectos roubados e perda de objectos desaparecidos

Invocação: Recuperar objectos perdidos; Salvamento de naufragos e libertação dos pioneiros

Bibliografia: DAIX, Georges – *Dicionário dos Santos. Do calendário romano e dos beatos portugueses*. Lisboa: Terramar, 2000; HALLAM, Elizabeth – *Os Santos*. Lisboa: Centralivros, 1998; RÉAU, Louis – *Iconografía del Arte Cristiano. Iconografía de los Santos, A-F*. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1997, nº 6, Tomo II/vol. 3; ROSÁRIO, Diogo do – *Flos Sanctorum ou História das vidas de Christo e sua Santíssima Mãe*. Lisboa: Typographia Universal de Thomaz Quintino Antunes, 1870, Tomo III, vol. VI.



Paróquia: Paróquia de Espinho. Nossa Senhora da Ajuda

Concelho: Espinho

Colocação: Retábulo do transepto do lado da Epístola, à esquerda

Designação: Nossa Senhora da Conceição

Data / Século: ***

Autor: ***

Proveniência: ***

Matéria: ***

Dimensões: 96 x 37,5 x 22

Estado de Conservação: Bom

Atributos: Quarto crescente, serpente e globo

Padroeiro: Portugal e Cidade do Porto

Protecção: ***

Invocação: ***

Bibliografia: *BÍBLIA Sagrada. Para o Terceiro Milénio da Encarnação*. Lisboa /Fátima: Difusora Bíblica, 2003; CARVALHEIRA, P.^e José do Vale – *Nossa Senhora na História e Devoção do Povo Português*. Porto: Edições Salesianas, 1998; COUTINHO, B. Xavier – *Nossa Senhora na Arte. Alguns problemas iconográficos e uma exposição Marial*. Porto: Livraria Tavares Martins, 1959; LIMA, J.A Pires de;

LIMA, F.C Pires de – *Nossa Senhora em Portugal*. Porto: Edições Domingos Barreira, [1930/1950?]; RÉAU, Louis – *Iconografía del Arte Cristiano. Iconografía de la Bíblia/Nuevo Testamento*. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1996, nº 5, Tomo I/vol. 2; ROSÁRIO, Diogo do – *Flos Sanctorum ou História das vidas de Christo e sua Santíssima Mãe*. Lisboa: Typographia Universal de Thomaz Quintino Antunes, 1870, Tomo VI, vol. XII; VV. AA. – *Dicionário Cultural do Cristianismo*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1999; ZANON, Darlei – *Devoções a Nossa Senhora. Histórias e orações a 325 títulos marianos*. Lisboa: Paulus Editora, 2009.



Paróquia: Paróquia de Espinho. Nossa Senhora da Ajuda

Concelho: Espinho

Colocação: Retábulo do transepto do lado da Epístola, à direita

Designação: S. José

Data / Século: ***

Autor: ***

Proveniência: ***

Matéria: ***

Dimensões: 107,5 x 31 x 20,5

Estado de Conservação: Bom

Atributos: Menino Jesus e nimbo raiado

Padroeiro: Carmelitas descalças (por causa da devoção por parte de Santa Teresa de Ávila); Carpinteiros; Maridos e enganados; Pais de família; Tesoureiros; Engenheiros; Obreiros; Sem tecto

Protecção: Exílio; Luxúria; Morte dolorosa; Medo da morte; Dificuldades de alojamento; Agonia

Invocação: Pelos que estão em dúvida, pelos que desejam uma morte santa e pelos que têm dificuldades de alojamento

Bibliografia: *BÍBLIA Sagrada. Para o Terceiro Milénio da Encarnação*. Lisboa /Fátima: Difusora Bíblica, 2003; HALLAM, Elizabeth – *Os Santos*. Lisboa: Centralivros, 1998; RÉAU, Luois – *Iconografia del Arte Cristiano. Iconografia de los santos, G-O*. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1997, nº 7, Tomo II/ vol. 4; ROSÁRIO,

Diogo do – *Flos Sanctorum ou História das vidas de Christo e sua Santíssima Mãe*. Lisboa: Typographia Universal de Thomaz Quintino Antunes, 1869, Tomo II, vol. III; VV. AA. – *Dicionário Cultural do Cristianismo*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1999; VV. AA. – *Evangelhos Apócrifos*. Lisboa: Editorial Estampa, 1991.

Igreja de S. Martinho de Anta



Paróquia: Paróquia de S. Martinho de Anta

Concelho: Espinho

Colocação: À entrada da nave no lado esquerdo

Designação: Nossa Senhora Rainha dos Anjos

Data / Século: ***

Autor: ***

Proveniência: ***

Matéria: Mármore

Dimensões: 170 x 81 x 44

Estado de Conservação: Bom

Atributos: Coroa, ceptro, livro e anjos

Padroeiro: ***

Protecção: ***

Invocação: ***

Bibliografia: CARVALHEIRA, P.^e José do Vale – *Nossa Senhora na História e Devoção do Povo Português*. Porto: Edições Salesianas, 1998; COUTINHO, B. Xavier – *Nossa Senhora na Arte. Alguns problemas iconográficos e uma expressão Marial*. Porto: Livraria Tavares Martins, 1959; LIMA, J. C Pires de; LIMA, F. C Pires de - *Nossa Senhora em Portugal*. Porto: Edições Domingos Barreira, [1930-1950?]; ZANON, Darlei – *Devoções a Nossa Senhora. Histórias e orações a 325 títulos marianos*. Lisboa: Paulus Editora, 2009.



Paróquia: Paróquia de S. Martinho de Anta

Concelho: Espinho

Colocação: Altar, lado do Evangelho

Designação: Sagrado Coração de Jesus

Data / Século: ***

Autor: ***

Proveniência: ***

Matéria: Madeira

Dimensões: 147 x 47 x 27,5

Estado de Conservação: Bom

Atributos: Nimbo raiado e coração raiado e inflamado rodeado por espinhos

Padroeiro: Jesuítas

Protecção: ***

Invocação: ***

Bibliografia: *BÍBLIA Sagrada. Para o Terceiro Milénio da Encarnação*. Lisboa /Fátima: Difusora Bíblica, 2003; RÉAU, Louis – *Iconografía del Arte Cristiano. Iconografía de los santos, P-Z/ Repertórios*. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1997, nº 8, Tomo II/ vol. 5; RÉAU, Louis – *Iconografía del Arte Cristiano. Iconografía de la Bíblia / Nuevo Testamento*. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1996, nº 5, Tomo I / vol. 2; VV. AA. – *Dicionário Cultural do Cristianismo*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1999.



Paróquia: Paróquia de S. Martinho de Anta

Concelho: Espinho

Colocação: Altar, lado da Epístola

Designação: Nossa Senhora

Data / Século: ***

Autor: ***

Proveniência: ***

Matéria: Madeira

Dimensões: 127 x 45 x 35,5

Estado de Conservação: Razoável

Atributos: Menino Jesus e rosário

Padroeiro: Carmelitas; Fabricantes de agulhas; Ceramistas; Marinheiros; Pescadores; Vendedores de rosários

Protecção: Parteiras

Invocação: ***

Bibliografia: *BÍBLIA Sagrada. Para o Terceiro Milénio da Encarnação*. Lisboa /Fátima: Difusora Bíblica, 2003; CARVALHEIRA, P.^e José do Vale – *Nossa Senhora na História e Devoção do Povo Português*. Porto: Edições Salesianas, 1998; COUTINHO, B. Xavier – *Nossa Senhora na Arte. Alguns problemas iconográficos e*

uma exposição Marial. Porto: Livraria Tavares Martins, 1999; LIMA, J. C Pires de; LIMA, F. C Pires de – *Nossa Senhora em Portugal*. Porto: Edições Domingos Barreira, [1930-1950?]; RÉAU, Louis – *Iconografía del Arte Cristiano. Iconografía de la Biblia/Nuevo Testamento*. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1996, nº 5, Tomo I/vol.2; ROSÁRIO, Diogo do – *Flos Sanctorum ou História das vidas de Christo e sua Santíssima Mãe*. Lisboa: Typographia Universal de Thomaz Quintino Antunes, 1869, Tomo I, vol. I; ZANON, Darlei – *Devoções a Nossa Senhora. Histórias e orações a 325 títulos marianos*. Lisboa: Paulus Editora, 2009.



Paróquia: Paróquia de S. Martinho de Anta

Concelho: Espinho

Colocação: Capela-mor, Retábulo do lado do Evangelho

Designação: Santa Teresa de Lisieux

Data / Século: ***

Autor: ***

Proveniência: ***

Matéria: Madeira

Dimensões: 130 x 48,5 x 32

Estado de Conservação: Bom

Atributos: Crucifixo, molho de rosas e nimbo de rosas

Padroeiro: Carmelitas descalças; Missionários; França; Floristas; Produtores de flores

Protecção: Fogo do purgatório

Invocação: ***

Bibliografia: DAIX, Georges – *Dicionário dos Santos. Do calendário romano e dos beatos portugueses*. Lisboa: Terramar, 2000; HALLAM, Elizabeth – *Os Santos*. Lisboa: Centralivros, 1998; RÉAU, Louis – *Iconografía del Arte Cristiano. Iconografía de los Santos, P-Z / Repertórios*. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1997, nº 8, Tomo II / vol. 5; VV. AA. – *Dicionário Cultural do Cristianismo*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1999.



Paróquia: Paróquia de S. Martinho de Anta

Concelho: Espinho

Colocação: Capela-mor, Retábulo do lado da Epístola

Designação: S. Francisco de Assis

Data / Século: ***

Autor: ***

Proveniência: ***

Matéria: Madeira

Dimensões: 168 x 50 x 35,1

Estado de Conservação: Bom

Atributos: Crucifixo, nimbo raiado e livro

Padroeiro: Franciscanos

Protecção: ***

Invocação: ***

Bibliografia: DAIX, Georges – *Dicionário dos Santos. Do calendário romano e dos beatos portugueses*. Lisboa: Terramar, 2000; HALLAM, Elizabeth – *Os Santos*. Lisboa: Centralivros, 1998; RÉAU, Louis – *Iconografía del Arte Cristiano. Iconografía de los Santos, A-F*. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1997, nº 6, Tomo II/vol. 3; ROSÁRIO, Diogo do – *Flos Sanctorum ou História das vidas de Christo e sua Santíssima Mãe*. Lisboa: Typographia Universal de Thomaz Quintino Antunes, 1869, Tomo V, vol. X; VORÁGINE, Santiago – *La Leyenda dorada*. Madrid: Alianza Editorial, 2004; VV. AA. – *Dicionário Cultural do Cristianismo*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1999.



Paróquia: Paróquia de S. Martinho de Anta

Concelho: Espinho

Colocação: Retábulo-mor, à esquerda

Designação: Santa Lúzia

Data / Século: ***

Autor: ***

Proveniência: ***

Matéria: Madeira

Dimensões: 40 x 21,6 x 13

Estado de Conservação: Razoável

Atributos: Palma do martírio e taça com dois olhos

Padroeiro: Electricistas; Lavradores; Oftalmologistas

Protecção: Doenças de olhos; Dores de garganta; Cegueira

Invocação: Curar as doenças dos olhos, as oftalmias e a cegueira

Bibliografia: DAIX, Georges – *Dicionário dos Santos. Do calendário romano e dos beatos portugueses*. Lisboa: Terramar, 2000; HALLAM, Elizabeth – *Os Santos*. Lisboa: Centralivros, 1998; RÉAU, Louis – *Iconografía del Arte Cristiano. Iconografía de los Santos, G-O*. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1997, nº 7, Tomo II/vol. 4; ROSÁRIO, Diogo do – *Flos Sanctorum ou História das vidas de Christo e sua Santíssima Mãe*.

Lisboa: Typographia Universal de Thomaz Quintino Antunes, 1870, Tomo VI, vol. XII;
VORÁGINE, Santiago – *La Leyenda dorada*. Madrid: Alianza Editorial, 2004; VV.
AA. – *Dicionário Cultural do Cristianismo*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1999;
WENDY, Irmã – *Livro dos Santos*. Lisboa: Livraria Civilização Editora, 1999.



Paróquia: Paróquia de S. Martinho de Anta

Concelho: Espinho

Colocação: Retábulo-mor, à direita

Designação: Santa Inês de Roma

Data / Século: ***

Autor: ***

Proveniência: ***

Matéria: Madeira

Dimensões: 50 x 17,5 x 17,5

Estado de Conservação: Razoável

Atributos: Palma do martírio, tiara e cordeiro

Padroeiro: Trinitários; Virgens romanas; Noivas; Jardineiros

Protecção: ***

Invocação: ***

Bibliografia: DAIX, Georges – *Dicionário dos Santos. Do calendário romano e dos beatos portugueses*. Lisboa: Terramar, 2000; HALLAM, Elizabeth – *Os Santos*. Lisboa: Centralivros, 1998; RÉAU, Louis – *Iconografía del Arte Cristiano. Iconografía de los Santos, G-O*. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1997, nº 7, Tomo II/vol. 4; ROSÁRIO, Diogo do – *Flos Sanctorum ou História das vidas de Christo e sua Santíssima Mãe*. Lisboa: Typographia Universal de Thomaz Quintino Antunes, 1869, Tomo I, vol. I; VORÁGINE, Santiago – *La Leyenda dorada*. Madrid: Alianza Editorial, 2004; VV. AA. – *Dicionário Cultural do Cristianismo*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1999.



Paróquia: Paróquia de S. Martinho de Anta

Concelho: Espinho

Colocação: Retábulo-mor, lado do Evangelho

Designação: S. Martinho de Tours

Data / Século: ***

Autor: ***

Proveniência: ***

Matéria: Madeira

Dimensões: 96 x 41,5 x 25

Estado de Conservação: Bom

Atributos: Mitra, báculo e livro

Padroeiro: Freguesia de Anta; Soldados; Cavalos; Vendedores de panos; Mendigos; Curtidores; Bêbados; Taberneiros; Viajantes a cavalo

Protecção: Mulas; Lebres; Cavalos; Incêndios; Gastroenterite infantil; Cativoiro

Invocação: ***

Bibliografia: DAIX, Georges – *Dicionário dos Santos. Do calendário romano e dos beatos portugueses*. Lisboa: Terramar, 2000; HALLAM, Elizabeth – *Os Santos*. Lisboa: Centralivros, 1998; RÉAU, Louis – *Iconografia del Arte Cristiano. Iconografia de los Santos, G-O*. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1997, nº 7, Tomo II/vol. 4; ROSÁRIO,

Diogo do – *Flos Sanctorum ou História das vidas de Christo e sua Santíssima Mãe*. Lisboa: Typographia Universal de Thomaz Quintino Antunes, 1869, Tomo VI, vol. XI;
VORÁGINE, Santiago – *La Leyenda dorada*. Madrid: Alianza Editorial, 2004; VV.
AA. – *Dicionário Cultural do Cristianismo*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1999;
WENDY, Irmã – *Livro dos Santos*. Lisboa: Livraria Civilização Editora, 1999.



Paróquia: Paróquia de S. Martinho de Anta

Concelho: Espinho

Colocação: Retábulo-mor, lado da Epístola

Designação: S. Miguel Arcanjo

Data / Século: ***

Autor: ***

Proveniência: ***

Matéria: Madeira

Dimensões: 67 (79) x 34 x 18

Estado de Conservação: Razoável

Atributos: Lança, demónio e balança

Padroeiro: Mestres de armas; Armeiros; Fabricantes de balanças; Boticários; Douradores; Duelistas; Esgrimistas; Vendedores de especiarias; Fabricantes de estufa; Pasteleiros

Protecção: Morte súbita sem a extrema-unção

Invocação: ***

Bibliografia: DAIX, Georges – *Dicionário dos Santos. Do calendário romano e dos beatos portugueses*. Lisboa: Terramar, 2000; HALLAM, Elizabeth – *Os Santos*. Lisboa: Centralivros, 1998; RÉAU, Louis – *Iconografia del Arte Cristiano. Iconografia de la*

Bíblia/Antigo Testamento. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1995, nº 4, Tomo I/vol. 1;
ROSÁRIO, Diogo do – *Flos Sanctorum ou História das vidas de Christo e sua Santíssima Mãe*. Lisboa: Typographia Universal de Thomaz Quintino Antunes, 1869, Tomo V, vol. IX; VV. AA. – *Dicionário Cultural do Cristianismo*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1999.

Igreja de S. Tiago de Silvalde



Paróquia: Paróquia de S. Tiago de Silvalde

Concelho: Espinho

Colocação: 1º Retábulo do lado do Evangelho, ao centro

Designação: Nossa Senhora da Soledade

Data / Século: XIX

Autor: ***

Proveniência: ***

Matéria: Madeira

Dimensões: 108 x 60 x 134

Estado de Conservação: Bom

Atributos: ***

Padroeiro: ***

Protecção: ***

Invocação: ***

Bibliografia: CARVALHEIRA, P. ^e José do Vale – *Nossa Senhora na História e Devoção do Povo Português*. Porto: Edições Salesianas, 1998; COUTINHO, B. Xavier – *Nossa Senhora na Arte. Alguns problemas iconográficos e uma exposição Marial*. Porto: Livraria Tavares Martins, 1959; LIMA, J. A Pires de; LIMA, F. C Pires de – *Nossa Senhora em Portugal*. Porto: Edições Domingos Barreira, [1930-1950?]; RÉAU,

Louis – *Iconografía del Arte Cristiano. Iconografía de la Biblia/Nuevo Testamento*. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1996, nº 5, Tomo I/vol. 2; ZANON, Darlei – *Devoções a Nossa Senhora. Histórias e orações a 325 títulos marianos*. Lisboa: Paulus Editora, 2009.



Paróquia: Paróquia de S. Tiago de Silvalde

Concelho: Espinho

Colocação: 1º Retábulo do lado do Evangelho, ao centro

Designação: Senhor dos Passos

Data / Século: XIX

Autor: ***

Proveniência: ***

Matéria: Madeira

Dimensões: 108 x 60 x 108

Estado de Conservação: Bom

Atributos: Cruz e coroa de espinhos

Padroeiro: ***

Protecção: ***

Invocação: ***

Bibliografia: *BÍBLIA Sagrada. Para o Terceiro Milénio da Encarnação*. Lisboa /Fátima: Difusora Bíblica, 2003; RÉAU, Louis – *Iconografía del Arte Cristiano. Iconografía de la Bíblia/Nuevo Testamento*. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1995, nº 5, Tomo I/vol. 2; VORAGINE, Tiago – *Legenda Áurea*. Porto: Livraria Civilização Editora, 2004, Tomo I; VV. AA. – *Dicionário Cultural do Cristianismo*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1999; VV. AA. – *Evangelhos Apócrifos*. Lisboa: Editorial Estampa, 1991.



Paróquia: Paróquia de S. Tiago de Silvalde

Concelho: Espinho

Colocação: 2º Retábulo do lado do Evangelho, ao centro

Designação: Sagrado Coração de Jesus

Data / Século: XX

Autor: ***

Proveniência: ***

Matéria: ***

Dimensões: 160 x 51 x 33,5

Estado de Conservação: Bom

Atributos: Chagas nas mãos e coração raiado e inflamado rodeado por espinhos

Padroeiro: Jesuítas

Protecção: ***

Invocação: ***

Bibliografia: *BÍBLIA Sagrada. Para o Terceiro Milénio da Encarnação*. Lisboa /Fátima: Difusora Bíblica, 2003; RÉAU, Louis – *Iconografía del Arte Cristiano. Iconografía de los santos, P-Z/ Repertórios*. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1997, nº 8, Tomo II/ vol. 5; RÉAU, Louis – *Iconografía del Arte Cristiano. Iconografía de la Biblia / Nuevo Testamento*. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1996, nº 5, Tomo I / vol. 2; VV. AA. – *Dicionário Cultural do Cristianismo*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1999.



Paróquia: Paróquia de S. Tiago de Silvalde

Concelho: Espinho

Colocação: 3º Retábulo do lado do Evangelho

Designação: Nossa Senhora de Fátima

Data / Século: XX

Autor: Guilherme Ferreira Thedim

Proveniência: ***

Matéria: ***

Dimensões: 164 x 76 x 42

Estado de Conservação: Bom

Atributos: Coroa, rosário, estrela, nuvem e azinheira

Padroeiro: Peregrinos e da cidade de Fátima (Leiria)

Protecção: ***

Invocação: ***

Bibliografia: CARVALHEIRA, P.^e José do Vale – *Nossa Senhora na História e Devoção do Povo Português*. Porto: Edições Salesianas, 1998; COUTINHO, B. Xavier – *Nossa Senhora na Arte. Alguns problemas iconográficos e uma exposição Marial*. Porto: Livraria Tavares Martins, 1959; LIMA, J. C Pires de; LIMA, F.C Pires de – *Nossa Senhora em Portugal*. Porto: Edições Domingos Barreira, [1930-1950?]; TORGAL, Luis Filipe – *As “aparições de Fátima”. Imagens e Representações*. Lisboa: Temas e Debates, 2002.



Paróquia: Paróquia de S. Tiago de Silvalde

Concelho: Espinho

Colocação: 1º Retábulo do lado da Epístola, ao centro

Designação: Nossa Senhora do Rosário

Data / Século: XX

Autor: Manuel d' Oliveira (pintor)

Proveniência: ***

Matéria: Madeira

Dimensões: 132 x 45 x 32,8

Estado de Conservação: Razoável

Atributos: Coroa, rosário, Menino Jesus e nuvem

Padroeiro: ***

Protecção: ***

Invocação: ***

Bibliografia: CARVALHEIRA, P. ^e José do Vale – *Nossa Senhora na História e Devoção do Povo Português*. Porto: Edições Salesianas, 1998; COUTINHO, B. Xavier – *Nossa Senhora na Arte. Alguns problemas iconográficos e uma exposição Marial*. Porto: Livraria Tavares Martins, 1959; LIMA, J. A Pires de; LIMA, F. C Pires de – *Nossa Senhora em Portugal*. Porto: Edições Domingos Barreira, [1930-1950?];

ROSÁRIO, Diogo do – *Flos Sancrotum ou História das vidas de Christo e sua Santíssima Mãe*. Lisboa: Typographia Universal de Thomaz Quintino Antunes, 1869, Tomo V, vol. X; ZANON, Darlei – *Devoções a Nossa Senhora. Histórias e orações a 325 títulos marianos*. Lisboa: Paulus Editora, 2009.



Paróquia: Paróquia de S. Tiago de Silvalde

Concelho: Espinho

Colocação: 2º Retábulo do lado da Epístola, ao centro

Designação: Santo António de Lisboa

Data / Século: XIX / XX

Autor: ***

Proveniência: ***

Matéria: Madeira

Dimensões: 109 x 40 x 26

Estado de Conservação: Razoável

Atributos: Menino Jesus, livro, crucifixo e açucenas

Padroeiro: Franciscanos; Fabricantes de porcelana; Vendedores de morangos; Reclusos; Marinha

Protecção: Perda de objectos roubados e perda de objectos desaparecidos

Invocação: Recuperar objectos perdidos; Salvamento dos náufragos e libertação de prisioneiros

Bibliografia: DAIX, Georges – *Dicionário dos Santos. Do calendário romano e dos beatos portugueses*. Lisboa: Terramar, 2000; HALLAM, Elizabeth – *Os Santos*. Lisboa: Centralivros, 1998; RÉAU, Louis – *Iconografía del Arte Cristiano. Iconografía de los Santos, A-F*. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1997, nº 6, Tomo II/vol. 3; ROSÁRIO, Diogo do – *Flos Sanctorum ou História das vidas de Christo e sua Santíssima Mãe*. Lisboa: Typographia Universal de Thomaz Quintino Antunes, 1870, Tomo III, vol. VI.



Paróquia: Paróquia de S. Tiago de Silvalde

Concelho: Espinho

Colocação: 3º Retábulo do lado da Epístola

Designação: S. José

Data / Século: XX

Autor: ***

Proveniência: ***

Matéria: ***

Dimensões: 148 x 45 x 32

Estado de Conservação: Bom

Atributos: Vara e Menino Jesus

Padroeiro: Carmelitas descalças (por causa da devoção por parte de Santa Teresa de Ávila); Carpinteiros; Maridos e enganados; Pais de família; Tesoureiros; Engenheiros; Obreiros; Sem tecto

Protecção: Exílio; Luxúria; Morte dolorosa; Medo da morte; Dificuldades de alojamento; Agonia

Invocação: Pelos que estão em dúvida, pelos que desejam uma morte santa e pelos que têm dificuldades de alojamento

Bibliografia: *BÍBLIA Sagrada. Para o Terceiro Milénio da Encarnação*. Lisboa /Fátima: Difusora Bíblica, 2003; HALLAM, Elizabeth – *Os Santos*. Lisboa: Centralivros, 1998; RÉAU, Louis – *Iconografia del Arte Cristiano. Iconografia de los santos*, G-O. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1997, nº 7, Tomo II/ vol. 4; ROSÁRIO,

Diogo do – *Flos Sanctorum ou História das vidas de Christo e sua Santíssima Mãe*. Lisboa: Typographia Universal de Thomaz Quintino Antunes, 1869, Tomo II, vol. III; VV. AA. – *Dicionário Cultural do Cristianismo*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1999; VV. AA. – *Evangelhos Apócrifos*. Lisboa: Editorial Estampa, 1991.



Paróquia: Paróquia de S. Tiago de Silvalde

Concelho: Espinho

Colocação: 1º Retábulo do lado do Evangelho, à esquerda

Designação: Santa Catarina de Alexandria

Data / Século: XIX (atribuível)

Autor: ***

Proveniência: ***

Matéria: Madeira

Dimensões: 53 x 25 x 13

Estado de Conservação: Razoável

Atributos: Livro e cabeça de homem

Padroeiro: Trinitários; Clérigos; Artes liberais; Moribundos; Barbeiros-Cirurgiões; Estudantes cristãos; Filósofos; Fiandeiras; Enfermeiras; Moleiros; Universidades; Raparigas novas; Teólogos; Carpinteiros de carros; Modistas; Procuradores; Torneiros

Protecção: Abscessos ou tumores na língua; Dores de dentes

Invocação: ***

Bibliografia: DAIX, Georges – *Dicionário dos Santos. Do calendário romano e dos beatos portugueses*. Lisboa: Terramar, 2000; HALLAM, Elizabeth – *Os Santos*. Lisboa: Centralivros, 1998; RÉAU, Louis – *Iconografía del Arte Cristiano. Iconografía de los Santos, A-F*. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1997, nº 6, Tomo II/vol. 3; ROSÁRIO, Diogo do – *Flos Sanctorum ou História das vidas de Christo e sua Santíssima Mãe*. Lisboa: Typographia Universal de Thomaz Quintino Antunes, 1869, Tomo VI, vol. XI.



Paróquia: Paróquia de S. Tiago de Silvalde

Concelho: Espinho

Colocação: 1º Retábulo do lado do Evangelho, à direita

Designação: Santa Lúzia

Data / Século: XX (atribuível)

Autor: ***

Proveniência: ***

Matéria: Madeira

Dimensões: 49 x 16 x 11,7

Estado de Conservação: Razoável

Atributos: Palma do martírio e taça com dois olhos

Padroeiro: Electricistas; Lavradores; Oftalmologistas

Protecção: Doenças de olhos; Dores de garganta; Cegueira

Invocação: Curar as doenças dos olhos, as oftalmias e a cegueira

Bibliografia: DAIX, Georges – *Dicionário dos Santos. Do calendário romano e dos beatos portugueses*. Lisboa: Terramar, 2000; HALLAM, Elizabeth – *Os Santos*. Lisboa: Centralivros, 1998; RÉAU, Louis – *Iconografía del Arte Cristiano. Iconografía de los Santos, G-O*. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1997, nº 7, Tomo II/vol. 4; ROSÁRIO, Diogo do – *Flos Sanctorum ou História das vidas de Christo e sua Santíssima Mãe*.

Lisboa: Typographia Universal de Thomaz Quintino Antunes, 1870, Tomo VI, vol. XII;
VORÁGINE, Santiago – *La Leyenda dorada*. Madrid: Alianza Editorial, 2004; VV.
AA. – *Dicionário Cultural do Cristianismo*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1999;
WENDY, Irmã – *Livro dos Santos*. Lisboa: Livraria Civilização Editora, 1999.



Paróquia: Paróquia de S. Tiago de Silvalde

Concelho: Espinho

Colocação: 2º Retábulo do lado do Evangelho, à esquerda

Designação: Menino Jesus

Data / Século: XIX (atribuível)

Autor: ***

Proveniência: ***

Matéria: ***

Dimensões: 60 x 15 x 18

Estado de Conservação: Razoável

Atributos: Globo e serpente

Padroeiro: ***

Protecção: ***

Invocação: ***

Bibliografia: *BÍBLIA Sagrada. Para o Terceiro Milénio da Encarnação*. Lisboa /Fátima: Difusora Bíblica, 2003; RÉAU, Louis – *Iconografía del Arte Cristiano. Iconografía de la Bíblia/Nuevo Testamento*. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1996, nº 5, Tomo I/vol. 2; VV. AA. – *Evangelhos Apócrifos*. Lisboa: Editorial Estampa, 1991.



Paróquia: Paróquia de S. Tiago de Silvalde

Concelho: Espinho

Colocação: 2º Retábulo do lado do Evangelho, à direita

Designação: Nossa Senhora da Conceição

Data / Século: XX (atribuível)

Autor: ***

Proveniência: ***

Matéria: Madeira

Dimensões: 63 x 25,5 x 14

Estado de Conservação: Razoável

Atributos: Quarto crescente e nuvem

Padroeiro: Portugal e da cidade do Porto

Protecção: ***

Invocação: ***

Bibliografia: *BÍBLIA Sagrada. Para o Terceiro Milénio da Encarnação*. Lisboa /Fátima: Difusora Bíblica, 2003; CARVALHEIRA, P.^e José do Vale – *Nossa Senhora na História e Devoção do Povo Português*. Porto: Edições Salesianas, 1998; COUTINHO, B. Xavier – *Nossa Senhora na Arte. Alguns problemas iconográficos e uma exposição Marial*. Porto: Livraria Tavares Martins, 1959; LIMA, J.A Pires de;

LIMA, F.C Pires de – *Nossa Senhora em Portugal*. Porto: Edições Domingos Barreira, [1930/1950?]; RÉAU, Louis – *Iconografía del Arte Cristiano. Iconografía de la Biblia/Nuevo Testamento*. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1996, nº 5, Tomo I/vol. 2; ROSÁRIO, Diogo do – *Flos Sanctorum ou História das vidas de Christo e sua Santíssima Mãe*. Lisboa: Typographia Universal de Thomaz Quintino Antunes, 1870, Tomo VI, vol. XII; VV. AA. – *Dicionário Cultural do Cristianismo*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1999; ZANON, Darlei – *Devoções a Nossa Senhora. Histórias e orações a 325 títulos marianos*. Lisboa: Paulus Editora, 2009.



Paróquia: Paróquia de S. Tiago de Silvalde

Concelho: Espinho

Colocação: 1º Retábulo do lado da Epístola, à esquerda

Designação: Santa Teresa de Lisieux

Data / Século: XX

Autor: ***

Proveniência: ***

Matéria: Gesso

Dimensões: 62,7 x 22 x 19

Estado de Conservação: Bom

Atributos: Crucifixo e molho de rosas

Padroeiro: Carmelitas descalças; Missionários; França; Floristas; Produtores de flores

Protecção: Fogo do purgatório

Invocação: ***

Bibliografia: DAIX, Georges – *Dicionário dos Santos. Do calendário romano e dos beatos portugueses*. Lisboa: Terramar, 2000; HALLAM, Elizabeth – *Os Santos*. Lisboa: Centralivros, 1998; RÉAU, Louis – *Iconografía del Arte Cristiano. Iconografía de los Santos, P-Z / Repertórios*. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1997, nº 8, Tomo II / vol. 5; VV. AA. – *Dicionário Cultural do Cristianismo*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1999.



Paróquia: Paróquia de S. Tiago de Silvalde

Concelho: Espinho

Colocação: 1º Retábulo do lado da Epístola, à direita

Designação: Nossa Senhora das Dores

Data / Século: XIX (finais)

Autor: ***

Proveniência: ***

Matéria: Madeira

Dimensões: 50,5 x 22 x 13

Estado de Conservação: Razoável

Atributos: Sete espadas

Padroeiro: ***

Protecção: ***

Invocação: ***

Bibliografia: CARVALHEIRA, P. ^e José do Vale – *Nossa Senhora na História e Devoção do Povo Português*. Porto: Edições Salesianas, 1998; COUTINHO, B. Xavier – *Nossa Senhora na Arte. Alguns problemas iconográficos e uma exposição Marial*. Porto: Livraria Tavares Martins, 1959; LIMA, J. A Pires de; LIMA, F. C Pires de – *Nossa Senhora em Portugal*. Porto: Edições Domingos Barreira, [1930-1950?]; RÉAU, Louis – *Iconografía del Arte Cristiano. Iconografía de la Biblia/Nuevo Testamento*. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1996, nº 5, Tomo I/vol. 2; ZANON, Darlei – *Devoções a Nossa Senhora. Histórias e orações a 325 títulos marianos*. Lisboa: Paulus Editora, 2009.



Paróquia: Paróquia de S. Tiago de Silvalde

Concelho: Espinho

Colocação: 2º Retábulo do lado da Epístola, à esquerda

Designação: Nossa Senhora da Boa Nova

Data / Século: XIX / XX

Autor: ***

Proveniência: ***

Matéria: Madeira

Dimensões: 54 x 20 x 12

Estado de Conservação: Razoável

Atributos: Nimbo em quarto crescente, Menino Jesus e nuvem

Padroeiro: ***

Protecção: ***

Invocação: ***

Bibliografia: CARVALHEIRA, P. ^e José do Vale – *Nossa Senhora na História e Devoção do Povo Português*. Porto: Edições Salesianas, 1998; COUTINHO, B. Xavier – *Nossa Senhora na Arte. Alguns problemas iconográficos e uma exposição Marial*. Porto: Livraria Tavares Martins, 1959; LIMA, J. A Pires de; LIMA, F. C Pires de –

Nossa Senhora em Portugal. Porto: Edições Domingos Barreira, [1930-1950?]; RÉAU, Louis – *Iconografía del Arte Cristiano. Iconografía de la Biblia/Nuevo Testamento*. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1996, nº 5, Tomo I/vol. 2; ZANON, Darlei – *Devoções a Nossa Senhora. Histórias e orações a 325 títulos marianos*. Lisboa: Paulus Editora, 2009.



Paróquia: Paróquia de S. Tiago de Silvalde

Concelho: Espinho

Colocação: 2º Retábulo do lado da Epístola, à direita

Designação: S. Sebastião

Data / Século: XX

Autor: ***

Proveniência: ***

Matéria: Madeira

Dimensões: 61 x 23,5 x 20

Estado de Conservação: Razoável

Atributos: Tronco de árvore e *périzonium*

Padroeiro: Fabricantes de agulhas; Arqueiros; Vendedores de ferro; Pessoas que têm peste; Homossexuais

Protecção: Peste

Invocação: Contra a peste

Bibliografia: DAIX, Georges – *Dicionário dos Santos. Do calendário romano e dos beatos portugueses*. Lisboa: Terramar, 2000; HALLAM, Elizabeth – *Os Santos*. Lisboa: Centralivros, 1998; RÉAU, Louis – *Iconografía del Arte Cristiano. Iconografía de los Santos, P-Z/Repertórios*. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1997, nº 8, Tomo II/vol. 5; ROSÁRIO, Diogo do – *Flos Sanctorum ou História das vidas de Christo e sua Santíssima Mãe*. Lisboa: Typographia Universal de Thomaz Quintino Antunes, 1869, Tomo I, vol. I; VORÁGINE, Santiago – *La Leyenda dorada*. Madrid: Alianza Editorial, 2004.



Paróquia: Paróquia de S. Tiago de Silvalde

Concelho: Espinho

Colocação: Nicho do lado da Epístola

Designação: S. Judas Tadeu

Data / Século: XX

Autor: ***

Proveniência: ***

Matéria: Gesso

Dimensões: 58 x 20 x 12

Estado de Conservação: Bom

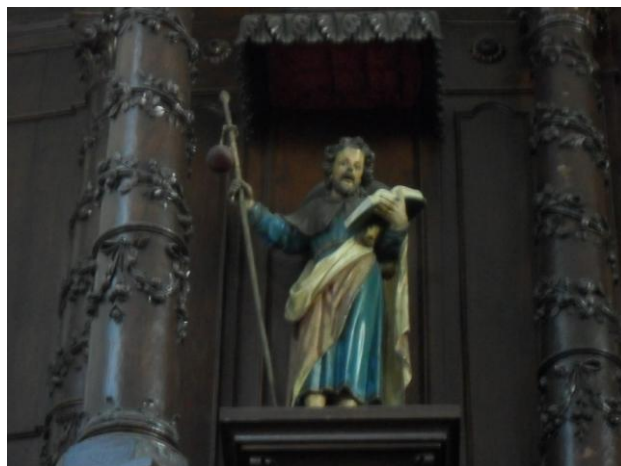
Atributos: Maça e medalhão

Padroeiro: Reclusos

Protecção: Casos desesperados

Invocação: Advogado das causas desesperadas

Bibliografia: DAIX, Georges – *Dicionário dos Santos. Do calendário romano e dos beatos portugueses*. Lisboa: Terramar, 2000; HALLAM, Elizabeth – *Os Santos*. Lisboa: Centralivros, 1998; RÉAU, Louis – *Iconografía del Arte Cristiano. Iconografía de los Santos, G-O*. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1997, nº 7, Tomo II/vol. 4; ROSÁRIO, Diogo do – *Flos Sanctorum ou História das vidas de Christo e sua Santíssima Mãe*. Lisboa: Typographia Universal de Thomaz Quintino Antunes, 1869, Tomo V, vol. X.



Paróquia: Paróquia de S. Tiago de Silvalde

Concelho: Espinho

Colocação: Retábulo-mor, lado do Evangelho

Designação: S. Tiago Maior de Silvalde

Data / Século: XVIII / XIX

Autor: ***

Proveniência: Fábrica da Igreja

Matéria: Madeira

Dimensões: 100 x 30 x 30

Estado de Conservação: Razoável

Atributos: Chapéu, livro e cabaça

Padroeiro: Freguesia de Silvalde; Fabricantes de calçada; Cruzados; Drogarias; Montanhistas; Guarda-sóis; Viajantes

Protecção: Reumatismo; Enforcamento; Agonia

Invocação: ***

Bibliografia: DAIX, Georges – *Dicionário dos Santos. Do calendário romano e dos beatos portugueses*. Lisboa: Terramar, 2000; FAUSTINO, Artur – *Silvalde. Paróquia e Freguesia Milenária*. Silvalde: Junta de Freguesia, 1994, vol. I; HALLAM, Elizabeth – *Os Santos*. Lisboa: Centralivros, 1998; RÉAU, Louis – *Iconografía del Arte Cristiano. Iconografía de los Santos, P-Z/Repertórios*. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1997, nº 8, Tomo II/vol. 5; ROSÁRIO, Diogo do – *Flos Sanctorum ou História das vidas de Christo e sua Santíssima Mãe*. Lisboa: Typographia Universal de Thomaz Quintino Antunes, 1869, Tomo IV, vol. VII; VV. AA. – *Dicionário Cultural do Cristianismo*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1999.



Paróquia: Paróquia de S. Tiago de Silvalde

Concelho: Espinho

Colocação: Retábulo-mor, lado da Epístola

Designação: S. Francisco de Assis

Data / Século: XVIII

Autor: ***

Proveniência: Fábrica da Igreja

Matéria: Madeira

Dimensões: 100 x 30 x 30

Estado de Conservação: Razoável

Atributos: Crucifixo e cinto com três nós

Padroeiro: Franciscanos

Protecção: ***

Invocação: ***

Bibliografia: DAIX, Georges – *Dicionário dos Santos. Do calendário romano e dos beatos portugueses*. Lisboa: Terramar, 2000; HALLAM, Elizabeth – *Os Santos*. Lisboa: Centralivros, 1998; RÉAU, Louis – *Iconografía del Arte Cristiano. Iconografía de los Santos, G-O*. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1997, nº 7, Tomo II/vol. 4; ROSÁRIO, Diogo do – *Flos Sanctorum ou História das vidas de Christo e sua Santíssima Mãe*. Lisboa: Typographia Universal de Thomaz Quintino Antunes, 1870, Tomo V, vol. X; VORÁGINE, Santiago – *La Leyenda dorada*. Madrid: Alianza Editorial, 2004; VV. AA. – *Dicionário Cultural do Cristianismo*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1999; WENDY, Irmã – *Livro dos Santos*. Lisboa: Livraria Civilização Editora, 1999.

Igreja de Santo Tirso de Paramos



Paróquia: Paróquia de Santo Tirso de Paramos

Concelho: Espinho

Colocação: 1º Retábulo do lado do Evangelho

Designação: Nossa Senhora de Lourdes

Data / Século: ***

Autor: ***

Proveniência: ***

Matéria: ***

Dimensões: 180 x 50 x 30 // 98 x 33 x 55 (Bernadette Soubirous)

Estado de Conservação: Bom

Atributos: Coroa, nimbo com inscrição, lenço azul e duas rosas douradas

Padroeiro: Peregrinos e de Lourdes (França)

Protecção: ***

Invocação: ***

Bibliografia: COUTINHO, B. Xavier – *Nossa Senhora na Arte. Alguns problemas iconográficos e uma exposição Marial*. Porto: Livraria Tavares Martins, 1959; RÉAU, Louis – *Iconografía del Arte Cristiano. Iconografía de la Biblia/Nuevo Testamento*. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1996, nº 5, Tomo I/vol. 2; ZANON, Darlei – *Devoções a Nossa Senhora. Histórias e orações a 325 títulos marianos*. Lisboa: Paulus Editora, 2009.



Paróquia: Paróquia de Santo Tirso de Paramos

Concelho: Espinho

Colocação: 2º Retábulo do lado do Evangelho, ao centro

Designação: Sagrado Coração de Jesus

Data / Século: ***

Autor: Vítor Leite

Proveniência: Porto

Matéria: ***

Dimensões: 165 x 50 x 31

Estado de Conservação: Bom

Atributos: Nimbo raiado, coração inflamado rodeado por espinhos; nuvem

Padroeiro: Jesuítas

Protecção: ***

Invocação: ***

Bibliografia: *BÍBLIA Sagrada. Para o Terceiro Milénio da Encarnação*. Lisboa /Fátima: Difusora Bíblica, 2003; RÉAU, Louis – *Iconografía del Arte Cristiano. Iconografía de los santos, P-Z/ Repertórios*. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1997, nº 8, Tomo II/ vol. 5; RÉAU, Luis – *Iconografía del Arte Cristiano. Iconografía de la Biblia / Nuevo Testamento*. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1996, nº 5, Tomo I / vol. 2; VV. AA. – *Dicionário Cultural do Cristianismo*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1999.



Paróquia: Paróquia de Santo Tirso de Paramos

Concelho: Espinho

Colocação: 3º Retábulo do lado do Evangelho

Designação: Senhor da Agonia

Data / Século: ***

Autor: ***

Proveniência: ***

Matéria: ***

Dimensões: 173,5 x 95 x 24

Estado de Conservação: Bom

Atributos: Cruz, coroa de espinhos, *périzonium*, pregos e letreiro

Padroeiro: ***

Protecção: ***

Invocação: ***

Bibliografia: *BÍBLIA Sagrada. Para o Terceiro Milénio da Encarnação*. Lisboa /Fátima: Difusora Bíblica, 2003; RÉAU, Louis – *Iconografía del Arte Cristiano. Iconografía de la Biblia/Nuevo Testamento*. Barcelona: Ediciones del Serbal, nº 5, Tomo I/vol. 2; VORAGINE, Tiago – *Legenda Áurea*. Porto: Livraria Civilização Editora, 2004, Tomo I; VV. AA. – *Dicionário Cultural do Cristianismo*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1999; VV. AA. – *Evangelhos Apócrifos*. Lisboa: Editorial Estampa, 1991.



Paróquia: Paróquia de Santo Tirso de Paramos

Concelho: Espinho

Colocação: 1º Retábulo do lado da Epístola

Designação: S. José

Data / Século: ***

Autor: ***

Proveniência: ***

Matéria: ***

Dimensões: 156 x 45,5 x 40

Estado de Conservação: Bom

Atributos: Menino Jesus e vara florida

Padroeiro: Carmelitas descalças (por causa da devoção de Santa Teresa de Ávila); Carpinteiros; Maridos e enganados; Pais de família; Tesoureiros; Engenheiros; Obreiros; Sem tecto

Protecção: Exílio; Luxúria; Morte dolorosa; Medo da morte; Dificuldades de alojamento; Agonia

Invocação: Pelos que estão em dúvida, pelos que desejam uma morte santa e pelos que têm dificuldades de alojamento

Bibliografia: *BÍBLIA Sagrada. Para o Terceiro Milénio da Encarnação*. Lisboa /Fátima: Difusora Bíblica, 2003; HALLAM, Elizabeth – *Os Santos*. Lisboa: Centralivros, 1998; RÉAU, Louis – *Iconografia del Arte Cristiano. Iconografia de los santos, G-O*. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1997, nº 7, Tomo II/ vol. 4; ROSÁRIO,

Diogo do – *Flos Sanctorum ou História das vidas de Christo e sua Santíssima Mãe*. Lisboa: Typographia Universal de Thomaz Quintino Antunes, 1869, Tomo II, vol. III; VV. AA. – *Dicionário Cultural do Cristianismo*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1999; VV. AA. – *Evangelhos Apócrifos*. Lisboa: Editorial Estampa, 1991.



Paróquia: Paróquia de Santo Tirso de Paramos

Concelho: Espinho

Colocação: 2º Retábulo do lado da Epístola, ao centro

Designação: Sagrado Coração de Maria

Data / Século: ***

Autor: ***

Proveniência: ***

Matéria: ***

Dimensões: 119 x 47 x 26

Estado de Conservação: Razoável

Atributos: Coração radiante e flamejante, serpente e globo

Padroeiro: ***

Protecção: ***

Invocação: ***

Bibliografia: FERMIN, Maria, O.F.M – *O Coração da Mãe*. Coimbra: Coimbra Editora, 1960; ZANON, Darlei – *Devoções a Nossa Senhora. Histórias e orações a 325 títulos marianos*. Lisboa: Paulus Editora, 2009.



Paróquia: Paróquia de Santo Tirso de Paramos

Concelho: Espinho

Colocação: 3º Retábulo do lado da Epístola

Designação: Nossa Senhora de Fátima

Data / Século: XX

Autor: ***

Proveniência: ***

Matéria: ***

Dimensões: 128 x 37 x 30

Estado de Conservação: Bom

Atributos: Coroa, terço, estrela e nuvem

Padroeiro: Peregrinos e da cidade de Fátima (Leiria)

Protecção: ***

Invocação: ***

Bibliografia: CARVALHEIRA, P.^e José do Vale – *Nossa Senhora na História e Devoção do Povo Português*. Porto: Edições Salesianas, 1998; COUTINHO, B. Xavier – *Nossa Senhora na Arte. Alguns problemas iconográficos e uma exposição Marial*. Porto: Livraria Tavares Martins, 1959; LIMA, J. C Pires de; LIMA, F.C Pires de – *Nossa Senhora em Portugal*. Porto: Edições Domingos Barreira, [1930-1950?]; TORGAL, Luis Filipe – *As “aparições de Fátima”. Imagens e Representações*. Lisboa: Temas e Debates, 2002.



Paróquia: Paróquia de Santo Tirso de Paramos

Concelho: Espinho

Colocação: 2º Retábulo do lado do Evangelho, à esquerda

Designação: Santa Maria Goretti

Data / Século: ***

Autor: Guilherme F. Thedim

Proveniência: Matosinhos (Porto)

Matéria: ***

Dimensões: 80 x 24 x 19,5

Estado de Conservação: Bom

Atributos: Palma do martírio e açucenas

Padroeiro: Castidade; Vítimas violadas; Juventude; Raparigas adolescentes; Pureza; Perdão

Protecção: Raparigas adolescentes e as virgens

Invocação: ***

Bibliografia: DAIX, Georges – *Dicionário dos Santos. Do calendário romano e dos beatos portugueses*. Lisboa: Terramar, 2000.



Paróquia: Paróquia de Santo Tirso de Paramos

Concelho: Espinho

Colocação: 2º Retábulo do lado da Epístola, à direita

Designação: S. Luís Gonzaga

Data / Século: ***

Autor: ***

Proveniência: ***

Matéria: ***

Dimensões: 61,5 x 26 x 12

Estado de Conservação: Razoável

Atributos: Crucifixo

Padroeiro: Jesuítas; Cidade de Mântua; Juventude estudiosa (estudantes cristãos)

Protecção: Luxúria; Doenças pulmonares

Invocação: ***

Bibliografia: DAIX. Georges – *Dicionário dos Santos. Do calendário romano e dos beatos portugueses*. Lisboa: Terramar, 2000; HALLAM, Elizabeth – *Os Santos*. Lisboa: Centralivros, 1998; RÉAU, Louis – *Iconografía del Arte Cristiano. Iconografía de los Santos, G-O*. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1997, nº 7, Tomo II/vol. 4; ROSÁRIO, Diogo do – *Flos Sanctorum ou História das vidas de Christo e sua Santíssima Mãe*. Lisboa: Typographia Universal de Thomaz Quintino Antunes, 1870, Tomo III, vol. VI.



Paróquia: Paróquia de Santo Tirso de Paramos

Concelho: Espinho

Colocação: 2º Retábulo do lado da Epístola, à esquerda

Designação: Santa Inês de Roma

Data / Século: ***

Autor: ***

Proveniência: ***

Matéria: ***

Dimensões: 50 x 19 x 13

Estado de Conservação: Razoável

Atributos: Cordeiro branco

Padroeiro: Trinitários; Virgens romanas; Noivas; Jardineiros

Protecção: ***

Invocação: ***

Bibliografia: DAIX, Georges – *Dicionário dos Santos. Do calendário romano e dos beatos portugueses*. Lisboa: Terramar, 2000; HALLAM, Elizabeth – *Os Santos*. Lisboa: Centralivros, 1998; RÉAU, Louis – *Iconografía del Arte Cristiano. Iconografía de los Santos, G-O*. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1997, nº 7, Tomo II/vol. 4; ROSÁRIO, Diogo do – *Flos Sanctorum ou História das vidas de Christo e sua Santíssima Mãe*. Lisboa: Typographia Universal de Thomaz Quintino Antunes, 1869, Tomo I, vol. I; VORÁGINE, Santiago – *La Leyenda dorada*. Madrid: Alianza Editorial, 2004; VV. AA. – *Dicionário Cultural do Cristianismo*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1999.



Paróquia: Paróquia de Santo Tirso de Paramos

Concelho: Espinho

Colocação: 2º Retábulo do lado da Epístola, à direita

Designação: S. Sebastião

Data / Século: ***

Autor: ***

Proveniência: ***

Matéria: ***

Dimensões: 56 x 27 x 17

Estado de Conservação: Razoável

Atributos: Tronco de árvore, flechas e *périzonium*

Padroeiro: Fabricantes de agulhas; Arqueiros; Vendedores de ferro; Pessoas que têm peste; Homossexuais

Protecção: Peste

Invocação: Contra a peste

Bibliografia: DAIX, Georges – *Dicionário dos Santos. Do calendário romano e dos beatos portugueses*. Lisboa: Terramar, 2000; HALLAM, Elizabeth – *Os Santos*. Lisboa: Centralivros, 1998; RÉAU, Louis – *Iconografía del Arte Cristiano. Iconografía de los Santos, P-Z/Repertórios*. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1997, nº 8, Tomo II/vol. 5; ROSÁRIO, Diogo do – *Flos Sanctorum ou História das vidas de Christo e sua Santíssima Mãe*. Lisboa: Typographia Universal de Thomaz Quintino Antunes, 1869, Tomo I, vol. I; VORÁGINE, Santiago – *La Leyenda dorada*. Madrid: Alianza Editorial, 2004.



Paróquia: Paróquia de Santo Tirso de Paramos

Concelho: Espinho

Colocação: Retábulo-mor, lado do Evangelho

Designação: Santo Tirso

Data / Século: ***

Autor: ***

Proveniência: Oficina de escultura de V^a Per d' Abreu & F^{do} [sic], Porto

Matéria: ***

Dimensões: 150 x 46 x 36 (41)

Estado de Conservação: Bom

Atributos: Serra e livro

Padroeiro: Freguesia de Paramos

Protecção: ***

Invocação: ***

Bibliografia: RÉAU, Louis – *Iconografía del Arte Cristiano. Iconografía de los Santos, P-Z/Repertórios*. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1997, nº8, Tomo II/vol. 5; SÁ, P.^e Manuel F. de – *Monografia de Paramos*. Figueira da Foz: Tipografia popular, 1937.



Paróquia: Paróquia de Santo Tirso de Paramos

Concelho: Espinho

Colocação: Retábulo-mor, lado da Epístola

Designação: Santo António de Lisboa

Data / Século: ***

Autor: ***

Proveniência: Oficina de escultura de V^a Per d' Abreu & F^{do} [sic], Porto

Matéria: ***

Dimensões: 148,5 x 48 x 36 (40,5)

Estado de Conservação: Bom

Atributos: Menino Jesus, livro e crucifixo

Padroeiro: Franciscanos; Fabricantes de porcelana; Vendedores de morangos; Reclusos; Marinha

Protecção: Perda de objectos roubados e perda de objectos desaparecidos

Invocação: Recuperar objectos perdidos; Salvamento de náufragos e libertação dos prisioneiros

Bibliografia: DAIX, Georges – *Dicionário dos Santos. Do calendário romano e dos beatos portugueses*. Lisboa: Terramar, 2000; HALLAM, Elizabeth – *Os Santos*. Lisboa: Centralivros, 1998; RÉAU, Louis – *Iconografía del Arte Cristiano. Iconografía de los Santos, A-F*. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1997, nº 6, Tomo II/vol. 3; ROSÁRIO, Diogo do – *Flos Sanctorum ou História das vidas de Christo e sua Santíssima Mãe*. Lisboa: Typographia Universal de Thomaz Quintino Antunes, 1870, Tomo III, vol. VI.

Igreja de Santo Estêvão de Guetim



Paróquia: Paróquia de Santo Estêvão de Guetim

Concelho: Espinho

Colocação: Lado do Evangelho

Designação: Santa Teresa de Lisieux

Data / Século: XX

Autor: ***

Proveniência: ***

Matéria: ***

Dimensões: 108 x 30 x 28

Estado de Conservação: Razoável

Atributos: Cruz, ramo de rosas e metade de um globo

Padroeiro: Carmelitas descalças; Missionários; França; Floristas; Produtores de flores

Protecção: Fogo do purgatório

Invocação: ***

Bibliografia: DAIX, Georges – *Dicionário dos Santos. Do calendário romano e dos beatos portugueses*. Lisboa: Terramar, 2000; HALLAM, Elizabeth – *Os Santos*. Lisboa: Centralivros, 1998; RÉAU, Louis – *Iconografía del Arte Cristiano. Iconografía de los Santos, P-Z / Repertórios*. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1997, nº 8, Tomo II / vol. 5; VV. AA. – *Dicionário Cultural do Cristianismo*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1999.



Paróquia: Paróquia de Santo Estêvão de Guetim

Concelho: Espinho

Colocação: 1º Retábulo do lado do Evangelho, ao centro

Designação: S. José

Data / Século: XX

Autor: ***

Proveniência: ***

Matéria: ***

Dimensões: 91 x 27,5 x 27,5

Estado de Conservação: Bom

Atributos: Menino Jesus e vara florida

Padroeiro: Carmelitas descalças (por causa da devoção de Santa Teresa de Ávila); Carpinteiros; Maridos e enganados; Pais de família; Tesoureiros; Engenheiros; Obreiros; Sem tecto

Protecção: Exílio; Luxúria; Morte dolorosa; Medo da morte; Dificuldades de alojamento; Agonia

Invocação: Pelos que têm uma dúvida, pelos que desejam uma morte santa e pelos que têm dificuldades de alojamento

Bibliografia: *BÍBLIA Sagrada. Para o Terceiro Milénio da Encarnação*. Lisboa /Fátima: Difusora Bíblica, 2003; HALLAM, Elizabeth – *Os Santos*. Lisboa: Centralivros, 1998; RÉAU, Louis – *Iconografia del Arte Cristiano. Iconografia de los santos, G-O*. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1997, nº 7, Tomo II/ vol. 4; ROSÁRIO,

Diogo do – *Flos Sanctorum ou História das vidas de Christo e sua Santíssima Mãe*. Lisboa: Typographia Universal de Thomaz Quintino Antunes, 1869, Tomo II, vol. III; VV. AA. – *Dicionário Cultural do Cristianismo*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1999; VV. AA. – *Evangelhos Apócrifos*. Lisboa: Editorial Estampa, 1991.



Paróquia: Paróquia de Santo Estêvão de Guetim

Concelho: Espinho

Colocação: 2º Retábulo do lado do Evangelho, ao centro

Designação: Nossa Senhora da Guia

Data / Século: XX

Autor: ***

Proveniência: ***

Matéria: ***

Dimensões: 123 x 47,5 x 31,5

Estado de Conservação: Bom

Atributos: Coroa, Menino Jesus e nuvem

Padroeiro: ***

Protecção: ***

Invocação: ***

Bibliografia: CARVALHEIRA, P. ^e José do Vale – *Nossa Senhora na História e Devoção do Povo Português*. Porto: Edições Salesianas, 1998; COUTINHO, B. Xavier – *Nossa Senhora na Arte. Alguns problemas iconográficos e uma exposição Marial*. Porto: Livraria Tavares Martins, 1959; LIMA, J. A Pires de; LIMA, F. C Pires de – *Nossa Senhora em Portugal*. Porto: Edições Domingos Barreira, [1930-1950?]; ZANON, Darlei – *Devoções a Nossa Senhora. Histórias e orações a 325 títulos marianos*. Lisboa: Paulus Editora, 2009.



Paróquia: Paróquia de Santo Estêvão de Guetim

Concelho: Espinho

Colocação: Lado da Epístola

Designação: Nossa Senhora de Fátima

Data / Século: XX

Autor: ***

Proveniência: ***

Matéria: ***

Dimensões: 114 x 30 x 28,5

Estado de Conservação: Bom

Atributos: Coroa, rosário, estrela, nuvem e azinheira

Padroeiro: Peregrinos e cidade de Fátima (Leiria)

Protecção: ***

Invocação: ***

Bibliografia: CARVALHEIRA, P.^e José do Vale – *Nossa Senhora na História e Devoção do Povo Português*. Porto: Edições Salesianas, 1998; COUTINHO, B. Xavier – *Nossa Senhora na Arte. Alguns problemas iconográficos e uma exposição Marial*. Porto: Livraria Tavares Martins, 1959; LIMA, J. C Pires de; LIMA, F.C Pires de – *Nossa Senhora em Portugal*. Porto: Edições Domingos Barreira, [1930-1950?]; TORGAL, Luis Filipe – *As “aparições de Fátima”. Imagens e Representações*. Lisboa: Temas e Debates, 2002.



Paróquia: Paróquia de Santo Estêvão de Guetim

Concelho: Espinho

Colocação: 1º Retábulo do lado da Epístola, ao centro

Designação: Cristo Crucificado

Data / Século: XX

Autor: ***

Proveniência: ***

Matéria: ***

Dimensões: 117 x 46 x 6

Estado de Conservação: Bom

Atributos: Cruz, pregos, coroa de espinhos, *périzonium*, letreiro

Padroeiro: ***

Protecção: ***

Invocação: ***

Bibliografia: *BÍBLIA Sagrada. Para o Terceiro Milénio da Encarnação*. Lisboa /Fátima: Difusora Bíblica, 2003; RÉAU, Louis – *Iconografía del Arte Cristiano. Iconografía de la Biblia/Nuevo Testamento*. Barcelona: Ediciones del Serbal, nº 5, Tomo I/vol. 2; VORAGINE, Tiago – *Legenda Áurea*. Porto: Livraria Civilização Editora, 2004, Tomo I; VV. AA. – *Dicionário Cultural do Cristianismo*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1999; VV. AA. – *Evangelhos Apócrifos*. Lisboa: Editorial Estampa, 1991.



Paróquia: Paróquia de Santo Estêvão de Guetim

Concelho: Espinho

Colocação: 2º Retábulo do lado da Epístola, ao centro

Designação: Sagrado Coração de Jesus

Data / Século: XX

Autor: ***

Proveniência: ***

Matéria: ***

Dimensões: 123 x 37 x 37

Estado de Conservação: Bom

Atributos: Nimbo raiado, coração raiado e flamejante rodeado por espinhos, chagas nas mãos e nos pés, e nuvem

Padroeiro: Jesuítas

Protecção: ***

Invocação: ***

Bibliografia: *BÍBLIA Sagrada. Para o Terceiro Milénio da Encarnação*. Lisboa /Fátima: Difusora Bíblica, 2003; RÉAU, Louis – *Iconografía del Arte Cristiano. Iconografía de los santos, P-Z/ Repertórios*. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1997, nº 8, Tomo II/ vol. 5; RÉAU, Louis – *Iconografía del Arte Cristiano. Iconografía de la Biblia / Nuevo Testamento*. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1996, nº 5, Tomo I / vol. 2; VV. AA. – *Dicionário Cultural do Cristianismo*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1999.



Paróquia: Paróquia de Santo Estêvão de Guetim

Concelho: Espinho

Colocação: 1º Retábulo do lado do Evangelho, à esquerda

Designação: S. Sebastião

Data / Século: XX

Autor: ***

Proveniência: ***

Matéria: ***

Dimensões: 50 x 20 x 18

Estado de Conservação: Bom

Atributos: Tronco de árvore, flechas e *périzonium*

Padroeiro: Fabricantes de agulhas; Arqueiros; Vendedores de ferro; Pessoas que têm peste; Homossexuais

Protecção: Peste

Invocação: Contra a peste

Bibliografia: DAIX, Georges – *Dicionário dos Santos. Do calendário romano e dos beatos portugueses*. Lisboa: Terramar, 2000; HALLAM, Elizabeth – *Os Santos*. Lisboa: Centralivos, 1998; RÉAU, Louis – *Iconografía del Arte Cristiano. Iconografía de los Santos, P-Z/Repertórios*. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1997, nº 8, Tomo II/vol. 5; ROSÁRIO, Diogo do – *Flos Sanctorum ou História das vidas de Christo e sua Santíssima Mãe*. Lisboa: Typographia Universal de Thomaz Quintino Antunes, 1869, Tomo I, vol. I; VORÁGINE, Santiago – *La Leyenda dorada*. Madrid: Alianza Editorial, 2004.



Paróquia: Paróquia de Santo Estêvão de Guetim

Concelho: Espinho

Colocação: 1º Retábulo do lado do Evangelho, à direita

Designação: Santo António de Lisboa

Data / Século: XX

Autor: ***

Proveniência: ***

Matéria: ***

Dimensões: 40 x 17 x 10

Estado de Conservação: Bom

Atributos: Menino Jesus, livro e crucifixo

Padroeiro: Franciscanos; Fabricantes de porcelana; Vendedores de morangos; Reclusos; Marinha

Protecção: Perda de objectos roubados e perda de objectos desaparecidos

Invocação: Recuperar objectos perdidos

Bibliografia: DAIX, Georges – *Dicionário dos Santos. Do calendário romano e dos beatos portugueses*. Lisboa: Terramar, 2000; HALLAM, Elizabeth – *Os Santos*. Lisboa: Centralivros, 1998; RÉAU, Louis – *Iconografía del Arte Cristiano. Iconografía de los Santos, A-F*. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1997, nº 6, Tomo II/vol. 3; ROSÁRIO, Diogo do – *Flos Sanctorum ou História das vidas de Christo e sua Santíssima Mãe*. Lisboa: Typographia Universal de Thomaz Quintino Antunes, 1870, Tomo III, vol. VI.



Paróquia: Paróquia de Santo Estêvão de Guetim

Concelho: Espinho

Colocação: 2º Retábulo do lado do Evangelho, à esquerda

Designação: Santa Lúzia

Data / Século: XX

Autor: ***

Proveniência: ***

Matéria: ***

Dimensões: 56 x 14 x 13

Estado de Conservação: Razoável

Atributos: Palma do martírio e taça com dois olhos

Padroeiro: Electricistas; Lavradores; Oftalmologistas

Protecção: Doenças de olhos; Dores de garganta; Cegueira

Invocação: Curar as doenças dos olhos, as oftalmias e a cegueira

Bibliografia: DAIX, Georges – *Dicionário dos Santos. Do calendário romano e dos beatos portugueses*. Lisboa: Terramar, 2000; HALLAM, Elizabeth – *Os Santos*. Lisboa: Centralivros, 1998; RÉAU, Louis – *Iconografia del Arte Cristiano. Iconografia de los Santos, G-O*. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1997, nº 7, Tomo II/vol. 4; ROSÁRIO, Diogo do – *Flos Sanctorum ou História das vidas de Christo e sua Santíssima Mãe*.

Lisboa: Typographia Universal de Thomaz Quintino Antunes, 1870, Tomo VI, vol. XII;
VORÁGINE, Santiago – *La Leyenda dorada*. Madrid: Alianza Editorial, 2004; VV.
AA. – *Dicionário Cultural do Cristianismo*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1999;
WENDY, Irmã – *Livro dos Santos*. Lisboa: Livraria Civilização Editora, 1999.



Paróquia: Paróquia de Santo Estêvão de Guetim

Concelho: Espinho

Colocação: 2º Retábulo do lado do Evangelho, à direita

Designação: Nossa Senhora de Lourdes

Data / Século: XX

Autor: ***

Proveniência: ***

Matéria: ***

Dimensões: 68,9 x 18 x 15

Estado de Conservação: Bom

Atributos: Coroa, terço, lenço azul e duas rosas douradas

Padroeiro: Peregrinos e de Lourdes (França)

Protecção: ***

Invocação: ***

Bibliografia: COUTINHO, B. Xavier – *Nossa Senhora na Arte. Alguns problemas iconográficos e uma exposição Marial*. Porto: Livraria Tavares Martins, 1959; RÉAU, Louis – *Iconografía del Arte Cristiano. Iconografía de la Bíblia/Nuevo Testamento*. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1996, nº 5, Tomo I/vol. 2; ZANON, Darlei – *Devoções a Nossa Senhora. Histórias e orações a 325 títulos marianos*. Lisboa: Paulus Editora, 2009.



Paróquia: Paróquia de Santo Estêvão de Guetim

Concelho: Espinho

Colocação: 1º Retábulo do lado da Epístola, ao centro

Designação: S. Cosme e S. Damião

Data / Século: XX

Autor: ***

Proveniência: ***

Matéria: ***

Dimensões: 35,2 x 35, 5 x 19

Estado de Conservação: Razoável

Atributos: ***

Padroeiro: Barbeiros-Cirurgiões; Boticários; Médicos; Hospitais; Dentistas; Drogarias; Farmacêuticos; Ferreiros (Rússia); Cabeleireiros; Fabricantes de ligaduras

Protecção: Cálculos; Dores de cintura; Gastroenterite infantil; Inflamação das glândulas; Incontinência urinária; Peste; Cavalos

Invocação: Contra a peste, a inflamação das glândulas, as infecções renais, os cálculos, as inflamações de ventre e a incontinência urinária infantil

Bibliografia: DAIX, Georges – *Dicionário dos Santos. Do calendário romano e dos beatos portugueses*. Lisboa: Terramar, 2000; RÉAU, Louis – *Iconografía del Arte Cristiano. Iconografía de los Santos, A-F*. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1997, nº 6, Tomo II, vol. 3; ROSÁRIO, Diogo do – *Flos Sanctorum ou História das vidas de Christo e sua Santíssima Mãe*. Lisboa: Typographia Universal de Thomaz Quintino Antunes, 1869, Tomo V, vol. IX.



Paróquia: Paróquia de Santo Estêvão de Guetim

Concelho: Espinho

Colocação: 1º Retábulo do lado da Epístola, à esquerda

Designação: Santa Rita de Cássia

Data / Século: XX

Autor: ***

Proveniência: ***

Matéria: ***

Dimensões: 48,1 x 17,9 x 12

Estado de Conservação: Bom

Atributos: Palma do martírio, “coroas”, crucifixo e espinha

Padroeiro: Agustinas; Casos desesperados; Paternidade; Assassinos

Protecção: Infertilidade; Feridas na frente; Varicela; Casos desesperados

Invocação: Casos desesperados e paternidade

Bibliografia: DAIX, Georges – *Dicionário dos Santos. Do calendário romano e dos beatos portugueses*. Lisboa: Terramar, 2000; HALLAM, Elizabeth – *Os Santos*. Lisboa: Centralivros, 1998; RÉAU, Louis – *Iconografía del Arte Cristiano. Iconografía de los Santos, P-Z/Repertórios*. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1997, nº 8, Tomo II/vol. 5; ROSÁRIO, Diogo do – *Flos Sanctorum ou História das vidas de Christo e sua Santíssima Mãe*. Lisboa: Typographia Universal de Thomaz Quintino Antunes, 1870, Tomo III, vol. V; VV. AA. – *Dicionário Cultural do Cristianismo*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1999.



Paróquia: Paróquia de Santo Estêvão de Guetim

Concelho: Espinho

Colocação: 1º Retábulo do lado da Epístola, à direita

Designação: S. Vicente Ferrer

Data / Século: XX

Autor: ***

Proveniência: ***

Matéria: ***

Dimensões: 55 x 19 x 10 (14)

Estado de Conservação: Razoável

Atributos: Sol de Cristo, livro e pomba

Padroeiro: Dominicanos; Cidades de Valencia e Vannes; Fabricantes de telhas; Marinheiros

Protecção: Uvas; Cavalos; Dores de cabeça

Invocação: Contra a epilepsia e as dores de cabeça

Bibliografia: DAIX, Georges – *Dicionário dos Santos. Do calendário romano e dos beatos portugueses*. Lisboa: Terramar, 2000; HALLAM, Elizabeth – *Os Santos*. Lisboa: Centralivros, 1998; RÉAU, Louis – *Iconografia del Arte Cristiano. Iconografia de los*

Santos, P-Z/Repertórios. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1997, nº 8, Tomo II/vol. 5; ROSÁRIO, Diogo do – *Flos Sanctorum ou História das vidas de Christo e sua Santíssima Mãe*. Lisboa: Typographia Universal de Thomaz Quintino Antunes, 1869, Tomo II, vol. IV; VV. AA – *Dicionário Cultural do Cristianismo*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1999.



Paróquia: Paróquia de Santo Estêvão de Guetim

Concelho: Espinho

Colocação: 2º Retábulo do lado da Epístola, à esquerda

Designação: S. Judas Tadeu

Data / Século: XX

Autor: ***

Proveniência: ***

Matéria: ***

Dimensões: 47,9 x 16 x 14

Estado de Conservação: Razoável

Atributos: Maça e medalhão

Padroeiro: Reclusos

Protecção: Casos desesperados

Invocação: Advogado das causas desesperadas

Bibliografia: DAIX, Georges – *Dicionário dos Santos. Do calendário romano e dos beatos portugueses*. Lisboa: Terramar, 2000; HALLAM, Elizabeth – *Os Santos*. Lisboa: Centralivros, 1998; RÉAU, Louis – *Iconografia del Arte Cristiano. Iconografía de los Santos, G-O*. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1997, nº 7, Tomo II/vol. 4; ROSÁRIO, Diogo do – *Flos Sanctorum ou História das vidas de Christo e sua Santíssima Mãe*. Lisboa: Typographia Universal de Thomaz Quintino Antunes, 1869, Tomo V, vol. X.



Paróquia: Paróquia de Santo Estêvão de Guetim

Concelho: Espinho

Colocação: 2º Retábulo do lado da Epístola, à direita

Designação: S. Brás

Data / Século: XX

Autor: ***

Proveniência: ***

Matéria: ***

Dimensões: 45 x 14 x 12

Estado de Conservação: Razoável

Atributos: Mitra, báculo e livro

Padroeiro: Empreiteiros; Cardadores de lã; Arqueadores; Canteiros cortadores e talhadores; Médicos laringite; Carpinteiros de obra; Sopradores de cornos; Lavradores; Moleiros (Moinhos de vento)

Protecção: Furacões; Veados; Doenças de vesícula; Tosse convulsa; Tosse; Difteria; Cálculos; Anginas; Ampolas

Invocação: Contra doenças de garganta

Bibliografia: DAIX, Georges – *Dicionário dos Santos. Do calendário romano e dos beatos portugueses*. Lisboa: Terramar, 2000; FERRANDO ROIG, Juan – *Iconografia*

de los Santos. Barcelona: Ediciones OMEGA, SA, 1950; HALLAM, Elizabeth – *Os Santos*. Lisboa: Centralivros, 1998; RÉAU, Louis – *Iconografía del Arte Cristiano. Iconografía de los Santos, A-F*. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1997, nº 6, Tomo II/vol. 3; ROSÁRIO, Diogo do – *Flos Sanctorum ou História das vidas de Christo e sua Santíssima Mãe*. Lisboa: Typographia Universal de Thomaz Quintino Antunes, 1869, Tomo I, vol. II; VV. AA – *Dicionário Cultural do Cristianismo*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1999; WENDY, Irmã – *Livro dos Santos*. Lisboa: Livraria Civilização Editora, 1999.



Paróquia: Paróquia de Santo Estêvão de Guetim

Concelho: Espinho

Colocação: Retábulo-mor, lado do Evangelho

Designação: Santo Estêvão

Data / Século: XX

Autor: ***

Proveniência: ***

Matéria: ***

Dimensões: 95 x 32,5 x 35

Estado de Conservação: Bom

Atributos: Livro e pedras

Padroeiro: Freguesia de Guetim; Empreiteiros; Cavalos e cavaleiros (Países Germânicos)

Protecção: Cavalos; Doenças da medula espinal; Cálculos; Dores de cabeça

Invocação: Contra os cálculos e as dores de cabeça

Bibliografia: DAIX, Georges – *Dicionário dos Santos. Do calendário romano e dos beatos portugueses*. Lisboa: Terramar, 2000; HALLAM, Elizabeth – *Os Santos*. Lisboa: Centralivros, 1998; RÉAU, Louis – *Iconografía del Arte Cristiano. Iconografía de los Santos, A-F*. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1997, nº 6, Tomo II/vol. 3; ROSÁRIO, Diogo do – *Flos Sanctorum ou História das vidas de Christo e sua Santíssima Mãe*. Lisboa: Typographia Universal de Thomaz Quintino Antunes, 1870, Tomo VI, vol. XII.



Paróquia: Paróquia de Santo Estêvão de Guetim

Concelho: Espinho

Colocação: Retábulo-mor, lado da Epístola

Designação: S. Cristóvão

Data / Século: XX

Autor: ***

Proveniência: ***

Matéria: ***

Dimensões: 81 x 32,5 x 25

Estado de Conservação: Bom

Atributos: Menino Jesus e tronco de árvore

Padroeiro: Atletas; Automobilistas; Aviadores; Barqueiros; Moços de corda; Carregadores do mercado e de trigo; Passeadores; Viajantes; Peregrinos; Jardineiros; Encarregados dos viveiros; Motoristas; Ermitões; Montanhistas; Semeadores

Protecção: Árvores de fruto; Peste; Doenças dos olhos; Morte súbita sem a extrema-unção; Inundações; Dores de dentes

Invocação: Contra a peste e o mau-olhado e para curar as dores de dentes e os abcessos perto da unha

Bibliografia: DAIX, Georges – *Dicionário dos Santos. Do calendário romano e dos beatos portugueses*. Lisboa: Terramar, 2000; HALLAM, Elizabeth – *Os Santos*. Lisboa: Centralivros, 1998; RÉAU, Louis – *Iconografía del Arte Cristiano. Iconografía de los Santos, A-F*. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1997, nº 6, Tomo II/vol. 3; ROSÁRIO, Diogo do – *Flos Sanctorum ou História das vidas de Christo e sua Santíssima Mãe*. Lisboa: Typographia Universal de Thomaz Quintino Antunes, 1869, Tomo IV, vol. VII; VORÁGINE, Santiago – *La Leyenda dorada*. Madrid: Alianza Editorial, 2004; WENDY, Irmã – *Livro dos Santos*. Lisboa: Livraria Civilização Editora, 1999.